UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM MUSEOLOGIA

Paula Coelho Magalhães de Lima

Curadoria de objetos industriais: acervos de utensílios domésticos
pré-elétricos em São Paulo

São Paulo

2014

Paula Coelho Magalhães de Lima

Curadoria de objetos industriais: acervos de utensílios domésticos
pré-elétricos em São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação Interunidades em Museologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Museologia.

Área de Concentração: Museologia

Orientador(a): Profa. Dra. Heloisa Maria Silveira Barbuy

Linha de Pesquisa: História dos processos
museológicos, coleções e acervos

Versão corrigida. A versão original encontra-se na
biblioteca do MAE-USP.

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail: pcmlima@usp.br

Lima, Paula Coelho Magalhães de.

L732c Curadoria de objetos industriais: acervos de utensílios domésticos pré-elétricos em São Paulo; orientadora Heloisa Maria Silveira Barbuy. -- São Paulo, 2014.

267 f.: il., color; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo.

1. Museus de História. 2. Curadoria. 3. Objetos pré-elétricos. 4. Museu Paulista. 5. Museu da Casa Brasileira. I. Barbuy, Heloisa Maria Silveira. II. Título.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora Profa. Dra. Heloisa Barbuy pela dedicação e incentivo não só ao presente trabalho, mas ao longo de todos os anos de convívio e parceria desde 2005, quando tive o privilégio de começar um estágio junto ao Serviço de Objetos do Museu Paulista sob sua supervisão. Desde então, pude contar com sua generosa orientação ao longo de minha formação, inspirando e encorajando meus trabalhos.

Agradeço a todo o corpo de funcionários do Museu Paulista que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho, em especial Adilson José de Almeida, Vagner Gusmão, Tatiana Vasconcelos, Flávia Urzua pela dedicação e disponibilidade. Aos colegas do Museu da Casa Brasileira, pelo companheirismo e incentivo, em especial ao Wilton Guerra, coordenador do Núcleo de Documentação e Pesquisa, e aos diretores Miriam Lerner e Giancarlo Latorraca que tornaram a realização deste mestrado possível.

Às equipes do Arquivo Público do Estado de São Paulo e da Biblioteca do Museu Paulista e do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

A todos os professores cujas disciplinas tive o privilégio de cursar ao longo deste Programa. À Profa. Dra. Maria Inez Turazzi e à Profa. Dra. Marília Xavier Cury, integrantes da Banca de Qualificação, pelas inestimáveis críticas e contribuições ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos de ontem e sempre pelo estímulo e paciência. À Juliana Batista, por estar sempre ao meu lado.

Aos meus pais, Miraceile e José Carlos, sem os quais nada disso seria possível, agradeço por tudo, sempre.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo central o estabelecimento de um quadro referencial que possa contribuir para uma metodologia para gestão de acervos museológicos de uma tipologia específica aqui determinada - os utensílios domésticos industrializados e pré-elétricos. Compreendemos que a relevância desta tipologia de objetos está no papel que exerceu no processo de modernização e racionalização do espaço doméstico que culminará na eletrificação das residências ao longo do século XX. Sendo assim, traçamos aqui um panorama dos ciclos de vida destes produtos em seu contexto original de fabricação e consumo – através da investigação da publicidade que circulava em São Paulo na virada para o século XX – e sua posterior incorporação a instituições museológicas.

Tendo como hipótese que a incorporação destes utensílios a acervos de museus históricos configure uma tendência relacionada às mudanças conceituais e metodológicas que ocorrem nos campos da História e da Museologia ao longo da segunda metade do século XX, nos debruçamos sobre coleções do Museu Paulista e do Museu da Casa Brasileira, propondo uma análise da historicidade destas coleções, assim como dos parâmetros curatoriais a eles empregados, buscando então elencar as possibilidades de desenvolvimento e pesquisa dentro dos processos de curadoria desta tipologia de objetos em museus com vocação histórica.

Palavras-chave: museus; cultura material; objeto industrial; utensílios domésticos; curadoria; metodologia de coleta; documentação museológica; Museu Paulista; Museu da Casa Brasileira

Abstract

The present study is aimed at building a referential framework that may contribute to the establishment of collections management methodologies concerning a specific category of objects – pre-electrical household utensils and appliances of industrial manufacture. The relevance of such objects lies in the role they played in a process of modernization and rationalization of the household which would culminate in the spread of electrical power for residential use throughout the 20th century. Thus, we present an outlook of the life cycles these products took part in, whether in the context of their production and mass consumption in the turn-of-the-century São Paulo – for which we investigate the advertisements published in this period – whether in the context of their posterior accessioning by museums.

On the assumption that the acquisition of such objects by History museums reveals a trend linked to conceptual and methodological transformations that guide the fields of History and Museum Studies throughout the second half of the 20th century, we look into the collections of Museu Paulista and Museu da Casa Brasileira, analysing the history of these collections as well as the curatorial process they were subject to, aiming at the possibilities for research and development of this category of objects within the curatorial process of History museums.

Key-words: museums; Material Culture; industrial manufacture; household utensils; curatorship; collections development methodology; museum documentation; Museu Paulista; Museu da Casa Brasileira

Sumário

Introdução.....	08
Estrutura da dissertação.....	21
Fontes e instituições de pesquisa.....	23
Metodologia de pesquisa.....	24
Capítulo 1 – A representação dos pré-elétricos nas revistas de variedades na São Paulo da virada do século XIX para o XX.....	26
Capítulo 2 – Utensílios domésticos pré-elétricos em museus históricos paulistas.....	97
A) Os utensílios domésticos pré-elétricos no Museu Paulista da USP.....	104
B) Os utensílios domésticos pré-elétricos no Museu da Casa Brasileira.....	156
Capítulo 3 – Curadoria de utensílios pré-elétricos: caminhos possíveis.....	172
Considerações finais.....	198
Referências bibliográficas.....	199
Anexos.....	211
Anexo A – Fontes tridimensionais consultadas.....	211
Anexo B – Fontes documentais consultadas.....	219
Anexo C – Periódicos consultados.....	229
Anexo D – Listagem de publicidades do Mappin no acervo do Museu Paulista (1913-1931).....	231
Índice de imagens.....	259

Introdução

O estudo aqui apresentado tem como objetivo central estabelecer uma metodologia de pesquisa e desenvolvimento de coleções de uma tipologia específica de acervo: os utensílios domésticos industrializados e pré-elétricos. Para isto, propõe-se mapear esta tipologia nas coleções do Museu Paulista e do Museu da Casa Brasileira tendo-as como documentos e criando, a partir destas e de outras fontes documentais, um quadro referencial. Entendemos aqui como pré-elétricos aqueles equipamentos de uso doméstico, de fabrico industrial, que se inserem no processo de modernização e racionalização do espaço doméstico que culminará na eletrificação das residências ao longo do século XX. Não se trata, portanto, apenas de utensílios “não-elétricos”, mas sim de aparelhos que, apesar de ainda não utilizarem a eletricidade como fonte de energia, prenunciam a lógica de modernização dos serviços da casa na qual os eletrodomésticos se inserem.

A partir da pesquisa em fontes primárias sobre o contexto original de produção, circulação e consumo de tais produtos em São Paulo na virada para o século XX e do exame dos parâmetros curatoriais e significados atribuídos a estes objetos no momento de sua incorporação às coleções museológicas estudadas, buscamos estabelecer um panorama entre a representatividade de tais objetos em seus contextos de uso e seu potencial interpretativo para coleções de museus históricos paulistas.

Desta forma, talvez o maior desafio nesta empreitada tenha sido lidar com as diversas temporalidades envolvidas no campo de análise proposto, uma vez em que a complexidade que permeia a trajetória destes objetos entre sua vida como bens de consumo e sua transformação em bens culturais demanda a adoção de diferentes abordagens teóricas e metodológicas ao longo da pesquisa.

Partimos do entendimento que a análise do ciclo de vida dos objetos¹ – articulando fontes que elucidem os contextos de produção, circulação, consumo e uso dos objetos de determinada tipologia - aliada à investigação da biografia dos objetos – compreendendo transformações específicas dentro de estágios deste ciclo, incluindo suas trajetórias individuais dentro das instituições museológicas – pode servir como

¹ Como exemplo de proposta de metodologia híbrida que trabalha com as noções de ciclo de vida/biografia ver DANNEHL, Karin. “Object biographies: from production to consumption”. In. HARVEY, Karen. **History and Material Culture: A Student's Guide to Approaching Alternative Sources**. 1ªed. Londres/Nova York: Routledge, 2009.

baliza metodológica para pesquisas sobre estes acervos, orientando também interesses de coleta e desenvolvimento de coleções.

Para tanto, se levarmos em conta as questões que afloram na pesquisa histórica para este estudo, a definição do horizonte documental, da metodologia de levantamento e análise de fontes, das próprias questões que envolvem o estudo não só da produção dos objetos em si como também de suas representações, entre outras, já delineia um panorama de complexas escolhas a fazer. Somadas a estas preocupações, ainda nos defrontamos com duas instituições de trajetórias bastante distintas, que assumem diferentes posturas curatoriais ao longo de suas histórias.

O Museu Paulista, fundado em 1893, inaugurado em 1895, nasce como uma instituição dedicada à História Natural, dentro de um contexto de criação dos grandes museus científicos do século XIX, que ajudavam a compor um projeto de legitimação nacional através da coleta, estudo e exibição destas coleções de vocação multidisciplinar.² Sua conformação como museu propriamente histórico se dá a partir da gestão de Affonso Taunay (1917-1946), momento em que o museu assume o papel de “instrumento público e patriótico”³.

A História nacional contada a partir da perspectiva paulista era o objetivo central do museu de Taunay. Seu caráter didático, em que a conformação visual das exposições deveria transmitir a narrativa heróica proposta por Taunay, desenha uma coleção centrada nos grandes heróis nacionais e nos símbolos da prosperidade e pujança paulistas⁴.

Ao longo de décadas o Museu Paulista perpetuou a visão que Taunay criou para a instituição, mas aos poucos começou a adotar uma postura mais crítica em relação àquele, com a valorização de novas tipologias de acervo e novas abordagens curatoriais. A partir de 1989-90, impulsionado pelo Plano Diretor elaborado pelo Prof.

² Cf. FIGUERÔA, Sílvia; LOPES, Maria Margaret. “A criação do Museu Paulista na correspondência de Hermann von Ihering (1850- 1930)”. In. **Anais do Museu Paulista**, v. 10, n. 1, p. 23-35, jan. 2003.

³ Empréstimo de expressão de Dominique Poulot para descrever os museus republicanos franceses do século XIX POULOT, Dominique. “O modelo republicano de museu e sua tradição”. In. BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovação, coleções, museus**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 22

⁴ BREFE, Ana Claudia F. **O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP/ Museu Paulista, 2005 (Originalmente, tese de Doutorado defendida no IFCH/UNICAMP, 1999)

Ulpiano T. Bezerra de Meneses⁵, o Museu Paulista consolida esta nova postura ao focar seu trabalho sob a perspectiva dos estudos de Cultura Material.

Por sua vez, o Museu da Casa Brasileira segue uma trajetória que possui grandes pontos de convergência e divergência com a história do Museu Paulista. Fundado em 1970 por meio do decreto nº246 do Governo do Estado de São Paulo⁶, o Museu da Casa Brasileira nasce como Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, em um contexto de, por um lado, afirmação do poder estadual no campo da cultura, que desde a década de 1950 vinha criando uma rede de museus histórico-pedagógicos através de todo o Estado de São Paulo⁷ e, por outro, de uma tentativa de consolidação de uma política cultural do Estado com a criação de instituições museológicas também na capital como o Museu de Arte Sacra em 1969 e o Museu da Imagem e do Som em 1970.

Sob a gestão de seu primeiro diretor, Ernani da Silva Bruno, o museu finalmente recebeu seu nome atual, Museu da Casa Brasileira, em 1971, visando ampliar o escopo de atuação em torno dos “usos e costumes” da casa brasileira. Em 1986, o museu incorpora um novo interesse com a implantação do Prêmio Design Museu da Casa Brasileira, que ocorre anualmente até os dias de hoje.

Alguns anos mais tarde, o Museu da Casa Brasileira incorpora ainda o interesse pela Arquitetura, latente na diversificação de sua agenda cultural. Ainda nos anos 90, em uma busca de um redirecionamento de seu acervo, parte da coleção foi transferida para outros museus do Estado.

Tendo em vista estas variáveis, o desenho desta problemática de pesquisa se deu a partir de uma proposta de intersecção de uma série de questões latentes tanto no campo da História quanto no da Museologia contemporaneamente, sendo que talvez o fio que as entrelace seja a própria centralidade que o objeto de uso cotidiano, e em particular o objeto industrial, ganha para estes dois campos de conhecimento nas últimas décadas. Tais objetos foram tomados como objeto de estudo por diversas vertentes das ciências humanas, principalmente a partir da segunda metade do século

⁵ MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Plano diretor (1990-1995)**. São Paulo, 1990.

⁶ SÃO PAULO (estado). Decreto nº 246 de 29 de Maio de 1970. Dispõe sobre a criação do Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1970/decreto.lei-246-29.05.1970.html>. Acesso em: 24 de março de 2014.

⁷ MISAN, Simona. “Os museus históricos e pedagógicos do Estado de São Paulo”. **Anais do Museu Paulista**, v. 16, n. 2, p. 175-204, dez. 2008. p.176

XX, na esteira dos debates que o período do pós-guerra colocou sobre as práticas patrimoniais e sobre as formas de construção do próprio conhecimento histórico.

Por um lado, no âmbito da historiografia, a década de 1960 representa um momento de culminação de tendências reformadoras que vinham crescendo desde pelo menos os anos de 1930, levando em conta novas contribuições, com destaque para as contribuições da Escola dos Annales⁸. A História acadêmica, em particular as vertentes da História social e cultural, se volta para novos sujeitos, antes marginalizados, para o fazer de uma micro-história em oposição aos grandes esquemas explicativos que moldavam tradicionalmente as histórias nacionais.

[...] a história social e cultural deslocou seu estudo para as margens das sociedades modernas, modificando a noção de sujeito e a hierarquia dos fatos, destacando os pormenores cotidianos, articulados numa poética do detalhe e do concreto.

[...]

Esse reordenamento ideológico e conceitual do passado e seus personagens coincide com a renovação temática e metodológica que a sociologia da cultura e os estudos culturais realizam sobre o presente [...] Esse reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e de seus personagens, que se concentra nos direitos e na verdade da subjetividade, sustenta grande parte da iniciativa reconstituidora das décadas de 1960 e 1970.⁹

A chamada “guinada subjetiva”¹⁰ como postulada por Beatriz Sarlo, tem também sua vertente no que diz respeito à Museologia. A segunda metade do século XX coloca o museu em xeque, exigindo um novo posicionamento social e político deste tipo de instituição. As Novas Museologias irão redirecionar o foco dos museus das questões da conservação das coleções, para as relações que o museu pode mediar entre patrimônio e sujeito/sociedade.

A centralidade do sujeito, tanto para o processo histórico como para a prática museológica se delineia dentro de um cenário de “expansão tipológica do patrimônio

⁸ Cf. NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da. **Nova História em Perspectiva**. 1ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

⁹ SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. . Tradução por Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 11-18. (1ªed. Siglo XXI de España Editores, 2005)

¹⁰ SARLO, loc. cit.

histórico”¹¹ muito propício à ascensão das questões cotidianas, e conseqüentemente do objeto cotidiano, como objeto de estudo. Um dos vetores desta tendência é o desenvolvimento de estudos sob a perspectiva da cultura material que, segundo Susan Pearce, tiveram sua ressurreição nas últimas décadas do século XX, tornando-se uma importante abordagem de pesquisa acadêmica dentro das Ciências Humanas.

In recent years, after some decades in the doldrums, the interpretation of material culture has become a major academic preoccupation. One reason for this is the fact that museum collections represent the stored material culture of the past, while museum exhibitions are the principal medium through which the past is publicly presented; museums move steadily into the forefront of the picture as the past, and its tangible memorials, become increasingly a political issue in the broadest sense. A second reason is the style of much post-war thinking which shows interest in the idea of universally applicable concepts in ways in which the earlier generation of students did not, and which tends to see objects, with language, as the principal medium through which human relationships are created, expressed and validated.¹²

A incontornável materialidade das coleções museológicas as aproxima das questões da cultura material, uma vez que esta abordagem propõe o trabalho com os objetos dentro dos sistemas naturais ou artificiais que eles compõem por processos de identificação, avaliação, análise cultural e interpretação a partir de sua conformação material. A coleção do museu configura, assim, um sistema artificial e o museu neste sentido se dá como o espaço onde a cultura material é elaborada, interpretada e comunicada para o cumprimento de sua função social.

Acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva.¹³

¹¹ CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 209. (1ªed. Paris: Le Seuil, 1992)

¹² PEARCE, Susan M (ed.). **Museum Studies in Material Culture**. 1ª ed. Leicester University Press, 1989. p. 1

¹³ GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos: coleções, museus, patrimônios**. 1ªed. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, 2007. P.15

Assim, sob a ótica da cultura material, os objetos se tornam produtos e vetores das relações humanas¹⁴. Pensar o papel que o objeto cotidiano desempenha dentro desta dinâmica ganha um caráter especialmente primordial nos museus de História, uma vez que estes se estabeleceram, anteriormente, como “lugares de memória”¹⁵, tradicionalmente guardando objetos que em si materializariam a própria História, não como conhecimento científico mas como memória. Assim, a abordagem da cultura material, ao colocar o objeto cotidiano em uma posição privilegiada não só na produção historiográfica acadêmica como também museológica, garante uma nova possibilidade do fazer histórico dentro do museu.

Para além, ainda naquele contexto de expansão da noção de bem cultural, vemos a ascensão do objeto industrial dentro dos debates sobre patrimônio industrial que se acaloram nos anos 1960. Apesar dos estudos sobre o patrimônio industrial se debruçarem, ao menos em um primeiro momento, sobre o patrimônio edificado, a definição de uma “arqueologia industrial”¹⁶, abre caminho para o estudo e valorização dos produtos da indústria dentro de acervos museológicos ao mesmo tempo em que as ciências, indústria e tecnologia passam por um momento de desenvolvimento incomparável¹⁷, tendo cada vez mais impacto sobre as práticas cotidianas.

Porém, vale ressaltar que apesar da incorporação de acervos que podem contribuir para as questões do patrimônio da industrialização, como ocorreu no Museu Paulista e no Museu da Casa Brasileira, pouco se desenvolveu a reflexão sobre as problemáticas museológicas e museográficas que envolvem este campo.¹⁸

Sendo assim, este trabalho pretende servir como contribuição no que diz respeito à gestão desta tipologia de acervo, podendo indicar referências para o estudo,

¹⁴ Cf. MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico”. In. **Anais do Museu Paulista**, vol.2, no.1, 1994

¹⁵ Cf. NORA, Pierre (coord.). **Lieux de mémoire**, I-II-III. Paris: Gallimard, “Quarto”, 1997. (1ª ed. 1984)

¹⁶ Entendida aqui como “[...] o esforço multidisciplinar [...] para se estudar as manifestações físicas, sociais e culturais de formas de industrialização do passado, com o intuito de registrá-las, revelá-las, preservá-las e valorizá-las”. Contemporaneamente, sobre este mesmo entendimento, fala-se também de “patrimônio da industrialização”. KÜHL, Beatriz Mugayar. “Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação”. In. **Patrimônio: Revista Eletrônica do IPHAN**, Brasília, v. 4. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br>. Conferir KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização : problemas teóricos do restauro**. 1ª ed. Cotia : Ateliê Editorial, 2009.

¹⁷ CUENCA, Catherine. “O patrimônio contemporâneo: programa nacional e projeto europeu”. In. BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovação, coleções, museus**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 195.

¹⁸ KÜHL, 2009, p.24

documentação e coleta qualificada deste tipo de coleção, a partir da análise das duas instituições selecionadas para este estudo. Compreender as motivações para a incorporação destes acervos, indicar caminhos para traçar a biografia destes objetos, de seu contexto de consumo à sua musealização e, assim, contribuir com indicações para o desenvolvimento de metodologias de coleta as quais instituições que tenham o objeto industrial como um dos seus interesses possam recorrer, é o objetivo central desta pesquisa.

A partir destas premissas, o presente trabalho se debruça sobre a problemática proposta tendo como hipótese inicial que a incorporação de utensílios domésticos de fabrico industrial a acervos de museus históricos configure uma tendência relacionada a estas mudanças conceituais e filosóficas tanto no campo da História e da Arqueologia Industrial, como da Museologia ao longo da segunda metade do século XX.

Esta proposta de intersecção das visões da História e da Museologia se faz muito profícua para um trabalho de Museologia em nível de pós-graduação, uma vez que a interdisciplinaridade, que é parte da própria natureza da Museologia contemporânea¹⁹, permite que as questões dos museus sejam analisadas de diversos ângulos. A Museologia é capaz de instrumentar o olhar do historiador para as problemáticas específicas dos museus, assim como a História trabalha na formulação teórico-metodológica também muito cara ao museólogo.

Para tanto, pontuamos aqui algumas referências que julgamos essenciais para a fundamentação teórica deste trabalho, a começar pelos estudos que pretendem dar conta do próprio universo da mudança tecnológica ocasionada pelo desenvolvimento industrial. No cenário desenhado anteriormente, multiplicam-se os estudos dentro do eixo da História da Indústria, da Ciência e da Tecnologia, dentre os quais podemos destacar o clássico do historiador e crítico de arquitetura suíço Siegfried Giedion, *Mechanization takes command: a contribution to anonymous history*, obra que já em 1948 se debruça sobre o impacto da mecanização trazida pelo processo industrial sobre a estrutura social.

¹⁹ A questão da interdisciplinaridade na Museologia está entre as preocupações do próprio ICOM há algumas décadas, evidenciado pelo fato de as primeiras publicações do ICOFOM, o *MuWop*, trazerem justamente estudos sobre a questão da interdisciplinaridade. Cf. INTERDISCIPLINARITY IN MUSEOLOGY. **Museological Working Papers (MuWop)**. Estocolmo: Icofom/Statens Historiska Museum, n. 2, 1981.

É preciso destacar, todavia, as grandes contribuições de autores norte-americanos para este campo, como Lewis Mumford²⁰, que desde os anos 20 se dedicou a uma filosofia da tecnologia, como também à série de historiadores, engenheiros, curadores de museus, arquivistas, sociólogos e antropólogos das mais diversas vertentes que publicam no periódico *Technology and Culture*, que tem sua publicação iniciada em 1956 pela Universidade Johns Hopkins²¹ em nome da Society for the History of Technology²².

Os estudos de História da Tecnologia, em especial os norte-americanos, concentraram-se em um primeiro momento na análise técnica e nos processos de mudança tecnológica, passando recorrentemente por uma história das invenções e do pensamento técnico, encarando as Revoluções Industriais dentro de uma perspectiva funcionalista²³. Porém, é possível identificar uma tendência, principalmente a partir da década de 1970, para estudos sobre uma história social da tecnologia, focando não só o impacto das novas invenções na estrutura social, como também nas atividades cotidianas, posturas e ideologias.²⁴

Nesta vertente devemos destacar o próprio trabalho supracitado de Ruth Schwartz Cowan, *A Social History of American Technology*²⁵ que seguindo a tônica de seu trabalho precedente, *More Work for Mother: The Ironies of Household Technology*

²⁰ MUMFORD, Lewis. **The myth of the machine: technics and human development**. 1ª ed. New York: Harcourt, Brace & World, 1967. _____. **Technics and Civilization**. 1ª ed. New York: Harcourt, Brace & World, 1967

²¹ A Johns Hopkins, célebre por seu curso de medicina, foi a primeira universidade americana a criar um Departamento de História da Medicina, em 1929, que embasou a criação, em 1964, do Departamento de História da Ciência e da Tecnologia. DEPARTMENT OF HISTORY OF SCIENCE AND TECHNOLOGY. Disponível em: <http://host.jhu.edu/about>. Acesso em 24 de maio de 2014.

²² Podemos citar também o *Journal of Design History*, editado desde 1977 pela The Design History Society e publicado pela Oxford University Press. A publicação abre um novo flanco dos estudos tecnológicos focando no campo do design industrial, trazendo também estudos no campo da cultura visual e material.

²³ COWAN, Ruth Schwartz. "The 'Industrial Revolution' in the Home: Household Technology and Social Change in the 20th Century. In. **Technology and Culture**, Vol. 17, No. 1. The Johns Hopkins University Press, 1976. p. 1

²⁴ "The social history of technology goes one step further, integrating the history of technology with the rest of human history. It assumes that objects have affected the ways in which people work, govern, cook, transport, communicate: the ways in which they live. It also assumes that the ways in which people live have affected the objects that they invent, manufacture, and use. A social history of technology, in short, assumes a mutual relationship between society and technology; it also assumes that changes in one can, and have, induced changes in the other". COWAN, Ruth S. **A social history of American technology**. 1ª ed. New York Oxford University Press, 1997, p. 3

²⁵ COWAN, 1997, op. cit.

*From The Open Hearth To The Microwave*²⁶, se dedica à tecnologia doméstica e as relações de gênero que elas mediam. Carroll Pursell, que ao lado de Cowan é também autor recorrente na *Technology and Culture*, contribui com importantes reflexões na intersecção entre os estudos de tecnologia e de cultura material, destacando-se por seu trabalho *The machine in America: a Social History of Technology*²⁷ onde traça um panorama das tecnologias, sistemas e redes que se tecem a partir da produção industrial norte-americana sob uma ótica da análise social.

As referências norte-americanas tem papel central no desenvolvimento deste trabalho, uma vez que os EUA emergem já nos anos 1920 como grande nação industrializada²⁸, imprimindo na cultura ocidental não só seus modelos produtivos, como seus ideais e dinâmicas de consumo. Uma reflexão sobre o papel do ideal “yankee” para a indústria e comércio paulistas é essencial uma vez que ele salta aos olhos na análise das fontes primárias selecionadas para esta pesquisa. Os autores americanos oferecem uma perspectiva basilar sobre o desenvolvimento da indústria e a difusão tanto dos produtos como do pensamento industrialista norte-americano tão importantes neste estudo.

No Brasil, tivemos importantes trabalhos dentro deste tripé da História da Indústria, Ciência e Tecnologia a partir da segunda metade do século XX que privilegiaram o processo de desenvolvimento industrial em termos estruturais, como o trabalho de Shozo Motoyama com o livro *Tecnologia e Industrialização no Brasil*²⁹ e com sua atuação junto ao Núcleo de História e Tecnologia da USP³⁰. A obra de Milton Vargas, *História da técnica e da tecnologia no Brasil*³¹, também é fundamental, assim

²⁶ COWAN, Ruth S. **More work for mother: the ironies of household technology from the open hearth to the microwave**. 1ª ed. New York: Basic. Books, 1983.

²⁷ PURSELL, Carroll. **The Machine in America: A Social History of Technology**. Edição Kindle. (1ª ed. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1995)

²⁸ COWAN, 1997, p. 149

²⁹ MOTOYAMA, Shozo. **Tecnologia e industrialização no Brasil uma perspectiva histórica**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP/Fundação para o Desenvolvimento da UNESP/ Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

³⁰ Fundado no Departamento de História da FFLCH-USP na década de 1970 por iniciativa do Prof. Dr. Simão Mathias e do Prof. Dr. Milton Vargas com objetivo de oferecer um contraponto com a historiografia internacional, dedicando-se à Ciência e Tecnologia na experiência brasileira. Em 1988 o NHCT torna-se Centro Interunidades de História da Ciência. CENTRO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA USP. **Jornal da História da Ciência**, Edição nº 01, jan-mar de 2009. p. 3

³¹ VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP/Fundação para o Desenvolvimento da UNESP/ Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1995.

como a importante produção de Ruy Gama em *Engenho e Tecnologia*³², *História da técnica e da tecnologia: textos básicos*³³ e *Tecnologia e o trabalho na história*³⁴. Os clássicos de Warren Dean com *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*³⁵ e *O Pensamento industrial no Brasil (1880-1945)*³⁶ de Edgard Carone também são referência na delimitação deste campo de estudo no Brasil.

Publicações brasileiras fora do âmbito propriamente acadêmico também trouxeram importantes contribuições para este trabalho, oferecendo um contraponto aos grandes trabalhos que se debruçam sobre o papel do processo industrial para o desenvolvimento econômico. Os periódicos *Boletim Histórico*³⁷ e *Revista Memória Eletropaulo*³⁸, ambos editados pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, idealizado por José Alfredo Vidigal Pontes, dedicaram-se a pesquisar e difundir conhecimento gerado sobre a extensa documentação da *The São Paulo Tramway, Light and Power Company*, posteriormente Eletropaulo, focando em aspectos sócio-econômicos da industrialização e da implantação da eletricidade no Brasil³⁹. Mais recentemente, o Projeto Eletromemória uma parceria entre Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP), com participação da Fundação de Energia e Saneamento, responsável pelo acervo da Light and Power e coordenado pelo Professor Gildo Magalhães⁴⁰, também revela a valorização que o tema vem ganhando ao longo das últimas décadas.

Devemos citar também as referências sobre o patrimônio da industrialização como Margarida Davina Andreatta e seus diversos trabalhos no campo da Arqueologia Histórica Industrial a destacar a prospecção no Engenho São Jorge dos Erasmos⁴¹ e o Projeto *Memória da Arqueologia Histórica Industrial do Museu Paulista*, por ela própria concebido e coordenado, destinado a organizar toda a documentação de pesquisa dos

³² GAMA, Ruy. **Engenho e Tecnologia**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983 (originalmente, tese de Doutorado defendida pela FAU/USP, 1978)

³³ GAMA, Ruy (org.). **História da técnica e da tecnologia: textos básicos**. São Paulo: EDUSP, 1985.

³⁴ GAMA, Ruy. **Tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

³⁵ DEAN, Warren. **A Industrialização de São Paulo (1880-1945)**. 1ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro/ Editora da Universidade de S. Paulo, 1971.

³⁶ CARONE, Edgar. **O Pensamento industrial no Brasil (1880-1945)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977

³⁷ Publicado entre 1985 e 1987.

³⁸ Publicado entre 1986 e 2001.

³⁹ DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ELETROPAULO. **Boletim Histórico**, nº 1, 1985. p. 1

⁴⁰ O Prof. Gildo Magalhães também coordenou recentemente o volume MAGALHÃES, Gildo. **História e energia: memória, informação e sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2012.

⁴¹ ANDREATTA, M. D. . "Engenho São Jorge dos Erasmos: Prospecção Arqueológica histórica industrial". In. **Revista USP**, n.41. São Paulo: Edusp, p. 28-47, 1999.

54 sítios arqueológicos em que ela atuou nos seus mais de 40 anos de trabalho neste campo. Temos também como referência essencial neste campo a Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kuhl com a obra *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos do restauro*⁴².

Para além, existem alguns trabalhos recentes que focam o aspecto social da implantação de novas tecnologias, principalmente seu impacto no ambiente doméstico. Podemos citar a tese de Márcia Bonfim de Arruda, *Objetos turbulentos, territórios instáveis: uma história das representações dos aparelhos elétricos no espaço doméstico*⁴³ e o trabalho coordenado por Marilza Elizardo Britto, intitulado *A vida cotidiana no Brasil Moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970)*⁴⁴. É necessário pontuar aqui que apesar da existência destes estudos, uma análise da sobrevivência daqueles engenhos mecânicos, pré-elétricos e de sua inserção no ambiente doméstico na virada do século XIX para o XX ainda não havia sido bastante explorado, justificando inclusive o recorte escolhido para esta pesquisa.

Uma vez que a tipologia a ser estudada fora definida, se fez necessário definir as balizas cronológicas para esta investigação. Optou-se analisar o período entre 1870 e 1930 para mapear a circulação destes produtos em São Paulo por dois motivos: o período entre 1870 e 1920 é compreendido por muitos historiadores como o primeiro grande ápice de modernização decorrente do processo industrial no mundo ocidental⁴⁵, porém, no caso de São Paulo especificamente, a década de 1930 revela um significativo grau de eletrificação das residências, algo que não se apresentava até então⁴⁶, justificando o avanço do recorte para a análise dos pré-elétricos.

Outro eixo teórico-metodológico essencial a este trabalho é aquele dos estudos em cultura material que, como mencionado anteriormente, se desenvolvem de maneira profícua nas últimas décadas. As principais referências internacionais para

⁴² KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização : problemas teóricos do restauro**. 1ª ed. Cotia : Ateliê Editorial, 2009.

⁴³ ARRUDA, Márcia Bonfim de. **Objetos turbulentos, territórios instáveis: uma história das representações dos aparelhos elétricos no espaço doméstico (1940-1960)**. [Tese de Doutorado] PUCSP-História, 2010.

⁴⁴ BRITTO, Marilza E. **A vida cotidiana no Brasil Moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.

⁴⁵ SCHLERETH, Thomas J. **Victorian America: transformations in everyday life, 1876-1915**. 1ª ed. New York: Harper Collins Publishers, 1991. p. 8

⁴⁶ O número de ligações residenciais de energia elétrica em 1930 chega a marca de 150 000, tendo triplicado em apenas uma década. SILVA, João Luiz Máximo da. **Cozinha-modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 47. (Originalmente, dissertação de Mestrado defendida pela FFLCH/USP, 2002)

este trabalho, tomadas justamente por manterem íntimo diálogo com as questões museológicas são Thomas Schlereth que organiza o volume *Cultural History and Material Culture: Everyday Life, Landscapes, Museums*⁴⁷ e Susan Pearce, atualmente professora emérita do Departamento de Museum Studies da Universidade de Leicester e organizadora do livro *Museum Studies in Material Culture*⁴⁸, publicado pela mesma Universidade.

No Brasil, o principal expoente desta tendência, e tomado como referência central para este trabalho, é o Professor Ulpiano T. Bezerra de Meneses. À frente do Museu Paulista de 1989 a 1994, Meneses coloca a cultura material como abordagem central a ser adotada por aquela instituição, não só lançando um novo Plano Diretor⁴⁹ que orientará os trabalhos no Museu durante os quatro anos de sua gestão e até hoje, como também reelaborando a vocação dos *Anais do Museu Paulista* e dos estudos desenvolvidos ali.

Os *Anais do Museu Paulista* tornam-se, assim, grande referência para esta pesquisa, uma vez que servem como catalisador das discussões sobre cultura material em museus em São Paulo, reunindo centenas de artigos sob esta perspectiva, servindo como canal de difusão para estes estudos. Para além, os docentes desta instituição vem ao longo das últimas décadas desenvolvendo importantes trabalhos que tem a cultura material como baliza.

É o caso da obra da Profa. Dra. Heloisa Barbuy, *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*, publicada pela Edusp. Este trabalho se define pela intersecção entre história urbana e cultura material, abordando “aspectos como a conformação material das casas de comércio, sua respectiva inserção no espaço urbano e a circulação de bens de consumo que dinamizam”⁵⁰, tornando-se uma das principais referências para este trabalho também para as questões da dinâmica comercial da cidade.

Os trabalhos que definem e/ou incorporam as novas tendências do pensamento museológico que justificam a própria incorporação dos objetos pré-elétricos aos acervos de museu, também foram centrais ao longo do desenvolvimento

⁴⁷ SCHLERETH, Thomas J. **Cultural History and Material Culture: Everyday Life, Landscapes, Museums**. 1ª ed. Ann Arbor, Michigan: UMI Research Press, 1990.

⁴⁸ PEARCE, 1989, op. Cit.

⁴⁹ Cf. MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Plano Diretor (1990-1995)**. São Paulo, 1990.

⁵⁰ BARBUY, Heloisa Maria S. **Cidade-Exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo (1860-1914)**. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 25. (Originalmente Tese de Doutorado defendida pela FAU/USP, 2001).

deste estudo. No âmbito internacional, merece destaque a série de estudos produzidos pelo ICOFOM⁵¹, que reúne muitos dos autores responsáveis pelos delineamentos teóricos da museologia contemporânea.

No Brasil, a referência central e pioneira da Nova Museologia no país, é Waldisa Russio⁵² com suas elaborações sobre o “fato museal” que muito se relacionam com a reflexão que se pretendeu traçar aqui sobre o papel que os objetos desempenham não só dentro da coleção mas principalmente, os usos que lhe são atribuídos junto a seus públicos. O legado de Waldisa foi atualizado pela organização de seus trabalhos por Maria Cristina Oliveira Bruno, que se destaca na Nova Museologia, com a colaboração de vários dos antigos alunos e discípulos de Waldisa. Destacamos ainda a obra *Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento - Propostas e Reflexões Museológicas*⁵³, também de autoria de Bruno e a obra de Marília Xavier Cury, *Exposição concepção, montagem e avaliação*⁵⁴, também co-responsável pela tradução de *Conceitos-chave de Museologia*⁵⁵, como expoentes da Nova Museologia no Brasil.

No que diz respeito aos estudos sobre as especificidades do tratamento dos objetos em museus históricos, trazemos novamente a referência de Ulpiano T. Bezerra de Meneses com seu célebre artigo “Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico”, publicado nos *Anais do Museu Paulista*⁵⁶. Apesar de completar vinte anos no próximo ano, este artigo ainda traz questões veementemente contemporâneas sobre as relações entre museu histórico e cultura material.

Finalmente, por buscar contribuir para uma gestão qualificada deste tipo de coleção museológica, este trabalho dialoga com as preocupações da gestão de acervos pautadas por referências internacionais como o volume *Collections*

⁵¹ ICOFOM STUDY SERIES – ISS, Icofom, 1983-2012.

⁵² Cf. ARAÚJO, Marcelo M; BRUNO, Maria Cristina O; COUTINHO, Maria I. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri - textos e contextos de uma trajetória profissional**. 1ª ed. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo/Governo do Estado de São Paulo, 2010.

⁵³ BRUNO, Maria Cristina O. **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento - Propostas e Reflexões Museológicas**. 1ª ed. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

⁵⁴ CURY, Marília Xavier. **Exposição concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006. (Originalmente, dissertação de Mestrado defendida pela ECA/USP, 1999).

⁵⁵ DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM-Brasil/Secretaria de Estado da Cultura, 2013 (1ª ed. Paris: Armand Colin et ICOM, 2010)

⁵⁶ MENESES, 1994, op. Cit.

*Management*⁵⁷, editado por Anne Fahy e parte da coleção Leicester Readers in Museum Studies e do *Manual of Curatorship: a guide to museum practice*⁵⁸ organizado por John M. A. Thompson e *History Curatorship*⁵⁹ de Gaynor Kavanagh.

Estrutura da dissertação

Tecendo reflexões a partir das linhas teórico-metodológicas, delineadas pelas referências bibliográficas supracitadas, com uma preocupação em fazer dialogar tais referências com as fontes selecionadas, esta pesquisa busca dar sua contribuição no que diz respeito às relações possíveis entre cultura material, pesquisa histórica e museus, no campo da Museologia. Para tanto, a análise de diferentes fontes documentais dá a base para a discussão sobre a historicidade destas coleções, assim como sua representatividade dentro de seus contextos originais de consumo, apontando para possíveis usos e interpretações destes acervos.

Assim, quanto à estrutura deste estudo, apresentaremos em um primeiro capítulo um panorama da circulação de produtos industriais, de produção nacional ou importada, em São Paulo na virada do século XIX para o XX. Mapearemos os principais produtos em circulação, assim como as respectivas casas comerciais que os vendiam, buscando a origem dos mesmos para que possamos entender as matrizes estrangeiras que vão moldar não só os produtos como os hábitos de consumo dos paulistas.

Através da análise de peças publicitárias⁶⁰ e artigos jornalísticos, seguiremos na reflexão sobre os valores atribuídos e vinculados sobre os objetos e sua relação

⁵⁷ FAHY, Anne (ed.). **Collections Management**. Leicester Readers in Museum Studies. 1ª ed. Londres: Routledge NY, 1995.

⁵⁸ THOMPSON, John M.A. **Manual of Curatorship: a guide to museum practice**. Oxford Boston Butterworth-Heinemann, 1992. (1ª ed. Butterworths, 1984)

⁵⁹ KAVANAGH, Gaynor. **History Curatorship**. 1ª ed. Leicester/New York: Leicester University Press, 1990.

⁶⁰ Acreditamos que a publicidade “[...] traz indicadores de uma sociedade multifacetada e em profunda transformação que podem ser percebidos na distinção dos níveis de consumo - portanto, de padrões de vida -, e nos diferentes estilos e apelos das mensagens publicitárias. A publicidade nos informa, também, a respeito da paisagem urbana, na medida em que aponta novidades, como a constante inauguração de lojas, bares e cafés. Mas, sobretudo, ela é uma documentação rica para o estudo das representações que atuavam na organização da vida cotidiana e que estavam presentes nas tensões geradas pelo constante embate entre idealizações do homem e da cidade segundo padrões europeus de civilização, consumo e ordenação social e a realidade do cotidiano em um centro urbano com grupos sociais ainda um tanto indefinidos, principalmente no que dizia respeito às classes médias” LOTITO, Márcia Padilha. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20**.

com a criação destes hábitos de consumo em um esforço de compreender processos não só de circulação de produtos, mas também de circulação de idéias sobre o industrialismo na cidade de São Paulo.

Para além de revistas e jornais de grande circulação como *A Cigarra* e o *Correio Paulistano*, sublinharemos neste capítulo a publicidade veiculada por uma casa comercial que se destacou durante a pesquisa de fontes, a Casa Edison. Tecemos uma breve reflexão sobre a dinâmica que se estabelece entre o público consumidor e a Casa Edison através de sua revista/catálogo de vendas mensal *O Echo Phonographico*. A proposta deste primeiro capítulo é circunscrever os objetos domésticos pré-elétricos dentro deste cenário de modernização, buscando a sobrevivência destes aparelhos mecânicos em um momento de implantação e disseminação de outras fontes de energia, a se destacar a elétrica.

O segundo capítulo examinará a presença destes utensílios pré-elétricos nas coleções do Museu da Casa Brasileira e do Museu Paulista da USP, buscando tecer uma reflexão sobre sua incorporação aos acervos. Parte-se da hipótese de que esta incorporação se dê na esteira de transformações ideológicas pelas quais passaram a Museologia e a própria disciplina História, traçando, portanto, um breve histórico da musealização deste tipo de acervo em instituições com diferentes vocações ao redor do mundo a fim de situar as coleções selecionadas dentro deste processo. O mote deste capítulo partiu de uma indagação que surgiu ainda nos estágios iniciais da pesquisa: por que acervos que, a partir da publicidade, se podem presumir tão presentes no cotidiano da cidade e das casas em determinado período, têm tão pouca expressão em acervos de museus que, em princípio, tratam da história do cotidiano?

O terceiro e último capítulo apresenta algumas considerações sobre os acervos estudados face ao universo mapeado no primeiro capítulo, buscando elencar novas posições e possibilidades interpretativas para os mesmos. Propomos uma reflexão acerca das motivações e interesses para a inserção destes objetos em coleções, buscando o estabelecimento de um quadro referencial que pudesse orientar metodologias de estudo e incremento destes acervos.

Fontes e instituições de pesquisa

Este trabalho se debruça sobre dois universos documentais centrais: os próprios acervos tridimensionais [Anexo A], uma seleção de periódicos da São Paulo na virada do século, entre eles revistas, catálogos e jornais contendo anúncios de produtos da tipologia estudada; e os registros gerados pelos processos de documentação museológica sobre as peças incorporadas aos acervos das duas instituições selecionadas.

Este levantamento se deu nas seguintes instituições:

- Arquivo Público do Estado de São Paulo (acervo online)
- Biblioteca Nacional (acervo online)
- Biblioteca Municipal Mário de Andrade (acervo online)
- Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Serviço de Documentação Textual e Iconográfica
- Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Serviço de Objetos
- Fundação de Energia e Saneamento (acervo online)
- Museu da Casa Brasileira –Centro de Documentação (CEDOC)
- Arquivo Administrativo do Estado de São Paulo

Para o desenvolvimento do primeiro capítulo aqui apresentado, os documentos privilegiados para a coleta de anúncios foram aqueles impressos em periódicos de grande circulação em São Paulo como o *Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano*. Para além dos jornais, as revistas impressas ofereceram grandes contribuições neste sentido, uma vez que costumavam ter um público leitor ao qual se dirigiam, nos ajudando a refletir sobre a formação dos públicos consumidores destes produtos.

A princípio, nos debruçamos sobre as revistas voltadas para o público feminino, como *Revista Feminina*, *A Família* e *O Jornal das Senhoras* esperando encontrar ali anúncios dos utensílios domésticos pré-elétricos. A busca se provou infrutífera nestes periódicos, porém foi muito profícua nas revistas de variedades como *Vida Moderna*, *A Cigarra* e *O Echo Phonographico*.

O periódico da Casa Edison, *O Echo Phonographico* tornou-se central para a pesquisa, passando a merecer destaque dentro desta dissertação. Publicado e

distribuído entre 1902 e 1919, tinha “o projeto declarado da publicação, promocional, de disseminação da máquina nas práticas cotidianas”⁶¹

O Echo, ao se configurar como um catálogo de vendas, principalmente nos primeiros anos de publicação, teve papel central na formação do corpus documental desta pesquisa, já que, mais que os anúncios difundidos em grandes veículos, os catálogos não só expressam a filosofia de cada casa comercial, seus valores e projetos, como nos oferecem a possibilidade de aprofundamento sobre o nicho de mercado em que eles pretendiam se inserir e/ou formar. [Anexo A – Listagem de periódicos pesquisados]

Quanto aos registros produzidos pelos processos de documentação museológica sobre os acervos estudados no Museu Paulista e Museu da Casa Brasileira, buscamos, em um primeiro momento, nos debruçar sobre os bancos de dados informatizados, refletindo não só sobre a informação ali contida sobre as peças como também sobre o papel do Banco de Dados no gerenciamento e recuperação de informação dentro do sistema documental da instituição.

Foram consultados em uma segunda etapa os dossiês físicos das peças, assim como outros registros associados à aquisição e uso das coleções nas instituições como cartas de doação, correspondências, atas de conselhos e reuniões, registros fotográficos de exposições, publicações institucionais e material de divulgação.

Metodologia de pesquisa

A princípio, o projeto original propunha que o primeiro passo para a pesquisa fosse o mapeamento dos acervos do Museu da Casa Brasileira e Museu Paulista, considerando que este levantamento sistemático das peças existentes e sua documentação forneceria um primeiro campo empírico para o delineamento do corpus documental material, isto é, o conjunto de peças ou coleções que seria inicialmente considerado para este trabalho.

Todavia, esta ordem se inverteu ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Isto se deu pelo fato de a mestrandia já haver trabalhado com a coleção do Museu Paulista quando cursava a graduação, pois estagiou junto ao Serviço de Objetos da instituição,

⁶¹ PALMA, Daniela. “Gramofones e *gadgets* para os lares do Brasil: consumo, cultura e tecnicismo na revista *O Echo* (1902-1918)”. In. **Projeto História** nº 43, Dez. 2011. p. 251.

justamente contribuindo na catalogação de objetos de uso doméstico; unido ao fato de a aluna atualmente atuar junto ao Núcleo de Documentação e Pesquisa do Museu da Casa Brasileira, concluindo-se assim, que a mesma já tinha bastante familiaridade com as duas coleções e os respectivos sistemas documentais aos quais elas estão submetidas.

Desta forma, o campo de análise inicial tratou do estabelecimento do universo desta tipologia de objetos, potencialmente cabível nos acervos museológicos selecionados. Sob a perspectiva dos estudos em cultura material, esta primeira etapa propõe uma análise de todo o ciclo de vida dos objetos, não apenas investigando seu uso, mas também buscando analisar o universo de representações que compõem sua existência.

Optou-se por realizar uma pesquisa por amostragem em anúncios publicitários impressos em periódicos de época, em primeiro lugar, para depois prosseguir com o levantamento e análise sistemática das coleções em questão, estabelecendo um contraponto entre o panorama encontrado nos anúncios e a inserção (ou não) e uso deste tipo de objeto no Museu Paulista e no Museu da Casa Brasileira.

Capítulo 1 – A representação dos pré-elétricos nas revistas de variedades na São Paulo da virada do século XIX para o XX

Ao buscar mapear as coleções de utensílios de uso doméstico pré-elétricos em acervos de museus históricos paulistas, esta pesquisa visa tecer uma reflexão sobre sua apropriação e uso dentro destes sistemas de arranjo museológico. Os valores e significados que lhes são atribuídos durante os processos de musealização e ao longo de sua vida dentro destas instituições são, portanto, o foco principal desta empreitada.

A primeira das instituições escolhidas foi o Museu Paulista, onde a mestranda pode desenvolver durante sua graduação estágio junto ao Serviço de Objetos e pesquisa em nível de Iniciação Científica. O Museu Paulista, por se tratar de uma instituição centenária, teve ao longo de sua trajetória sucessivas gestões que dialogaram com seus contemporâneos no que dizia respeito aos conceitos de História, Memória e Museu, refletindo em uma coleção bastante eclética que sofreu diversas mudanças de diretrizes ao longo dos anos.

Em levantamento dos objetos domésticos pré-elétricos no Museu Paulista, foi possível listar peças como máquinas manuais de costura de fabricação alemã e americana, uma coleção de uma centena de ferros de passar da coleção doada por Fernando Lemos⁶², utensílios mecânicos de cozinha como batedeiras, moedores de carne e uma interessante sorveteira sueca. O acervo também possui equipamentos mecânicos de entretenimento doméstico como caixas de música e uma lanterna mágica.

Já o Museu da Casa Brasileira, criado por decreto em 1970 como Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, ganha em 1972 sua denominação atual sob a gestão do historiador Ernani da Silva Bruno. Ao longo dos anos, o Museu foi passando por diversas reestruturações em sua missão e acervo, hoje abrigando também objetos de design contemporâneo, além das aquisições iniciais de mobiliário e utensílios domésticos. Sua coleção atual possui poucos utensílios domésticos como moedores e torrefadores de café.

Os usos que tais objetos recebem dentro destas duas instituições, que não pretendem ser mais aqueles de uso ou de troca próprios da dinâmica de consumo capitalista, obedecem a critérios específicos de significação, orientados por operações

⁶² Jornalista e crítico de arte é autor do livro LEMOS, Fernando C. **O ferro de passar passado a limpo: Anotações em torno de uma coleção**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP/ Museu Paulista da USP/ Imprensa Oficial, 2003.

intelectuais próprias ao espaço museal⁶³. Porém, estas novas camadas de significados simbólicos atribuídos a estes objetos estão inevitavelmente atrelados aos valores que tais objetos carregavam em seus contextos originais de uso.

Desta forma, nos parece essencial buscar traçar o panorama de produção, circulação e consumo destes objetos enquanto bens de consumo, ou seja, antes de nos debruçarmos sobre sua transformação em bens culturais. Para tanto, elegemos como horizonte documental desta investigação anúncios publicitários publicados em periódicos de grande circulação na São Paulo da passagem do XIX para o XX, assim como catálogos de casas comerciais em operação neste período.

No presente capítulo, tomaremos este material sob duas perspectivas de análise para que possamos traçar este panorama:

1. Através do diálogo entre fontes e bibliografia, buscamos debater a problemática da produção e circulação não só dos produtos representados nos anúncios, como também a própria produção e circulação destas imagens dentro de um contexto de gênese e consolidação da metrópole paulistana;
2. Através da leitura⁶⁴ de anúncios selecionados, cujos critérios de seleção detalharemos mais adiante, buscamos aprofundar a reflexão no sentido da produção e circulação dos valores atribuídos a estes produtos, que a publicidade buscava difundir. Tais valores, intimamente ligados às bases do próprio pensamento industrialista do início do XX, vão ao fim e ao cabo, ser re-significados e requalificados quando de sua incorporação aos acervos museológicos.

Partindo, assim, das duas perspectivas acima definidas, passamos a um esforço de compreensão do contexto de produção e consumo do objeto industrial e

⁶³ Cf. LEON, Ethel. **Design em exposição: O design no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1968–1978), na Federação das Indústrias de São Paulo (1978–1984) e no Museu da Casa Brasileira (1986–2002)**. Tese de Doutorado, FAU/USP, 2012.

⁶⁴ “[...] a palavra leitura é tomada aqui sem qualquer compromisso especial com a palavra (escrita), mas se refere à identificação e organização de atributos empíricos, de natureza tanto verbal quanto visual, selecionados para atender a questões históricas concretas que possam ser propostas à imagem, tomada como fonte de informação. O sentido de leitura, pois, muito próximo, assim, de seu núcleo etimológico em que o verbo latino lego, legere [...] significa reunir, escolher, reagrupar [...]” MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “O fogão da ‘Société Anonyme du Gaz’”. Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária”. **Projeto História (PUCSP)**, São Paulo, n. 21, p. 105-119, 2000.p. 106

seu enraizamento em São Paulo, na passagem do século XIX para o XX, e suas relações com a sociedade industrial européia.

O século XIX na Europa foi marcado pelas transformações advindas das revoluções industriais. Mais do que transformações da forma de produção, o desenvolvimento da indústria modificou o próprio funcionamento do sistema capitalista, assim como proporcionou o surgimento de novas visões de mundo, imprimindo novas crenças e comportamentos, intrínsecos a novas formas de sociabilidade e novos ritmos de vida.

Se o pensamento racionalista havia desde o século XVIII ganhado espaço central entre intelectuais, e desde já se tecia sua relação com a idéia de progresso⁶⁵, o século XIX vai elevar a idéia do progresso, e entenda-se aqui o progresso material gerado pela indústria principalmente, ao status de dogma⁶⁶

La fe del siglo XVIII en el progreso, tal como lo formuló Condorcet, comenzó a partir de la ciencia, y la del XIX a partir de la mecanización. La industria, que aportó esta mecanización con su chorro incessante de inventos, tenía algo del milagro propio para excitar la fantasía de las masas, sobre todo en el período de su mayor popularidad e expansión, la segunda mitad del siglo. El período en que las grandes exposiciones internacionales son históricamente significativas – desde Londres en 1851 hasta París en 1889 – delimita más o menos este tiempo. Esos festivales en honor de las ideas de progreso, mecanización e industria declinarían apenas la fe en el milagro mecánico sin que resultara disminuida⁶⁷

Como nos fala Giedion, as Exposições Universais do XIX talvez condensem em si as ideologias que consolidarão a própria noção de modernidade. Mais do que feiras industriais, tais eventos materializavam o triunfo da indústria e, portanto, da civilização. Nas palavras de Rébérioux, “a exposição é , com efeito, criadora no mais alto ponto das representações mentais e do imaginário coletivo” ⁶⁸. As Exposições são, assim, espaços estratégicos para enraizar determinadas ideologias do imaginário burguês como da harmonia entre as nações, do progresso ilimitado, do potencial do engenho humano e, portanto, da civilização industrial.

⁶⁵ GIEDION, Siegfried. **La mecanización toma el mando**. Barcelona: G. Gili, 1978. p. 45 (1ª ed., Oxford University Press, 1948)

⁶⁶ GIEDION, loc. Cit

⁶⁷ Ibidem, p. 46

⁶⁸ RÉBÉRIOUX, 1979 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: espetáculos da Modernidade do século XIX**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 43

Tais preceitos constroem a retórica pedagógica da sociedade industrial, criando assim um cenário sedutor aos países então periféricos deste processo para se modernizar e ocupar seu espaço no “concerto das nações”. A ideologia do progresso, tão presente nas Exposições, lança como ideal comum a civilização ocidentalizada e industrializada, ajudando ao mesmo tempo a justificar e legitimar as desigualdades entre os centros industrializados e os periféricos mas também lança os últimos em uma corrida frenética pela modernização.

A participação do Brasil nestes eventos e a realização de exposições regionais e preparatórias para aqueles eventos internacionais são essenciais para o entendimento do desenvolvimento do pensamento industrialista no país. No caso de São Paulo, pequenas feiras e galerias industriais eram realizadas desde pelo menos 1875⁶⁹. Em 1917, é realizada a primeira exposição industrial, organizada de forma oficial e incentivada pelo governo Municipal, preocupado com a divulgação e incentivo à incipiente indústria local, sediada no Palácio das Indústrias, especialmente concebido para abrigar tais eventos⁷⁰.

O desenvolvimento deste processo de industrialização em São Paulo é atribuído a alguns fatores que devemos apontar aqui. É comum encontrar na historiografia sobre São Paulo periodizações bastante conhecidas como aquela postulada pelo historiador Eurípedes Simões de Paula que aponta os anos de 1870 como um *turning point* para a história da cidade, chamando o momento de “segunda fundação de São Paulo”. Não nos cabe aqui discutir a validade destas periodizações para a historiografia mais contemporânea⁷¹, porém consideramos importante tomar este período de evidentes transformações na estrutura econômica, física e social da cidade como ponto central para nossa reflexão.

O crescimento econômico alcançado a partir da segunda metade do século XIX⁷², proporcionado em grande parte pela prosperidade das lavouras de café implantadas no chamado Oeste Paulista (região de Campinas), vai ser crucial para definir os rumos do desenvolvimento da capital.

⁶⁹ Cf. BARBUY, Heloisa. “Cultura de Exposições em São Paulo no século XIX” In. LOPES, Maria Margaret; HEIZER, Alda(orgs.). **Colecionismos, práticas de campo e representações** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rk6rq>. Acesso em 20 de junho de 2014.

⁷⁰ Cf. LIMA, Paula C. M. “A Exposição de 1917 no Palácio das Indústrias em São Paulo: representações do industrialismo na metrópole nascente”. In: **Anais do VI Colóquio Latino-Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial**. São Paulo, 2012.

⁷¹ Cf. GLEZER, Raquel. “As Transformações da Cidade de São Paulo na Virada dos Séculos 19 e 20”. In: **Cadernos de História de São Paulo**, Museu Paulista da USP, vol. 3, 1994-1995.

⁷² DEAN, 1971, p. 10

As obras de infraestrutura para o escoamento do café, as primeiras iniciativas industriais voltadas para a racionalização da produção agrícola, unidas posteriormente ao movimento que transporta a elite cafeeira do meio rural para o meio urbano e da diversificação de seus investimentos em atividades propriamente urbanas como comércio, indústria e setor bancário, são fatores que impulsionarão a escalada de São Paulo ao status de metrópole.

Este movimento, que gerou o crescimento físico e demográfico da cidade para além dos limites do “triângulo”⁷³, demandava a alteração nas formas de construção e ocupação do espaço urbano, além do incremento dos serviços e infraestrutura urbana⁷⁴. Planos de melhoramentos para a cidade foram implantados após gestão, buscando colocar São Paulo nos moldes das “cidades modernas civilizadas”⁷⁵.

O alargamento de ruas, construção de parques e bulevares eram a materialização deste “espírito moderno” que São Paulo queria mostrar possuir. A expansão dos limites da cidade cria novas compartimentações físicas e sociais, propicia a mobilidade das novas elites para além do “centro velho”, mudando as formas de ocupação daquele espaço e abrindo espaço para o florescimento de uma contundente atividade comercial.

A dinâmica do comércio internacional demandava uma adequação dos países periféricos à lógica do consumo conspícuo também como forma de legitimação de sua modernidade, abrindo espaço para novas parcerias comerciais⁷⁶, novos consumidores, novos produtos. Tais produtos, que chegavam ao Brasil a bordo de carregamentos vindos prioritariamente da Europa e dos EUA, eram roupas, objetos de decoração, jóias, máquinas, alimentos, etc. que enchiam as lojas e os grandes magazines.

Desta forma, as cidades latino-americanas até final do século XIX, ainda em processo de incipiente industrialização, tornam-se grandes mercados consumidores da

⁷³ Comumente chamado de triângulo histórico, formado pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento no centro de São Paulo, marca o primeiro núcleo de ocupação da cidade. Cf. BARBUY, 2006.

⁷⁴ GLEZER, Raquel. **Chão de Terra e outros Ensaio sobre São Paulo**. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2007. p. 113

⁷⁵ Trecho não datado de um ofício emitido por Antônio Prado. In. DUPRAT, Raymundo. **Relatório de 1911 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo Prefeito Raymundo Duprat**. São Paulo: Vanorden, 1912. p. 8

⁷⁶ DEAECTO, Marisa M. **Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)**. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2002. p. 35

produção industrial européia e norte-americana⁷⁷. O grande fluxo de produtos importados permitia que o modo de vida estrangeiro, moderno, cosmopolita e civilizado, e tão almejado, se materializasse na vida paulistana⁷⁸. O comércio foi, desta forma, um dos alicerces do processo de urbanização da capital paulista, pautado no “cosmopolitismo pacifista”⁷⁹, “uma espécie de crença que o Brasil poderia estabelecer uma relação de igualdade, através de transações comerciais, com países da Europa e Estados Unidos”⁸⁰.

O comércio vem, neste sentido, articular forças internas e externas que dinamizam a economia⁸¹ e que proporcionam o próprio desenvolvimento urbano e também industrial.⁸² Se em um primeiro momento, a produção cafeeira vai garantir o desenvolvimento urbano e a dinamização da economia paulista, seu gradual declínio vai proporcionar a diversificação dos investimentos desta elite, assim como a ascensão de novos grupos derivados ou não das elites rurais e mercantis que propiciarão o primeiro surto industrial em São Paulo no início do século XX⁸³.

É discutível o papel associado à Primeira Guerra Mundial para o desenvolvimento da indústria nacional⁸⁴, como postulado tradicionalmente pela historiografia que menciona a adoção de uma política de substituição de importações, mas é fato que o conflito europeu representa um momento de diversificação do setor industrial no país.

De toda forma, é possível observar pela análise de fontes primárias, como os anúncios de jornais e revistas, que a primazia dos produtos industrializados de origem

⁷⁷ BARBUY, 2006, p. 75

⁷⁸ Ibidem, p. 77

⁷⁹ SEVCENKO, 1983 apud LOTITO, 1997, p. 4

⁸⁰ LOTITO, op.cit, p. 3

⁸¹ DEAECTO, 2002, p. 36

⁸² “O comércio mantinha-se como o pólo dinâmico do sistema de importação e exportação, organizado no período neocolonial. Na medida em que se estrutura e que se difunde, territorial e socialmente, o mercado capitalista típico de uma economia competitiva, suas pressões sobre a diferenciação e a reintegração do sistema econômico crescem em qualidade e quantidade. Surge, assim, um surto industrial propriamente dito, fortemente apoiado nos dinamismos do mercado, aos quais, em reações em cadeia, ele concorre para fortalecer. Nesse segundo momento (mais ou menos da última década do século XIX à crise de 1929), a industrialização percorre todo um ciclo de expansão. Na situação brasileira, [...] essa etapa não só envolve a substituição mais ou menos rápida da produção artesanal e da industrialização intersticial pela industrialização sistemática. Ela também pressupõe certo grau de “amadurecimento” na manifestação interna da economia competitiva, pelo menos nos dinamismos do mercado e da produção industrial que se apoiassem sobre o crescimento urbano”. FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2006. p. 281-282. (1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974)

⁸³ DEAN, 1971, p. 91-92

⁸⁴ DEAN, 1971, p. 108

estrangeira conviveu com o crescimento da produção nacional. Os anúncios do Mappin e da Casa Edison, como detalharemos mais adiante, trazem produtos tanto estrangeiros, como nacionais que “rivalizam com os estrangeiros”, aos quais são atribuídos valores semelhantes de qualidade, eficiência e modernidade.

Como discutido anteriormente, a indústria promove um movimento de racionalização e mecanização das atividades humanas, não só dentro da fábrica, mas na vida social, doméstica, cotidiana. O âmbito doméstico, encarado pela indústria como um importante mercado de expansão⁸⁵, vai incorporar a mudança tecnológica e os ideais trazidos por ela de maneira gradual, mas muito contundente, uma vez que dentro da sociedade burguesa brasileira,

A ‘casa moderna’ faz parte ativa das novas práticas de consumo, que transformaram a simplicidade dos interiores coloniais, adaptando-se a um novo modo de vida. Esse modo de vida, que chamamos genericamente de ‘burguês’, baseava-se na importância do consumo privado e conspícuo para a construção de identidades sociais e sexuais. Em outras palavras, a mercantilização dos objetos domésticos e a sua exibição privada e ostensiva marcaram um rompimento com as práticas coloniais [...] ⁸⁶

Na era do progresso material e da expansão comercial, o mercado de objetos domésticos, particularmente o das “novidades tecnológicas”, se expande uma vez que mais do que símbolos de status, tais objetos se tornam *commodities* dentro de uma sociedade onde as linhas de distinção social se vêem esmaecidas e cada vez mais permeáveis dentro de uma lógica de consumo de massa⁸⁷.

A idéia de casa burguesa, unifamiliar, está fortemente baseada em noções de conforto doméstico⁸⁸, proporcionado pelos melhoramentos tecnológicos, que servem como indicativos de sua modernidade e distinção social. Neste sentido, a casa se tornou importante mercado para a indústria, principalmente de produtos que

⁸⁵ Cf. COWAN, Ruth Schwartz. “The ‘Industrial Revolution’ in the Home: Household Technology and Social Change in the 20th Century. In. **Technology and Culture**, Vol. 17, No. 1. The Johns Hopkins University Press, 1976.

⁸⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material**, São Paulo (1870-1920). 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 22. (Originalmente, tese de Doutorado defendida pela FFLCH/USP em 2001)

⁸⁷ RAIZMAN, David. **History of Modern Design: Graphics and Products Since the Industrial Revolution**. 1ª ed. Londres: Laurence King Publishing, 2003. p. 29

⁸⁸ LEON, 2012, p. 63

facilitassem os serviços domésticos ou que proporcionassem maior conforto ou diversão para a família, tornando-se uma “expressão dos maquinismos modernos”.⁸⁹

Assim, os objetos mecânicos, importados ou de fabricação nacional (mas ainda de matriz estrangeira), comercializados pelos mais diversos estabelecimentos comerciais, traziam em si o próprio sentido da modernidade: progresso material, maquinismo e tecnicismo como marcas da civilização, além do consumo como idéia central para o cosmopolitismo e sociabilidade burguesas⁹⁰.

Dentro do contexto de “febre da novidades”⁹¹ o objeto mecânico industrializado vai ganhar contornos ainda mais sedutores, à medida que sua íntima relação com a noção de velocidade, imposição cabal da vida moderna, lhe confere um status quase transcendental.⁹²

No caso dos aparelhos de uso doméstico é a publicidade, atividade que ganha importante projeção neste contexto, que vai assumir a tarefa de formação de uma sociedade de consumo de massa, no sentido de difundir estes ideais, associando-os aos produtos anunciados.

Nos termos da nova tecnologia publicitária, essa palavra se torna a peça decisiva para captar e mobilizar as fantasias excitadas e projeções ansiosas da metrópole fervilhante. Não há limite para o seu uso e, embora na sua raiz ela comporte um mero registro temporal, na semântica publicitária ela capitaliza as melhores energias da imaginação e se traduz, por si só, no mais sólido predicado ético em meio à vasta expectativa por uma vida melhor.⁹³

Ruth Schwartz Cowan, ao estudar o impacto das novas tecnologias nas tarefas domésticas de donas de casa norte-americanas no início do século XX, se debruça sobre anúncios publicitários voltados para o público feminino, buscando entender se

⁸⁹ FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA DE SÃO PAULO. **História, energia e cotidiano exposição inaugural do Museu da energia - Núcleo de Itu**. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2000. p. 26

⁹⁰ LOTITO, 1997, p.113

⁹¹ BARBUY, 2006, p. 77

⁹² “O deslumbramento com a técnica e os maquinismos do mundo moderno estava relacionado às experiências inusitadas que eles proporcionavam aos sentidos e a uma forma de percepção especificamente marcada pela distração e fragmentação, conforme destacou Walter Benjamin ao tratar da flânerie e da obra de arte, em seus conhecidos trabalhos sobre a modernidade.” LOTITO, op. cit., p. 120. Cf. BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema de Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (1ª ed. 1968)

⁹³ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 228

os atributos associados aos aparelhos para o lar de fato representavam uma diminuição significativa de tempo, trabalho ou investimento nas tarefas da casa e o impacto social que eles tiveram na vida e sociabilidade domésticas. Ela conclui que apesar da introdução destes aparelhos representar grandes mudanças na forma como eram executadas as tarefas, a economia de tempo ou dinheiro eram logo anuladas pela ascensão de novas demandas, novas necessidades para a casa moderna.⁹⁴

A publicidade dos utensílios industriais, neste sentido criaria as próprias mudanças no ambiente doméstico que alimentaria por sua vez, o próprio desenvolvimento de novos produtos industriais para o lar:

Thus the advertisers could well be called the "ideologues" of the 1920s, encouraging certain very specific social changes – as ideologues are wont to do. Not surprisingly, the changes that occurred were precisely the ones that would gladden the hearts and fatten the purses of the advertisers; fewer household servants meant a greater demand for labor and timesaving devices; more household tasks for women meant more and more specialized products that they would need to buy; more guilt and embarrassment about their failure to succeed at their work meant a greater likelihood that they would buy the products that were intended to minimize that failure.⁹⁵

Neste sentido, a publicidade ajudaria a fazer a ponte entre mudanças sociais e mudanças tecnológicas. A imprensa, também beneficiada pela modernização técnica, se junta, portanto, às forças modernas em franco desenvolvimento na virada para o século XX como o comércio e a indústria, à medida que é responsável pela difusão destes produtos, e conseqüentemente das representações da modernidade atribuídas a eles.

A revista talvez tenha sido o veículo mais eficiente neste sentido, catalisando a força da publicidade para públicos variados, porém especializados para cada publicação⁹⁶. Os jornais, de circulação mais difusa e generalizada, também tem papel importante neste contexto, apesar de tradicionalmente apresentarem conteúdo mais informativo e menos publicitário nesse período.

⁹⁴ Cf. COWAN, 1983.

⁹⁵ COWAN, 1976, p. 21

⁹⁶ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. 1ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2001. p. 244

Destacamos aqui algumas publicações que foram centrais para esta pesquisa, seja por sua grande circulação ou pela especificidade dos temas que abordam.

Começamos pela revista *A Cigarra*, publicada entre 1914 e 1975, tinha circulação tanto na capital como no interior com tiragem semanal entre 15 e 30 mil exemplares, sendo que já em seu nono número, alcançara a marca de 25 mil exemplares⁹⁷.

Categorizada ora como “revista de variedades” ora como “revista feminina”⁹⁸, a *Cigarra* buscava atingir um público variado, a despeito de uma leve inclinação para o público feminino, evidenciado por seções como “Colaborações das Leitoras” e dos concursos para eleger os “melhores partidos” da cidade⁹⁹. O perfil editorial d’*A Cigarra*, marcado pela profusão de ilustrações e fotografias, combinada a crônicas jornalísticas, poemas, receitas, colunas sociais e publicidade, foi largamente adotado por outras publicações. Para além, *A Cigarra*, assim como outros periódicos do gênero, vendia espaços para anúncios dos comerciantes, tornando-se importante meio de difusão de produtos e serviços [imagem 1].

Imagem 1 – Chamada para anunciantes em *A CIGARRA*, ano 1, n.º 14. 11 de Dezembro de 1914, p. 5. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

⁹⁷ CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915** São Paulo e papel e tinta. São Paulo: Educ/FAPESP/ Imprensa Oficial Arquivo do Estado, 2000. p. 105

⁹⁸ Ibidem

⁹⁹ *A Cigarra*. 20 de janeiro de 1915.

Assim, os anúncios publicados na *Cigarra* cobriam uma diversidade de ramos da indústria, sendo possível observar a abrangência do público que a publicação desejava atingir, uma vez que se encontram anúncios que iam de máquinas agrícolas a sapatos, de automóveis a utensílios e aparelhos de uso doméstico. Estes últimos, em especial os pré-elétricos, objetos de estudo desta pesquisa, aparecem em maior profusão nos primeiros cinco anos da publicação, convivendo com anúncios de utensílios elétricos, mas dando cada vez mais espaço a estes últimos e também aos anúncios de automóveis, que passam a ser encontrados em profusão na revista na década de 1920¹⁰⁰.

Esta situação pode se dar pela disponibilidade de fornecimento de energia elétrica para usuários domésticos no início do século em São Paulo. Segundo dados da Fundação de Energia e Saneamento, o número de instalações residenciais da Light & Power em 1901 era de apenas 1046 consumidores¹⁰¹, sendo que seu uso para a indústria em 1907 alcançava só 5% das fábricas¹⁰². Em 1920, o número de usuários domésticos havia crescido para 51 348¹⁰³, em uma cidade de 579.000 habitantes¹⁰⁴. Por outro lado, o fornecimento do gás como fonte de energia doméstica representava metade da distribuição da The São Paulo Gas Company já em 1910, chegando a 89% do consumo de todo o gás em São Paulo ser destinado ao uso doméstico em 1928¹⁰⁵.

G.B.L. Wilson nos fala da experiência norte-americana de eletrificação das casas:

Although electricity had been introduced as a public service in the last two decades of the nineteenth century, its progress in the household was slow, for two reasons. First, it was an expensive form of energy and not many houses have a supply installed; secondly, coal gas was very firmly entrenched for lighting, heating, and cooking, and was capable of strongly resisting any opposition – a virtue which

¹⁰⁰ É interessante notar como *A Cigarra* na década de 1920 também é tomada por anúncios de medicamentos e produtos de higiene e beleza.

¹⁰¹ FUNDAÇÃO DE ENERGIA E SANEAMENTO. *Publicidade da Light – Serviços de Eletricidade S/A*, 1958.

¹⁰² SILVA, 2008, p.38

¹⁰³ Ibidem, p. 47

¹⁰⁴ FUNDAÇÃO SEADE. **Censo Populacional da Cidade de São Paulo**. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/500anos/consulta.php>. Acesso em 18/08/2013. Não existe levantamento de número de pessoas por domicílio na década de 1920, mas é possível fazer uma projeção baseada nos dados de 1960, onde constam uma média de 4,6 pessoas por domicílio. Mesmo que o número de pessoas chegasse a seis por domicílio em 1920, o fornecimento de energia elétrica só alcançaria metade deles.

¹⁰⁵ SILVA, op. cit., p. 41

became a necessity in the twentieth century and which has served it well.

[...]

All the mechanical devices in the nineteenth-century household were operated by hand: the washing-machines, the mincers, the apple-parers, the knife cleaners, the mangles, and even the ice-making machines. But the twentieth century saw the development of the small electric motor, and this gradually took over all the hand-operated gadgets.¹⁰⁶

A supremacia do gás como fonte de energia foi um desafio para as empresas de fornecimento de energia elétrica, uma vez que o nicho de mercado que as residências representavam era muito promissor, por ser estável e ter maior demanda em períodos de menor consumo pelas fábricas¹⁰⁷. As empresas de energia elétrica norte-americanas, por exemplo, passaram a incentivar a produção e venda de equipamentos elétricos para o lar, montando lojas de varejo para estes itens e empreendendo campanhas publicitárias neste sentido¹⁰⁸.

No caso brasileiro, especificamente o de São Paulo, guardadas as devidas proporções, é possível enxergar situação similar à americana nas primeiras décadas do século XX. Além do custo da instalação elétrica, as companhias de energia elétrica buscavam vencer a possível resistência ao consumo deste tipo de energia com campanhas de exaltação dos benefícios da eletricidade e do uso de equipamentos elétricos no lar¹⁰⁹.

Entre o fim do século XIX e o começo do século XX, a eletricidade era uma novidade que intrigava e assustava seus potenciais consumidores. Por isso, sua incorporação ao cotidiano não foi imediata e demandou estratégias de popularização e campanhas

¹⁰⁶ SINGER, Charles J; WILLIAMS, Trevor I. **A History of Technology**. Oxford: Clarendon Press, 1954-58. p. 1128

¹⁰⁷ DAY, Tanis. "Capital-labor substitution in the home". In. **Technology and Culture**, Vol. 33, No. 2. The Johns Hopkins University Press, 1992. p. 307

¹⁰⁸ DAY, loc. Cit.

¹⁰⁹ Barbuy nos fala dos espetáculos à base de eletricidade produzidos no âmbito das Exposições Universais como expressões do poder da tecnologia moderna, demonstrando relação com este movimento das companhias de eletricidade em vender as instalações elétricas como expressões daquilo que havia de mais moderno. Cf. BARBUY, Heloisa. **A Exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 72-80

de esclarecimento público por parte das empresas fornecedoras de energia.

Isso era feito, geralmente, em loja de produtos elétricos, que funcionavam junto às agências, onde se vendiam desde peças necessárias às instalações [...] até eletrodomésticos e pára-raios.

A publicidade desempenhou um papel fundamental nessa empreitada. Empresas estrangeiras, como a Light, apelavam a lendas brasileiras para apresentar a eletricidade, procurando, assim, estabelecer um diálogo com o público.

Esse tipo de campanha se mantém até meados dos anos 30, quando assume também um cunho pedagógico. [...] ¹¹⁰

Tais fatores talvez justifiquem a convivência de anúncios de equipamentos elétricos e mecânicos nos anúncios d' *A Cigarra* e de outros periódicos aqui estudados [imagem 2].

**Companhia Paulista
de Electricidade ::**

REPRESENTANTES DA

Allgemeine Elektrizitäts Gesellschaft-Berlin

Teleph. 1062 :: RUÁ S. BENTO :: Caixa. 459

MOTORES :: TRANSFORMADORES ::
MATERIAL PARA LINHAS DE ALTA
TENÇÃO

☑ **INSTALAÇÕES EM CI-** ☑
☑ **DADES E FAZENDAS** ☑

CENTRO TELEPHONES :: TELEPHO-
NES BERLINER :: FIOS E ISOLA-
DORES

Lâmpadas "AEG - NITRA"

consumo $\frac{1}{2}$ Watt por vela

ULTIMOS TYPUS

50 velas	consumo	25 watt
100 "	"	50 "
200 "	"	100 "
400 "	"	200 "
600 "	"	300 "
1000 "	"	500 "
2000 "	"	1000 "

**Reduzem sua conta de luz
á metade**

Imagem 2 – Anúncio da Cia. Paulista de Eletricidade em *A CIGARRA*, Ano 2, nº 28. 16 de Outubro de 1915, p. 3. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

¹¹⁰ FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA DE SÃO PAULO, 2000, p. 8

Todavia, é possível notar que entre as tecnologias mais comuns implantadas na casa, aquelas ligadas à infraestrutura (como fornecimento de água, gás, eletricidade, esgoto, recolhimento de lixo, etc.), à execução de serviços domésticos (limpeza, processamento de alimentação, etc.) e ao armazenamento de alimentos (equipamentos para preservação de alimentos ou novas possibilidades de alimentos industrialmente processados e preservados); são pouco encontradas nos anúncios d'a *Cigarra* [imagens 3 e 4]. É possível notar, porém uma maior incidência de equipamentos voltados para o entretenimento doméstico [imagens 5 e 6].

Imagem 3 – Um dos poucos anúncios de equipamentos para serviços domésticos em A CIGARRA, ano 1, nº 12. 29 de Outubro de 1914, p. 55. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Imagem 4 – Um dos poucos anúncios de equipamentos para serviços domésticos em A CIGARRA, ano 11, nº 208. 15 de Maio de 1923, p. 19. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Desejaes ver vossos filhos e netos alegres e felizes ?
 Presentai-os com um "Grammophone,, e alguns
 "Discos,, da CASA EDISON e proprios da sua idade
Por 22\$000 para cima

podem adquirir hoje um bello Grammophone e divertir-se com elle quando quizer. Elle canta as melhores modinhas, melhores cançõnetas, os melhores e preferidos trechos de operas e operetas. Fornece musica para bailes e festas caseiras, estando sempre prompto a distrahir as crianças e adultos. Novos modelos: de 30\$ por 22\$, de 55\$ por 32\$, de 60\$ por 35\$, de 85\$ por 46\$, de 105\$ por 68\$, de 225\$ por 85\$, e outros de 250\$ a 750\$ mais barato que em qualquer outra casa do Brasil.

Os melhores discos vendemos por estes preços :
 Odeon de 35\$ por 35\$00, de 45\$ por 25\$, de 25\$00 por 15\$00 — Columbia de 45\$ por 25\$
 Victor de 25\$00 por 15\$00 — Agulha Condor as melhores, milheira 85\$ agora por 45\$.

Aproveitem os preços actuaes ! — Nunca poderão comprar por preços eguaes !
Discos de grande successo da actualidade

La Revue du 14 Juillet (em 2 partes com acompanhamento da musica da Grande Republicaine de Paris. Serão tocadas no Hippodrome de Longchamp).
 La Marseillaise pela musica da grande republicana de Paris.
 Paris - Belfort (Delle avec tambours et choros pela musica da grande republicana de Paris).

Le Sacre de Napoleon I.^{er} (em 2 partes)
 Reconstituição historica baseada em documentos literarios e musicos da época por L. Julien Rousseau (Paris).

Die Wacht Rhein (Emil Munch)
Echos du Tyrol
 Canto Tiroler pelo Burgert
 Hymnos de todas as nações em discos duplos
 Preço de cada um - 3\$500

PEDIDOS A
Gustavo Figner
Casa Edison
 Rua 15 de Novembro, 55 - S. Paulo

Imagem 5 – Anúncio da Casa Edison em A CIGARRA, ano 1, nº 12. 29 de Outubro de 1914, p. 8. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

**Temporada lyrica a qualquer tempo
 e em propria casa**

é o privilegio de todos que possuem um bom gramophone e bons discos da Casa Edison de S. Paulo

Escolhem seus proprios artistas dentre os mais famosos cantores, musicos e actores. Arranjam um programma a seu gosto e ouvem-no quando quizerem. Para podar julgar o valor de discos, que temos em grande quantidade para sua escolha, publicamos aqui alguns numeros dos famosos discos "VICTOR", que importamos directamente, sem intermediarios, da "Victor Talking Machine Company, de Camden, e vendemos a preços da fabrica, não obstante o cambio baixo.

Tenor ENRICO CARUSO, — 25 centímetros — Preço 45000.
 87092 Costa pe' me; canção napolitana.
 87095 Love is mine.
 87122 Desvius.
 87128 Paganella; canção florentina.
 87135 Ma non Lescout "Dante non vidi mai".
 30 centímetros — Preço 105000

Solos de Piano por W. PACHMANN
 25 centímetros — Preço 45000.
 64265 Mazurka, Sharp minor (Chopin)
 30 centímetros — Preço 45000.
 74501 La Filleuse (Raffi).
 74509 Ballade (Chopin).
 Solos de Violoncello por VICTOR HERFFET.

Imagem 6 – Anúncio da Victor TalkingMachine em A CIGARRA, Ano 2, nº 28. 16 de Outubro de 1915, p. 47. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Grande parte destes produtos de entretenimento doméstico anunciados na *Cigarra* era da Casa Edison e suas sucursais (como a Casa Odeon ou o Bazar

Yankee), de Gustavo Figner. Os irmãos Figner, Frederico e Gustavo, deixaram sua terra natal, a Tchecoslováquia, para emigrar para os Estados Unidos no final do século XIX. Frederico se estabelece em Belém do Pará em 1891 fazendo exposições da “máquina falante” de Edison¹¹¹. No ano seguinte, estabeleceu-se no Rio de Janeiro onde fundaria a Casa Edison em 1900. Seu irmão Gustavo, fundou a sucursal de São Paulo em 1902.

Considerados pioneiros e grandes responsáveis pelo desenvolvimento do mercado fonográfico no Brasil¹¹², os irmãos Figner e a Casa Edison são também peças centrais para compreender a circulação de novidades tecnológicas em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Isto porque a casa que se intitulava “um bazar de novidades”, se empenhava em difundir e comercializar os mais variados produtos industriais vindos de todo o mundo, principalmente dos EUA.

Vale aqui fazer um parêntese sobre a indústria norte-americana no início do século XX e sua projeção no mercado internacional para que possamos compreender alguns anúncios de produtos da Casa Edison. O sistema de produção industrial norte-americano teve sua origem nas primeiras décadas do século XIX com o torno para fabricação de canos e cabos para armas de Thomas Blanchard¹¹³ e por isso foi chamado “armory practice”¹¹⁴. Eli Whitney, inventor do descaroçador de algodão, foi o primeiro a implantar a criação de Blanchard em uma linha de produção industrial em sua fábrica de armas em Whitneyville¹¹⁵.

Este sistema consistia na transferência de movimentos e habilidades humanas para as máquinas, buscando criar peças uniformes e idênticas que pudessem se montadas para formar um objeto final¹¹⁶. A possibilidade de se fazer armas com partes intercambiáveis, influenciou todo o sistema de produção norte-americano que incorporando este princípio de divisão de partes e etapas de trabalho¹¹⁷, iria revolucionar todo o sistema produtivo industrial no mundo com Henri Ford, já na década de 1910.

¹¹¹ MACHADO, Cacá; MORAES, José Geraldo Vinci de. “Música em conserva”. In. **Revista Auditório**. São Paulo: Instituto Auditório Ibirapuera, 2011.p. 17

¹¹² MACHADO; MORAES, 2011, p. 17

¹¹³ PURSELL, 1995, Edição Kindle.

¹¹⁴ Idem

¹¹⁵ GIEDION, 1978, p. 65

¹¹⁶ Ibidem, loc. cit.

¹¹⁷ GIEDION, 1978, loc. cit.

Talvez a maior diferença entre o desenvolvimento industrial europeu e norte-americano seja que este último se deu desde o princípio no sentido de mecanizar ofícios bastante complexos. Se as primeiras indústrias européias foram a têxtil e a de fundição, as americanas foram pioneiras no refino de farinha e na produção de armamento¹¹⁸.

Para além, o culto à invenção tecnológica parece ter ganhado contornos muito específicos nos EUA, onde é possível notar um verdadeiro “fervor coletivo”¹¹⁹ em torno da invenção a partir de 1860, com a exportação de inventos e patentes para a Europa e grande parte dos países da América Latina e Ásia¹²⁰, rivalizando assim com as grandes nações industrializadas européias.

Desta forma, no início do século XX, os EUA já haviam emergido como grande nação industrializada e moderna, produzindo uma variedade sem precedentes de máquinas pensadas para a economia de tempo e mão-de-obra não só para a indústria como para o ambiente doméstico. A indústria é responsável pela expansão do imperialismo norte-americano pelo mundo não só no sentido econômico como também político e, notadamente, cultural.

A difusão dos modelos e produtos norte-americanos em São Paulo é evidenciado pela idealização do “yankee” tanto em anúncios de produtos, como no próprio discurso do pensamento industrialista paulista. A título de exemplo, o jornal *O Estado de S. Paulo*, ao se referir à Primeira Exposição Industrial de São Paulo realizada em 1917 no Palácio das Indústrias, a classifica como “uma atividade verdadeiramente yankee”¹²¹.

Este “yankismo” fica bastante evidente tanto na postura editorial como no próprio formato do *Echo Phonographico*, periódico publicado pela Casa Edison entre 1902 e 1917, misto de catálogo comercial e revista de variedades¹²². O catálogo de vendas, formato bastante comum também na Europa, se consolida no século XIX como veículo emblemático da forma de se fazer comércio nos Estados Unidos¹²³,

¹¹⁸ GIEDION, 1978, p. 53

¹¹⁹ Ibidem, p. 54

¹²⁰ PURSELL, 1995, Edição Kindle.

¹²¹ *O Estado de S. Paulo*. 30 de Setembro de 1917.

¹²² PALMA, 2011, p.2

¹²³ Cf. KELLER, Alexandra. “Disseminação da Modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência”. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R (org). **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

inaugurando uma nova forma de agenciar o desejo consumidor e consolidar nichos de mercado.

Alexandra Keller compara os catálogos de vendas por correspondência ao cinema norte-americano por sua capacidade de difundir discursos através da reprodução mecânica de imagens e idéias e de sua disseminação em massa. Ao estudar os catálogos da Sears, Roebuck & Company, usados para vendas por correspondência para todo o território norte-americano, a autora aponta para o potencial que tais publicações tinham de criar um público consumidor para além das grandes metrópoles através da manutenção do desejo consumidor pela representação imagética dos produtos¹²⁴.

Os catálogos buscavam reproduzir e representar as ruas caóticas de comércio das metrópoles modernas através da profusão de anúncios, produtos e informações contidas em cada edição, promovendo uma “flanerie à distância”, onde apesar do sujeito ser imóvel e passivo, o movimento sugerido pelo bombardeio de novidades contidas nos catálogos faz analogia à dinâmica da cidade moderna e aos ideais de acumulação e consumo burgueses¹²⁵.

Os catálogos da Sears [imagem 7] educavam seu público para a compra por correspondência, para o hábito de se admirar estas “vitrines impressas” e de consumir produtos “do jeito moderno”¹²⁶. Outros estabelecimentos ao redor do mundo também adotaram o catálogo de vendas como forma de construção de públicos consumidores, como é o caso da loja de departamentos Samaritaine, fundada em Paris, em 1869, que produzia catálogos de vendas em diversos idiomas [imagem 8].

¹²⁴ KELLER, 2004, p. 224

¹²⁵ Ibidem, loc. cit.

¹²⁶ KELLER, op. cit., p. 241

THE WORLD'S BEST WASHING MACHINE

MORE THAN 40,000 IN SATISFACTORY USE

EVERYONE KNOWS that a good washing machine is the biggest labor saver that has ever been invented for the household use and that it will wash the clothes quicker and easier than anyone can wash them on the old fashioned tub board and no steam. We hardly think there is any need for us to put forth any argument as to why you ought to have a washing machine. Because the washing machine has come into such universal use that we feel sure everyone fully realizes just what a big labor and time saver it is. However, there are many washing machines and they are almost worthless, and for this reason many people have been disappointed against the use of a wash machine. We want to impress on you the high quality of our wash machine, and the very liberal trial and guarantee under which we sell them. You are protected in every way against an unsatisfactory machine when you buy from us, as under our cash agreement you can return the machine to us if you are not satisfied in every respect and get a money refund. We are, therefore, including what you paid for freight charges.

No. 11H7513 1/4
\$6.95 SHIPPED FROM CHICAGO

BEST CEDAR TUB GRAY IRON CASTINGS WORKMANSHIP

WIZARD

A FEW LETTERS WHICH BACK UP OUR CLAIMS FOR THE HIGH SPEED WIZARD

THE MACHINE TO BUY

OUR HIGH SPEED WIZARD WASHER is the machine the "TEST" word the latest washing machine that has ever been placed in any household. It is the machine that has been used by more than 40,000 households in the United States and is the machine that has been used by more than 40,000 households in the United States. It is the machine that has been used by more than 40,000 households in the United States. It is the machine that has been used by more than 40,000 households in the United States.

THERE ARE MORE THAN 40,000 HIGH SPEED WIZARD WASHERS IN USE and all are doing perfect satisfaction. This fact is the best evidence of the high quality of the machine. It is the machine that has been used by more than 40,000 households in the United States. It is the machine that has been used by more than 40,000 households in the United States. It is the machine that has been used by more than 40,000 households in the United States.

NEVER HAD ANY FAITH IN A WASHER TILL SHE TRIED OUR HIGH SPEED WIZARD

3522 Jersey Lind St., McKeesport, Penn., Sept. 1, 1912.

Dear Sirs:—I have received my Wizard Washer that I ordered from you and find it all right. My wife never did have any faith in washers, but she said this one is all right.

Yours truly,
HARRY RINEBOLT.

DESCRIPTION OF THE HIGH SPEED WIZARD WASHING MACHINE.

In the preceding page we stated that the High Speed Wizard Washer was the best washing machine that any household could desire. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design.

CONSTRUCTION. The best of materials is used in every part of the High Speed Wizard Washer. The tub is of the best quality of material and is of the best quality of material. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design.

OPERATION OF THE HIGH SPEED WIZARD.

The operation of the High Speed Wizard Washer is very simple. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design. It is a machine that is a perfect example of the highest quality of workmanship and the most perfect of design.

No. 11H7513 1/4 High Speed Wizard Washing Machine. Weight, 60 pounds. Shipped from factory in Chicago or from our Chicago store when other goods are ordered. Price, \$6.95.

1014. SEARS, ROEBUCK AND CO. CHICAGO, ILL. Sewing Machines Ready in a Warehouse in a City Near You. SAY THE WORD. 1015

GRANDS MAGASINS DE LA

SAMARITAINE

75, RUE DE RIVOLI ET RUE DU PONT-NEUF
PARIS

PHOTOGRAPHIE ET OPTIQUE

CHAMBRE PLIANTE 9x12. entièrement gainée maroquin, 2 écrous au pas de vis, obturateur aluminium, soufflet peau, porte-objectif aluminium en U, mise au point par crémallière, décentrement dans les deux sens, en hauteur par vis, en largeur par serrage, viseur redresseur dans les deux sens, glace dépolie à capuchon, obturateur métallique à la pose et à l'instantané avec vitesses variables jusqu'à 1/100". Déclenchement au doigt, diaphragme 1/6, chassis simple en pochette et déclencheur métallique.

Avec Objectif Rectiligne extra-rapide, très lumineux, ouverture F: 8. 65^{fr.}

Avec Objectif Anastigmat "Diagon" F: 6, 8, 6, 6, 6, 6, 6, 6. 95^{fr.}

Imagem 7 - Catálogo da Sears, Roebuck & Company, n.124, de 1912 – Anúncio de máquinas de lavar roupas – Acervo digital de Winterthur Museum Library. (Wilmington, EUA)

O *Echo* assume um formato bastante similar ao destes catálogos estrangeiros, especialmente os americanos: oferece a possibilidade de compras por correspondência para os clientes do interior, assim como incentiva que os clientes visitem suas lojas na capital, além incentivar que seus assinantes divulguem a publicação em troca de brindes [imagem 9]. Além disso, o *Echo* trazia não só anúncios dos produtos comercializados na casa, como também matérias sobre novas descobertas da ciência e novos inventos tecnológicos, assim como explicações sobre o funcionamento de aparelhos [imagem 10], perfis de inventores [imagem 11], charadas [imagem 12], em uma tentativa quase pedagógica de ensino científico e técnico, mas voltada para o consumo.

Imagem 9 – Brindes oferecidos pela revista O ECHO, Ano 4, nº47. Janeiro de 1906, p.2. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Imagem 10 – Matéria sobre o funcionamento de um motor elétrico em O ECHO, ano 15, nº1. Julho de 1916, p.19.
Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Imagem 11 – Perfil de Santos Dumont em O ECHO, ano 15, nº1. Julho de 1916, p.7. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

BUSILIS

As Ilustres Coléguas col-
bordadoras desta secção

Edipo

deseja muitas felicidades no decorrer
do anno novo. 1-06

TOURNEO DE JANEIRO

Os srs. Figner Irmãos, proprietários da
CASA EDIPUS, offerecem um premio ao de-
cifrador de maior numero de problemas.

N. 1 — *Enigma illustrado* :

N. 2 — *Enigma* :

N. 3 — *Logogriphe* (Ao coléga Caipira
Paulista) :

O animal que encontrei no caminho 1, 16,
14, 15, 11
Habitante da selva sombria 9, 11, 13, 6,
10, 4
Comendo a tal fructa, elle corre 8, 17, 12,
2, 4, 13
Sem parar, toda a noite e de dia 7, 8, 4, 5
E com isso o poema foi creado
Pelo poeta que outr'ora vivea
Lá na Grecia; o seu nome n'historia
Nunca mais seu auctor esqueceu.
(Chiquinha,
Casa Branca)

N. 4 — *Charada enigmatica* :

(Ao valente Chib Tupito)
Na primeira parte da charada
Está o resto, olá, si está?
Porém, no todo o canarada
Nome de planta encontrará.
(Marellino Carrapato,
Barra do Pirahy, — Rio)

N. 5 — *Charada antiga* :

Vespa dammuhla, importuna, 3
Animal insupportavel 1
Acharei aqui nesta arvore 1
Junto a um rio navegavel.
(Pezelco,
Santo Antonio da Lagôa—Minas)

N. 6 — *Charada apocopada* :

3—Esta capital de provincia italiana é
maior do que esta cidade hespanhola — 2
Petrônio
(Socorro)

N. 7 — *Charada syncopada* :

2—Tira-se a lenha do vegetal—2
Celula
(Itajubá—Minas)

N. 8 — *Charada apocopada* :

3—Esta planta produz lagrimas—2
Leoa
(Recende—Rio)

N. 9 a 12 — *Charadas novissimas* :

Um vaso de barro para planta—2-1
Zygo
(Rio Claro)

Em uma ilha deste Rio vi uma especie
de embarcação — 2, 2
Joanna d'Amour
(Ribeirão Preto)

As moças gostam tanto do Castro, que
até chegam a querer repartir-o em metade!
Pudera, pois si é um bello rapaz! — 2
— 1.
Dois Catirris
(Rio Claro)

Quem tem pena da miseria é só o Ho-
mem—1-2
Bolimbato
(Ribeirão Preto)

— Soluções até o dia 20 do corrente.

Decifrações de Novembro

N. 1: Vem trefega para cá uma garrula
andorinha — 2: Bolina-Joa — 3: D. Es-
ther Maria R. Toni — 4: Cato Acacio — 5:
Julio
ulha
lha
ia
o
B
ar
ara
Braga

6: Syllabario 7: Guarda fato — 8: Jaca-
mar — 9: Girandola — 10: Hectóreo —
11: Bonete-bote. Os de nas. 1 e 5 não fo-
ram decifrados.

Decifradores

Com 8 pontos: X. X. X.; com 7 pontos:
Oscar Concha, *Dois Catirris* (Rio Claro);
Espadachim; com 6 pontos: *Anajé*; com 4
pontos: *Petrônio* (Socorro) e com 3 pontos:
Demonio (Socorro).

Decifrações de Dezembro

N. 1: Dinamarca — 2: Suissa — 3: Hes-
panha — 4: Echo Phonographico — 5: Bon-
ventura Ferraes Negro — 6: Margrilda —
7: Macacanha — 8: Macoco — 9: Ziz —
10: Canopo — 11: Chamblan — e 12: Ja-
laga.

Decifradores

Com 12 pontos: *Dois Catirris* (Rio Claro)
e *Zygo* (Rio Claro); com 10 pontos: *Oscar
Concha* (Campinas); com 9 pontos: *Oscar Con-
cha* e *Chib Tupito* (Tatuly); com 8 pontos:
Petrônio (Socorro) e *Anajé*; com 7 pontos:
Chiquinha (Silva) (Recende, Rio); *Abenquerba
Jahú*, *Orlando de O. Flores* (Ouro Preto,
Minas) e *José de Paiva* (Monte Santo, Mi-
nas); com 1 ponto: *Victor Faccro* (Ita), Dr.

Grundes (França), *Edgard P. Lopes* (Bello
Horizonte, Minas) e *Fingerl*. — Das per-
guntas enigmaticas nas. 1, 2 e 3, mandaram
decifrações exactas: *Victor A. Veiga*, *Dois
Catirris*, *Orlando de Oliveira Flores*, *Zygo*
e *José de Paiva*.

Correspondencia

Por um engano da paginação, esta secção
sahio truncada no numero de Dezembro,
dando em resultado a exclusão da sua parte
final e a inclusão dos *Problemas Infinitos*,
que se destinava a outra secção.

X. X. X. foi o valente do torneio de No-
vembro, conquistando o premio offerecido
pela *Casa Edipus*, onde pode ser procurado.
Do torneio de Dezembro, o premio offe-
recido pelo autor das *Perguntas enigmaticas*
(um tinteiro de alluminis) coube ao sr. Vi-
ctor A. Veiga, de Guaratinguetá, que foi
o primeiro a mandar as tres decifrações
exactas (no dia 11), e o premio offerecido
pela *Casa Edipus*, coube a *Dois Catirris*.
Ambos os premios acham-se na mesma *Casa
Edipus* à disposição dos competidores.

G. ORGULHO. Recebemos o seu enigma;
está muito bom: e pedimos que continue a
a nos mandar um para cada torneo. Infe-
lizmente, por motivos de força maior, não
nos foi possível dar este torneo publi-
cidade ao que já nos envios.

Endereço: — *Edipo*, caixa do correio, n.
398, S. Paulo.

Chipo.

SOMBROMANIA

O SOGRO

Collocar a mão direita,
como na figura, os tres ul-
timos dedos um pouco mais
fechados.

Fechar a mão esquerda, de maneira que
os dedos apresentem uma irregularidade na
silhueta que se assemelha á forma de um
bonnet de algalho.

A extremidade do polegar deve appare-
cer em cima.

Depanque a mão esquerda sobre o pul-
legar e o index da esquerda.

A SOGRA

A mão direita fica
pouco mais enfiada
como a da figura.

A mão esquerda deve-se re-
curvar-se de maneira pela qual
a gravura indica.

Imagem 12 - Página de charadas em O ECHO, Ano 4, nº47. Janeiro de 1906, p.15. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Contudo, a predileção pela forma norte-americana fica realmente evidente nos anúncios da publicação. Observemos o anúncio do “Lampião Americano Angle” [imagem 13], que aparece recorrentemente nos primeiros anos do *Echo*, com formatos diferentes, mas sempre com o mesmo estilo retórico. Este anúncio em particular, ocupa meia página do periódico, com grande destaque para a ilustração do produto e a repetição quase incessante de seu nome em diversos locais do anúncio.

Não ha outra luz que possa comparar-se, pelas suas qualidades, com a do

Lampeão Americano Angle

LAMPEÃO AMERICANO ANGLE

Lampeão Americano Angle

Para Gabinetes de Leitura,
Salões de Barbeiro e Pharmacias

V LAMPEÃO ANGLE V

Tem a denominação de lampião só porque gasta kerosene e faz uso de uma torção. Noutro qualquer sentido, porém, é completamente diverso, pois, tem outra forma e construção e consegue maravilhosos e surpreendentes resultados. Pela gravura pode-se verificar a prova da asserção. E' o unico lampião do mundo que não produz

Sombra em baixo

o que lhe dá a propriedade de, collocado em qualquer parte, a uma altura conveniente, projectar a sua luz por todos os lados. O que, entretanto, causa maior admiração são a brilhosa e a suavidade da luz, com a qual nenhum outro se pode comparar. Além disso, tem, todavia, muitas outras propriedades

que aqui resumimos:—O lampião é sobremaneira solido e regular em suas funções, requerendo muito pouco cuidado. E' perfeitamente seguro e não pode nem estalar, nem desmanchar-se. A luz desprende muito pouco calor, nenhum cheiro, mesmo quando a torção esteja baixa e os seus accessorios não aquecem nem se descoloram, embora depois de longo uso. Os globos e os vasos não saem limpos, sendo uma vez por semana ou de dez em dez dias, e como são compostos de duas peças, podem ser manejados e limpos facilmente. Para acendê-lo é bastante fazer girar a mecha para cima, levantar o globo e encostar o phosphoro na torção. Para apagá-lo basta que se faça girar a mecha para baixo, sem que seja preciso asseoprar-se o lume.

Lampeão Americano Angle
Preço 50\$000

E, como complemento a todas estas grandes vantagens, que não se encontram em outras especies de lampiões, tem-se a reducionista de preço que elle occadiona.

Esta é uma economia que paga em pouco tempo o preço do lampião. E', portanto, um artigo que deve interessar a todo mundo, desde que se considere a excellencia de sua luz e o seu preço diminuto. As grandes vendas que têm sido feitas do **Lampeão Americano Angle** nos Estados Unidos durante os ultimos dez annos, não obstant a sua universalidade, não se deve considerar um só momento que a aquisição do **Lampeão Americano Angle** seja uma experiencia ou um perigo. Tem obtido os mais extraordinarios resultados e é effectivamente o que representa; o que já attestam muitas pessoas do interior deste Estado em cartas a nós dirigidas depois da aquisição e experiencia, recomendando o "**Lampeão Angle**" a todos.

PREÇOS: "Lampeão Americano Angle", de parede, conforme o desenho acima, 30\$000; "Lampeão Americano Angle Duplo", para centro de tecto, especial para Salões de Bilhares, Pharmacias, Negocios e Casas Particulares, 50\$000, exclusive o frete que varia conforme o destino.

FIGNER IRMÃOS Rua S. Bento, 26 **S. PAULO**

1 litro de Kerosene dura 16 horas!

Imagem 13 – Anúncio do lampião “Angle” em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 4, nº44. Outubro de 1905, p.6. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

A ilustração do produto apresenta-o sem associá-lo a um cenário ou usuários específicos, reforçando a idéia presente no texto de sua versatilidade de uso para “gabinetes de leitura, salões de barbeiro e pharmacias/ para casas de família, salões de bilhares e negócios”. A ilustração ainda serve para corroborar um aspecto do produto em destaque no texto: o fato de ele não gerar sombra.

O título do produto está sempre em destaque, seja em negrito, letras maiúsculas ou sublinhado, e é repetido, nada mais nada menos que doze vezes no total ao longo do anúncio. É possível inferir que este tipo de estratégia seja usada no sentido de consolidar a marca fazendo com o consumidor a memorize e prontamente a identifique com o produto em questão quando defrontado com um anúncio menos descritivo [imagem 14]:

Imagem 14 – Anúncio do lampião “Angle” em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 4, nº47. Janeiro de 1906, p.12. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

O reforço de sua origem norte-americana também é bastante evidente, repetindo-se a palavra americano nove vezes. Parte do texto corrobora também a idéia de qualidade e eficiência associada à popularidade do produto nos Estados Unidos:

As grandes vendas que têm sido feitas do **Lampião Americano Angle** [grifo do autor] nos Estados Unidos durante os últimos dez anos, não obstante o uso universal do gaz e da luz electrica e a competência de outras lâmpadas e do acetyleno, são a melhor prova de seu incontestável mérito e valor.¹²⁷

Tal trecho ainda nos revela uma intenção de exaltar a eficiência do lampião de querosene, frente às novas tecnologias como a iluminação a gás ou elétrica. Outros adjetivos/frases também são associados ao produto para atestar sua qualidade como: “maravilhosos e surpreendentes resultados”; “projeta luz para todos os lados”; “beleza e suavidade da luz”; “sólido e regular”; “requer poucos cuidados”; “seguro”; “desprende pouco calor”; “nenhum cheiro”; “seus acessórios não enegrecem nem descoloram”; “podem ser manejados e limpos facilmente”; “reduzidíssima despesa que ele ocasiona”; “excelência de sua luz”; “preço diminuto”. Todos estes atributos estão intimamente ligados com as idéias de modernidade associadas a estes bens de consumo que mencionamos anteriormente, como economia de trabalho e dinheiro, praticidade, segurança, rapidez, etc.

Na publicidade do “Despertador Electrico” [imagem 15], temos outro anúncio que exalta a origem norte-americana do produto como atestado de sua modernidade e qualidade. O texto traz também adjetivos que corroboram o melhoramento que o produto representa, exaltando sua solidez, elegância e facilidade de manejo, independente da familiaridade do usuário com a eletricidade (neste caso, pilhas) ou aparelhos mecânicos, o que revela uma preocupação em instrumentalizar o novo público consumidor para o uso das novas tecnologias.

¹²⁷ **O Echo Phonographico**, ano IV, nº47. Janeiro de 1906, p.12

Novidade Americana Despertador Electrico

O relógio, a campainha electrica, a pilha secca são da melhor qualidade; a caixa que encerra a pilha é de um acabamento solido e elegante. A pilha é de muita duração e facilmente substituida, quando isto se torne necessario, por qualquer pessoa embora completamente alheia a electricidade ou mechanica. O relógio mede 14 cent. de altura, o mostrador 10 cent. A caixa mede 20×12×10 cent. sendo o peso do despertador completo quasi 3 kg. ou 5½ kg. seguramente encaixotado para o despacho. O seu uso e cuidado não differe dos despertadores communs. O seu preço é 25\$000, exclusive o frete. Devido ao seu peso não pode ser remettido pelo correio. Pedidos a *Casa Edison—Rua S. Rento, 26—S. Paulo.*

Imagem 15 – Anúncio de despertador americano em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 6, nº36. Fevereiro de 1905, p.6. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

As novidades americanas também tinham como público alvo as crianças, como se vê no anúncio do “Peão Tio Sam” [imagem 16].

Imagem 16 – Anúncio do pião “Tio Sam” em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 4, nº44. Outubro de 1905, p. 10. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Vale observar que a ilustração do anúncio mostra a figura de um palhaço junto a uma criança e um cachorro a observar o peão rodar. Não vemos a representação clássica do Tio Sam¹²⁸, mas o produto tem seu título associado a esta figura emblemática, buscando atestar sua origem norte-americana. É possível que nem todos os produtos tivessem origem americana de fato, mas a associação de idéias de modernidade e qualidade aos produtos passam recorrentemente, por sua vez, à sua associação com os Estados Unidos nos anúncios do *Echo*.

Já em 1918, em anúncio do “Bazar Yankee” [imagem 17] vemos as duas imagens associadas aos Estados Unidos sendo usadas de forma conjunta.

¹²⁸ Segundo a Enciclopédia Britannica, o Tio Sam é comumente representado como um senhor de cabelos longos e grisalhos, cavanhaque, portando fraque, colete, cartola e calças listradas nas cores da bandeira norte-americana. Sua representação deriva de outras duas figuras do imaginário popular norte americano: Brother Jonathan e Yankee Doodle Cf. *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA ONLINE*. “Uncle Sam”. Disponível em: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/614065/Uncle-Sam>. Acesso em 18/08/2013.

Imagem 17 – Anúncio do Bazar Yankee em O ECHO, ano 16, nº09. Março de 1918. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O anúncio nos traz a representação clássica do Tio Sam¹²⁹ que carrega uma maleta onde se lê “Melho[r]es Brinquedos/ BAZAR YANKEE/Rua Direita, 34-A – SÃO PAULO”¹³⁰. A representação do Tio Sam carregando uma maleta, talvez inferindo que ele seja um caixeiro viajante, um comerciante, associado à idéia do Yankee, moderno e empreendedor, é talvez o melhor exemplo da intenção de se promover estes produtos de origem norte-americana através dos valores atribuídos àquele país. Encontramos anúncios de outros brinquedos [imagens 18 e 19] nas páginas do *Echo* com valores atribuídos bastante semelhantes:

¹²⁹ Cf. ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA ONLINE. Loc.cit.

¹³⁰ Os registros apontam que o Bazar Yankee era uma filial da Casa Edison, a princípio, em Porto Alegre. Cf. O ECHO PHONOGRÁFICO, ano IV, Outubro de 1905, São Paulo, p.12 – Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Na década de 1910, começam a surgir anúncios no Echo de um Bazar Yankee também em São Paulo, com endereços na Rua Direita e na Rua Líbero Badaró, já na década de 1920. Segundo o Almanak Laemmert de 1925, os dois endereços de São Paulo estão sob o nome de Oliveira Couto, não ficando claro se há relação com o Bazar Yankee dos Figner em Porto Alegre. Cf. ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO - ALMANAK LAEMMERT. VOL 02. Rio de Janeiro, 1925.- Acervo da Biblioteca Nacional.

NOVIDADES

Brinquedos de folha que caminham por meio de um mecanismo muito engenhoso e simples. — Uma delícia para os pequenos

Temos em deposito grande *Stock* d'estes brinquedos, os quaes por serem muito solidos e duraveis, nos obrigaram a importar em grande escala, o que nos habilita a vendel-os á preços livres de concurrencia.

Estes artigos só podem ser remetidos pelas estradas de ferro, devido ao seu pezo e tamanho.

PREÇOS

Rato	1007	um	400	Dz.	3\$000	Jacaré	1002	um	1\$000	Dz.	7\$000
Lagosta	1008	"	400	"	4\$000	Urso	1005	"	1\$200	"	8\$000
Escaravelle	1009	"	400	"	4\$000	Cavallo	1070	"	2\$400	"	10\$000
Gato	1006	"	1\$200	"	9\$000	Bond pequeno	1020	"	1\$000	"	8\$000
Cachorro	1004	"	1\$200	"	8\$000	" grande	1030	"	2\$000	"	18\$000
Papagaio	1003	"	1\$200	"	9\$000	Bolsa pequeno	1040	"	1\$200	"	8\$000
Tartaruga	1001	"	1\$200	"	8\$000	" grande	1050	"	2\$400	"	22\$000

Imagem 18 – Anúncio de brinquedos mecânicos em O ECHO PHOGRAPHICO, ano 1, nº 11. Setembro de 1902, p.4. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

PHOCA AUTOMATICA

Ultima novidade em brinquedos mechanicos. Solido e elegante. O seu mecanismo é de volante e fricção, e não está sujeito a desmanchar. O seu funcionamento é simples e proporciona muito divertimento ás crianças. Enrolando-se um barbante na velante e des enrolando-o em seguida a *Phoca automatica* caminha. Não tem corda para quebrar. Preço 4\$000 pelo correio, 5\$000.

Os ped dos devem vir dirigidos a **Figuer Irmãos** — Rua São Bento, 29 — São Paulo.

Imagem 19 – Anúncio de brinquedo em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 3, nº 22. Janeiro de 1904, p.2. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Ambos os anúncios reverberam a idéia de um mecanismo engenhoso, porém simples, além das noções de durabilidade e solidez associadas aos brinquedos. Novamente, a representação visual dos produtos é essencial e capitaliza aquilo que é dito no texto. No primeiro anúncio, podemos notar ainda a presença de brinquedos que representam aviões e bondes, além dos animais, revelando como o ideário do maquinismo moderno passa a povoar também o universo infantil.

Vale destacar no segundo anúncio que a ilustração que representa a foca buscou uma forma bastante realista de se mostrar o animal e não o brinquedo. É possível inferir que tal solução busque justamente imprimir uma sensação de realismo

e encantamento pela aproximação que os mecanismos do brinquedo poderiam proporcionar com relação aos movimentos do animal real. Também é importante observar que o segundo anúncio traz dizeres em alemão e inglês, revelando, possivelmente, uma intenção em passar uma idéia de que se tratava de uma estabelecimento moderno e cosmopolita¹³¹.

A idéia que a engenhosidade do mecanismo que fazia os brinquedos se movimentarem causaria encantamento às crianças é reiterada em um anúncio de 1917, onde não somente as crianças se comovem com os modernos mecanismos. O anúncio abaixo demonstra como os bonecos, que quando presos ao mecanismo do gramofone pareciam dançar, supostamente causaram comoção tão grande nos transeuntes que geraram um pedido inusitado por parte da polícia, segundo o texto do anúncio [imagem 20]:

Imagem 20 – “E a prova do quanto é comunicativa a sua graça, está no pedido que a policia de S. Paulo fez ao proprietário da ‘Casa Edison’ para não exhibi-los em horas de trânsito intenso. A razão desse pedido foi a aglomeração do povo, que muitos pensavam tratar-se de grande roubo na conhecida casa. Mas nada: eram os ‘Negrinhos’ que furiosamente pulavam sobre o disco de um Gramophone.”

Anúncio em O ECHO, ano 16, nº6. Dezembro de 1917, p.2. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

¹³¹ “[...] esses comerciantes estrangeiros tornavam-se a nata do comércio local. Mesmo quando não eram indivíduos muito refinados, ao se fixarem aqui – uma promissora zona de periferia do sistema mundial de comércio – eram vistos como representantes da civilização, portadores das suas matrizes, pontes pelas quais chegavam as maravilhas fabricadas fora.” BARBUY, 2006, p.33-34.

Outro aspecto da incorporação de valores modernos, associados quase sempre a símbolos e imagens norte-americanos, às práticas cotidianas mediadas por estes novos aparelhos pode ser observada nos anúncios de relógios abaixo presentes no Echo [imagens 21 e 22].

Imagem 21 – Anúncio do relógio “Omega” em O ECHO, ano 15, nº 12. Junho de 1917, p.34. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Imagem 22 – Anúncio do relógio “Yankee” em O ECHO, ano 15, nº6. Dezembro de 1916, p.5. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

O primeiro anúncio, do “Relógio Omega”, se apropria da célebre frase de Benjamin Franklin em *Advice to a Young Tradesman, Written by an Old One*¹³² de 1748, “Tempo é dinheiro” – “Time is Money” – associando-a à ilustração de um trem, outro símbolo da velocidade e transitoriedade que marcava a vida moderna e que criava novas demandas de controle e organização do tempo. O segundo anúncio nos mostra o “Famoso Relógio Yankee”, ilustrado pela silhueta de um homem vestido em trajes elegantes, talvez sugerindo um homem de negócios, encontrando caído no chão um destes relógios, corroborando sua resistência e durabilidade, além da eficiência e precisão mencionadas no texto.

¹³² Cf. HOUSTON, Alan. **Franklin: The Autobiography and Other Writings on Politics, Economics, and Virtue**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

As utilidades domésticas anunciadas no Echo também são recorrentemente associadas aos valores modernos, “yankees” e civilizados. A idéia de se ter equipamentos que facilitassem os serviços e promovessem o conforto doméstico eram recorrentemente associados à idéia de casa moderna¹³³. Além dos equipamentos de entretenimento doméstico, que trataremos em maior detalhe mais adiante, os utensílios de cozinha são os objetos de uso residencial mais comuns na publicação.

No anúncio da “Machina de Manteiga”, de 1906 [imagem 23], a descrição das vantagens oferecidas pelo mecanismo como rapidez e facilidade de uso é corroborada pela ilustração associada ao anúncio: a figura mostra uma criança utilizando o aparelho com um semblante aparentemente tranqüilo, inferindo que seu manejo é tão simples que pode ser utilizado por uma criança.

Imagem 23 – Anúncio de máquina de fazer manteiga em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 4, nº47. Janeiro de 1906, p.4. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Também são encontrados anúncios de verdadeiras “gerigonças” de uso doméstico e privado, que prometiam acelerar e dinamizar tarefas domésticas como, por exemplo, esticadores de calças e afiadores automáticos de navalhas [imagens 24 e 25]:

¹³³ SCHLERETH, 1991, p.111-133

Esticadores de calças

Todos os cavalheiros que têm em alguma conta a elegancia devem usar o *Esticador de Calças*, um aparelho muito simples, de muito facil manejo e que tem a propriedade de conservar um par de calças sem a minima ruga, sempre novo, como quando chega do alfaiate.

Nada mais feio que as chamadas joelheiras, entretanto, tão comuns pela dobra que soffrem as calças durante o tempo que uma pessoa se conserva sentada.

Imagem 24 – “Aparelho muito simples, de muito fácil manejo”. Anúncio de esticadores de calças em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 3, nº 22. Janeiro de 1904, p.8. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Passador automatico TOURING

O mais pratico e o melhor dos passadores. Dá ás laminas das navalhas um fio que é impossivel obter-se com outros systemas.

Funciona automaticamente tal qual se encontra, sem necessidade de aprendizagem. Basta introduzir a folha da navalha no porta lamina e move-la alternativamente. O passador pode ser collocado num gancho, numa chave de porta, etc.

Será conveniente applicar de vez em quando na correia um pouco da pomada que se vende com o passador.

peço 12\$000, livre de porte. Pedidos á **Figuer Irmãos**, Rua S. Bento, 26, S. PAULO.

Imagem 25 – “Funciona automaticamente, tal qual se encontra, sem necessidade de aprendizagem”. Anúncio de afiador de navalhas em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 4, nº47. Janeiro de 1906, p.8. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Aparelhos de uso pessoal, principalmente aqueles ligados à higiene e asseio pessoal e ao condicionamento físico também eram recorrentemente anunciados, como é o caso de navalhas e dos aparelhos de ginástica [imagens 26 e 27]:

Navalha de Segurança

—* CONFORTO —*

Indispensavel principalmente aos que viajam; aqueles que evitam os barbeiros, temendo o contagio das moléstias adquiridas pelas navalhas que servem a varios freguezes.

A navalha Conforto faz desaparecer este modo, posto que qualquer pessoa, por mais nervosa que seja, poderá fazer a sua barba sem recuo ou perigo de cortar-se!!

Preço: Um estojo de folha com uma lamina \$8000, pelo correio 10\$000.

Imagem 26 – “Indispensável principalmente aos que viajam; aqueles que evitam os barbeiros, temendo o contágio das moléstias adquiridas pelas navalhas que servem a vários clientes”. Anúncio navalha em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 1, nº11. Setembro de 1902, p.4. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Exercício de força - The Whiteley Exerciser

Resumo das suas vantagens: Desenvolve e alarga o peito e os hombros. Dá uma grande robustez, enrije os músculos frouxos, desenvolve todo o organismo. Dá um novo vigor ao sangue e produz uma cor clara e transparente. Por este meio se adquire saúde, força e beleza. Corrige o imperfeito desenvolvimento do busto e arredonda o collo. Auxilia a digestão, tira a melancolia e provoca o somno. Faz descansar os cerebros activos e fatigados, e sobretudo dá a alegria que vem da saúde perfeita. Faz aos homens braços robustos e musculosos, às mulheres braços redondos e bellos; para as crianças então constitue o verdadeiro A B C da sua educação physica, produzindo-lhe costas direitas e musculatura forte. Cada aparelho é acompanhado de quadros synopticos illustrados, ensinando o modo e é construido com a maxima elegancia e solidez, com corda de borracha especial da melhor qualidade, manubrios de aço esplendidamente nickelados. Este aparelho pode ser collocado em qualquer parede por meio de dois ganchos especiaes. Indispensavel em todas as casas de familias, collegios, etc.

Preço 12\$000 livre de porte.
 Duzia 100\$000
 Pedidos a **Figner Irmãos**—Rua S. Bento, 26—S. Paulo

Imagem 27 – “Por este meio se adquire saúde, força e beleza”. Anúncio de aparelho de ginástica em O ECHO, ano 13, nº 75. Maio de 1908, p. 26.
 Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Sobre a profusão destes aparelhos de uso pessoal, pode-se inferir que a modernidade traz à tona também novas noções de higiene e uma nova atitude com o corpo¹³⁴. Além da associação da higiene à saúde, que gera inclusive transformações na estrutura e vida nas cidades através de iniciativas higienistas¹³⁵, o século XIX exige que o corpo seja exibido e atlético¹³⁶, como sugere o segundo anúncio, do aparelho de ginástica Whitely Exerciser, que nos mostra uma família, incluindo uma criança, fazendo exercícios físicos, reforçando a idéia trazida no texto não só da facilidade de uso, mas dos benefícios que o aparelho poderia trazer à saúde de todos.

Inventado por Alexander Whitely no fim do século XIX¹³⁷, o Whitely Exerciser tem grande difusão ao redor do mundo¹³⁸ e faz parte de uma onda de desenvolvimento

¹³⁴ LEON, 2012, p.59.

¹³⁵ Ibidem, loc. Cit.

¹³⁶ Cf. SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio.” In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil (vol. 3)**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹³⁷ BLACK, Jonathan. **Making the American Body: The Remarkable Saga of the Men and Women Whose Feats, Feuds, and Passions Shaped Fitness History**. 1ª ed. University of Nebraska Press, 2013. p. 16

¹³⁸ MROZEK, Donald J. **Sport and American Mentality, 1880-1910**. 1ª ed. University of Tennessee Press, 1983. p.86

de vários outros aparelhos de ginástica que respondem a esta nova visão sobre saúde e contribuem para a construção de um verdadeiro culto que busca uniformizar e racionalizar também o corpo humano¹³⁹.

Outro produto que merece destaque são as máquinas de costura, de funcionamento manual, que apesar de não serem muito recorrentes nas páginas do *Echo* [imagem 28] são importantes para o entendimento do processo de modernização das tarefas domésticas.

Imagem 28 – “Simplicidade e perfeição”.
Anúncio de máquina de costura em O
ECHO PHONOGRAPHICO, ano 2, nº15.
Junho de 1903, p.9. Acervo do Arquivo
Público do Estado de São Paulo

A máquina de costura talvez seja o símbolo maior da modernidade dentro da casa, ou é, ao menos, uma das primeiras máquinas a ter ampla aceitação e difusão dentro das residências¹⁴⁰. Nos Estados Unidos, ainda no fim do XIX, existiam mais de

¹³⁹ MROZEK, loc.cit.

¹⁴⁰ COOPER, Grace R. **The invention of the sewing machine**. 1ª ed. Washington: Smithsonian Institution, 1968. p.7

duzentas empresas ligadas à fabricação de máquinas de costura, ou partes de seus mecanismos e acessórios¹⁴¹. Tais companhias organizavam exposições e feiras para anunciar seus produtos que por sua facilidade de uso e grande utilidade, tiveram grande apelo para uso doméstico.

No Brasil, apesar das máquinas de costura já estarem presentes em residências mais abastadas e de setores médios a partir de meados do século XIX¹⁴², o início do século XX vê a difusão destas máquinas para o uso doméstico, ao passo que alguns dos fabricantes forneciam cursos gratuitos para instrumentalizar as donas de casa, como indica esta matéria publicada na revista *Vida Moderna* em 1914 [imagem 29].

Imagem 29 - Matéria sobre curso de costura da Singer em A VIDA MODERNA, ano 9, nº 234. Setembro de 1914, p.9. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

¹⁴¹ Ibidem, p. 65

¹⁴² OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. "Em casas térreas com alcovas: formas demorar entre os setores médios em São Paulo, 1875 e 1900". In. **Anais do Museu Paulista**, v. 8, n. 1, p. 55-76, jan. 2001. Pp.55-75.

Porém, sem sombra de dúvidas, o carro-chefe da Casa Edison foi, ao longo de sua existência, a seção de aparelhos para entretenimento doméstico como gramofones, fonógrafos, cinematógrafos e lanternas mágicas. O próprio nome dado à loja faz alusão ao grande inventor norte-americano Thomas Edison, responsável pela criação dos primeiros fonógrafos, produzidos industrialmente a partir de 1888¹⁴³.

A história da invenção dos aparelhos de gravação e reprodução de som é bastante marcada por polêmicas, guerras de patentes e capítulos obscuros, mas convencionou-se atribuir a Edison a invenção do primeiro fonógrafo, que a partir da contribuição de Graham Bell e seu grafafone¹⁴⁴, conseguiu criar a primeira “máquina falante” ainda no século XIX. Em um primeiro momento, a possibilidade de gravação de sons em cilindros de cera e de sua reprodução por um aparelho mecânico não foi vista unicamente como possibilidade de entretenimento, como vemos na apresentação que Edison fez das possíveis aplicações de seu fonógrafo na *North American Review* em 1878:

1. Ditados sem a ajuda de uma secretária;
2. Livros fonográficos que ‘falariam’ aos cegos, sem nenhum esforço por parte destes;
3. Ensino de dicção;
4. Reprodução de música;
5. O ‘disco da família’ (Family record), que seria um registro de conversas, reminiscências de membros de uma mesma família, nas vozes de seus próprios interlocutores, ou as últimas palavras de uma pessoa morrendo;
6. Caixas de músicas e brinquedos;
7. Relógios que poderiam ‘falar’ o momento de se ir para casa, de comer etc.;
8. A preservação das línguas pela precisa reprodução de sua forma de pronúncia;

¹⁴³ MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. **Odisséia do Som** [catálogo de exposição]. São Paulo: MIS, 1987. p. 64

¹⁴⁴ MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 1987, p. 64. Cf. DOWD, Timothy. “Culture and commodification: technology and structural power in the early US recording industry”. In. **International Journal of Sociology and Social Policy**, Vol. 22, n 1-3. MCB UP Ltd, 2002. pp.106 - 140

9. Propostas educacionais como v.g., preservar as explanações de um professor para que os alunos a ela pudessem ter acesso a qualquer momento, para facilitar sua memorização;

10. Conexão com o telefone, como instrumento auxiliar para a transmissão de gravações permanentes.¹⁴⁵

Porém, é evidente que o potencial para grandes lucros que a indústria fonográfica indicou ter, com o entretenimento, desde o princípio da fabricação dos primeiros aparelhos, fez com que esta função ganhasse grande difusão. As primeiras edições do *Echo* são bastante didáticas neste sentido: apresentam textos e explicações sobre a “arte fonográfica”, assim como orientam todas as outras seções da revista para a “alfabetização” do público para estes novos aparelhos, citando suas vantagens, mencionando seu uso em pequenas crônicas e contos, mostrando seu funcionamento e uma clara intenção de se formar um público consumidor.

Um texto, intitulado “O X da Phonographia” [imagem 30] aparece em quase todos os números do *Echo* nos primeiros cinco anos de publicação. Eles apresentam sempre a mesma associação de idéias e imagens: famílias ou crianças reunidas em torno do fonógrafo, gravando suas vozes, ou reunidas escutando música, junto a um texto que discorre sobre as vantagens de se possuir tal aparelho, como no trecho abaixo;

O alto grau de interesse que dispensaes ás photographias tiradas por vós mesmos, incomparavelmente maior que aos retratos comprados, verifica-se também quanto aos cylindros do Graphophone ou Phonographo, que se tornam muito mais interessantes, quando feitos em casa, que quando gravados por profissionaes [...] Entretanto, nada disso de leve se compara com o ineffavel prazer que tem uma pessoa de trazer collecionados cylindros em que são gravadas as vozes de sua família e camaradas, em que são reproduzidas as canções predilectas dos seus amigos, e, sobretudo, os cylindros que guardam para reproducção a qualquer momento, do inimitável alarido das creanças. Dando-se como instruído o amator phonographico em reproduzir os cylindros, essa simples e facil operação que a machina quasi que por si mesmo lhe ensina com o seu manejo [...] Então, emprega-se o mesmo systema usado na reproducção, substituindo-se, porém, o diaphragma-

¹⁴⁵ MIS, 1987, p. 34

reproductor pelo diaphragma-gravador e o cylindro estampado por um branco. Dá-se corda na machina, com todo cuidado afim de que, ao baixar o diaphragma-gravador, elle fique collocado sobre o cylindro, junto ao extremo chanfrado deste. [...] A velocidade com a qual deve correr o cylindro, quando os gravamos, deve ser a mesma usada na reproducção, isto é: 120 voltas, mais ou menos, por minuto. [...] Há tantas espécies de vozes que não se pode estabelecer uma regra exacta quanto á reproducção de cada uma dellas, mas bastarão algumas experiencias para aprender qualquer pessoa a precisa modulação e articulação que devem empregar para obter a reproducção perfeita de sua voz.¹⁴⁶

Imagem 30 – Matéria “O X da Phonographia” em O ECHO PHONOGRAPHICO, ano 1, nº11. Setembro de 1902, p.1. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Constrói-se no texto a idéia da facilidade de uso através da descrição das instruções para seu funcionamento. A possibilidade de se ter em casa música orquestrada a qualquer momento ou de se gravar recordações de família para a posteridade alia a noção de conforto e diversão às noções de modernidade e progresso na representação destas máquinas, inserindo-as no universo das atividades familiares e sociais.

¹⁴⁶ O Echo Phonographico, ano I, nº11. Setembro de 1902, p.1

Vale mencionar que no final do século XIX as gravações de música ou vozes ainda se constituíam mais como uma “curiosidade da era industrial”¹⁴⁷ do que um nicho de mercado, mas como nos diz Tinhorão, a transformação da música em produto, construída sobre uma base industrial-comercial, uma vez que a noção de música reproduzida dependia de meios materiais para existir (fonógrafos, gramofones, cilindros e discos), insere a produção musical dentro de uma lógica mercadológica que pode explicar a dominação não só dos aparelhos, mas também das canções vindas da Europa e EUA¹⁴⁸.

A música como produto de entretenimento, se dá graças ao desenvolvimento e aprimoramento destes aparelhos de reprodução sonora. É possível observar ao longo das edições do *Echo*, as transformações técnicas que estes dispositivos vão sofrendo em um período relativamente curto de tempo. Talvez uma das mais importantes inovações tenha sido a gradual substituição de cilindros por discos, como veremos nos anúncios a seguir [imagens 31-36].

¹⁴⁷ TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo : Editora 34, 1998. p. 249 (1ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1990)

¹⁴⁸ Idem, p. 148

Chegou nova remessa
PHONOGRAPHO GUARANY-SEM RIVAL-PHONOGRAPHO GUARANY
 Decididamente não ha diversão que rivalize
 com a que nos proporciona o **PHONOGRAPHO**

Todas as delicias agradaveis aos ouvidos estão, por assim dizer, condensadas nos seus cylindros de cera.

Possuir-se o privilegio de registrar a propria voz ou a de amigos e pessoas queridas é sem contestação um alegre passatempo.

PHONOGRAPHO "GUARANY"
 Modelo 1

está na clareza e na perfeição da reprodução e Gravação das vozes e dos sons.
 CORNETA ACUSTICA DE FOLHA DE METAL E ALLUMINIUM

Preço de réclame 45\$000
 Inclusive 10 cylindros

O PHONOGRAPHO "GUARANY"
 Modello 1

Completo com 1 reproductor; 1 gravador; 1 corneta de metal e alluminium; 1 chave para dar corda, encerrado numa lindissima caixa de madeira com tampa e 10 cylindros de cera de primeira qualidade, impressos com repertorio nacional ou estrangeiro, custa 45\$000. O encaixotamento 2\$000. Frete por conta do comprador, este varia conforme o destino. Para logares servidos de porto de mar enviamos o Phonographo «Guarany», com todos os pertences acima, por 60\$000 rs., livre de despesas.

Phonographo Guarany Modello 2 corneta, d'aluminium interica e em fôrma de campana. Reprodutor aperfeiçoado marca Corôa, e custa mais 20\$000 que o modello 1.

! RECORD UNICO !! Em um só dia temos vendido 50 Phonographos Guarany!
 Pedimos deixar a escolha dos cylindros que acompanham o aparelho ao nosso cuidado, para evitar demora.

Enviamos com cada Phonographo "Guarany" detalhadas instruções para gravar.

CASA EDISON — S. PAULO
 Rua S. Bento, 28 - FIGNER IRRMÃOS - Caixa Postal, 388

Imagem 31 – Anúncio do fonógrafo "Guarany" em O ECHO, ano 4, nº47. Janeiro de 1906, p.12. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Os fonógrafos, seguindo a invenção de Edison, usavam cilindros para gravar e reproduzir os sons, mas enfrentaram a competição de aparelhos que reproduziam

discos. Não foi possível precisar a motivação para a denominação dos “Phonographos Guarany” apresentados no anúncio acima, porém podemos supor que se refira a obra de Carlos Gomes¹⁴⁹ que por sua vez, faz apelo ao imaginário sobre o indígena, buscando criar uma forma de identificação com os símbolos nacionais, o que nos parece estratégico para a difusão deste tipo de equipamento no país.

Por outro lado, a profusão de aparelhos sonoros de origem estrangeira ainda é marcante, como vemos pelos anúncios da Columbia e da Victor Talking Machine, as duas empresas norte-americanas que dominavam o mercado fonográfico no início do século XX, pioneiras na fabricação de aparelhos reprodutores de discos¹⁵⁰.

Nova remessa de
Grammophones Columbia
Aperfeiçoados

Grande Premio na Exposição de Paris em 1900
Grande Premio na Exposição de S. Luiz em 1904

GRAMMOPHONE COLUMBIA
“Disc Graphophone”
TYPO II

Preço 90\$000

Especificação:

Motor a corda continua para tres chapas grandes ou cinco pequenas. — Caixa lavrada. — Reprodutor aperfeiçoado “Concerto”. — Porta-voz preto, com bocca de metal amarello. — Braço-supporto do porta-voz de alluminium estampado. — 200 agulhas. — Caixa para agulhas. — Indicações Garças para uso do aparelho.

Esta machina Fallante usando Records impressos em chapas ou discos de borracha endurecida, reproduz qualquer som com admiravel nitidez, ouvindo-se a 100 metros de distancia. São de facil manejo e, exceptuando um desastre casual, de grande duracao, podendo-se dar corda quando funcionam.

DISCOS — Nos preços do aparelho não estão incluidos os discos. Estes vendemol-os separadamente.

PREÇOS DE DISCOS

DISCOS ARTISTICOS — Diametro 25 cent. (simples)	
Contendo Repertorio das principaes operas, Bandas Solos.	
Um	48000
Duz	88000
DISCOS NACIONAES — Diametro 25 cent. (duplos)	
Contendo Repertorio de Modinhas, Cantos populares, Bandas e Solos.	
Um	68000
Duz	72000
DISCOS NACIONAES — Diametro 27 cent.	
Um	78000
Duz	94000

Pedimos deixar a escolha dos Discos ao nosso cuidado — *Garantimos satisfação.*

Agulhas, milheiro 5\$000

O Encaixotamento é gratis. Para o frete da Estrada de Ferro podem enviar-nos 8\$000. Por via maritima enviamos qualquer Grammophone e discos com augmento de 15\$000. Pedidos a

CASA EDISON & FIGNER IRMOS
Rua São Bento, 26 — S. PAULO

Imagem 32 - Anúncio do gramofone “Columbia” em O ECHO, ano 4, nº47. Janeiro de 1906, p.20. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

¹⁴⁹ Autor e compositor da ópera “O Guarani” de 1870.

¹⁵⁰ GRONOW, Pekka. “The record industry: the growth of a mass medium”. In. **Popular Music**, v. 3, p. 53-75. Cambridge University Press, 1983. p. 58

O anúncio publicado na mesma edição do anúncio dos fonógrafos “Columbia” que apresentamos acima, ocupa uma página inteira do *Echo*. Podemos notar, mais uma vez, a importância da imagem como parte da estratégia publicitária, além de um texto bastante instrutivo sobre as especificações técnicas da peça e seus melhoramentos e facilidades. Vale notar a menção aos prêmios ganhos pelo aparelho nas Exposições de Paris e Saint Louis, em 1900 e 1904 respectivamente, como forma de legitimação de sua alegada superioridade tecnológica.

Neste outro anúncio da Columbia, também publicado no *Echo*, mas agora em 1908, vemos mais uma vez uma preocupação de formar um mercado consumidor para o novo produto, agora por meio da redução de preços. A associação de imagens neste anúncio é particularmente interessante, uma vez que apresenta ao lado de um gramofone, a representação da Columbia, alegoria que personifica a nação Norte-Americana¹⁵¹, junto a dois outros símbolos nacionais: uma águia-careca e a própria bandeira norte-americana. A profusão destes símbolos junto aos produtos anunciados, que por sua vez mantém suas denominações em inglês, demonstra uma preocupação não só com a difusão dos produtos em si, mas também com a difusão de demarcadores culturais.

¹⁵¹ A alegoria da Columbia como personificação da América se opõe à noção de Britannia. A figura se apropria da imagem clássica de Minerva, na mitologia greco-romana que associa qualidades das divindades gregas Apolo e Atena. No imaginário norte-americano ela é representada como uma deusa-guerreira e seu nome deriva de Cristovão Colombo. STEELE, Thomas, “The Figure of Columbia: Phillis Wheatley plus George Washington”. In. **The New England Quarterly** Vol. 54, No. 2 (Jun., 1981). pp. 264-266.

OS MELHORES
GRAMMOPHONES COLUMBIA

— Ao alcance de todos —
DEVIDO ÀS NOVAS REDUCCÕES DE PREÇOS

Grandes premios em todas as Exposições do mundo

PREÇOS ESPECIAIS PARA VENDAS POR ATACADO

Os melhores Grammophones, braços acusticos de aluminium, porta vozes giratorios em forma de flores, porta agulha automatico de molla.

Novo Modelo de
Campanha
Columbia
de Nova York

Royal - Columbia

Um stormo sucesso está alcançando este esplêndido tipo de Grammophones. Como toda machina de fabrica da "Columbia Company" e o machinismo a reproduzir os pontos em que os artistas machinistas mais capazes, procurando quanto mais possível tornar a resistente e de duracao, e que do pdr de tudo toda e qualquer conservavel com outras qualidades de Grammophones. O "Royal" reproduz os moldes e uma machina a

representação é uma variedade delicada para 6948. Os discos e cantos, especialmente, dão uma reprodução tão fiel quanto a foto, que é impossível conseguir melhor. Gravuras de Beldas, Orobanchas, etc., são uma reprodução natural e nítida. A corneta é decorada e tem cor fraco, mas tubular de abundância. Direção para a corneta, e reproduzir Analysis com porta agulhas automática. Dimensões: Caixa de metal 8x10 cm. Diâmetro do tubo 12 mm. De braco ao extremo da corneta 60 mm. Diâmetro da boca da corneta 48 mm. Toda coisa de qualquer tamanho e de qualquer fabricante. Preço de funcionamento estimado, inclusive 260 agulhas, para 100000. No preço está incluído o frete. Fato e imediatamente por conta do comprador, que inclui despesas de envio. Endereço: Rua da República, 100 - 1º andar - Rio de Janeiro, RJ. O endereço da Columbia Royal com a lista de produtos e de 21 catálogos de reparação variado de artigos e acessórios em Português, Inglês, Espanhol, livro de frete e imediatamente para qualquer parte do Brasil. (Por via marítima até o porto de desembarque de voo).

Importante. Garmentissimo oferece as encomendas obrigatórias ao seu destino em perfeito estado. Pedidos que deixem a primeira escolha de dizer se estão ou não. Dependendo da primeira compra a nossa futura transação, a natural que tenhamos sempre o máximo cuidado em não servir a todos os que nos confiamos as suas pedidas. Devolvemos qualquer importância paga por um Garmentissimo comprado em nossa loja, caso não tenhamos a consideração, quando devolvido em 8 dias depois da recepção da mesma.

Centenas de satisfeitos freguezes nossos, atestam a superioridade destes aparelhos

ACEITAMOS ordens á vista sobre esta praça, do Rio e Santos

Agencia Geral da COLUMBIA PHONOGRAPH COMPANY DE NOVA YORK
CASA EDISON — FIGNER IRMÃOS — Rua S. Bento, 26 — SÃO PAULO
— Proprietario GUSTAVO FIGNER —

Sterling-Columbia

Brço acustico
de alumínio

Reproductor
Analysis de
Músic[illegible]

coroa arredondada com a firma de uma flor, medindo 52 centímetros de comprimento e 32 centímetros de base. Dimensões da calça que cobre o fio da cintura são as seguintes: 88 x 33 x 13 centímetros.

No preço são incluídos os impostos. Frete e armazenamento por conta do comprador, que varia conforme o destino. Mediane **R\$360,00** chegamos o Gramophone Columbia Sterling com 12 discos duplos Columbia e 12 discos duplos Gramophone com 12 discos duplos Gramophone, Melódica e Discos 200 Melódica, livro de frete e armazenamento por qualquer parte do Brasil. (Por via marítima, até o porto de desembarque do importador, com o custo de frete e seguro de 12% sobre o valor total).

Quem deseja adquirir mais discos além dos 24 que são incluídos no preço acima devem enviar-se mais **R\$300,00** por cada **R\$60,00** em discos.

Imagem 34– Anúncio de gramofones “Columbia”em O ECHO, ano 8, nº 75. Maio de 1908, p.1. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

No anúncio acima, a Columbia reitera o uso de seus gramofones para o entretenimento doméstico, mostrando uma imagem que representa até mesmo a enigmática esfinge egípcia se divertindo ao som de um gramofone, isto é, até mesmo um dos maiores ícones do antigo se rendendo ao moderno.

Grande concorrente da Columbia, a Victor Talking Machine também tem presença marcantes nas páginas do *Echo*. Pioneira na fabricação de discos, a Victor nos traz um exemplo de sucesso na difusão de uma logomarca – a imagem de um cachorro curioso ao ouvir os sons reproduzidos pelo gramofone – é associada a um texto que incentiva o consumidor a associar aquela imagem à qualidade dos produtos e a encontrá-la e reconhecê-la facilmente:

Esta gravura, intensamente natural, representa tudo que há de melhor em música. É a marca da fábrica Victor, a qual lhe traz, esteja onde estiver, a melhor música do mundo, cantada e interpretada pelos melhores artistas do universo. AVISO. Esta marca industrial encontra-se na bosina e no gabinete de cada instrumento Victor, na tampa e no interior do gabinete de todas as Victrolas e em todos os discos e pacotes de Agulhas Victor, sendo a garantia que V. Excelência tem da qualidade Victor¹⁵²

¹⁵² O ECHO, ano 15, nº01. Julho de 1916, p.25

Esta gravura, intensamente natural, representa
tudo o que ha de melhor em musica

E a marca da fabrica **Victor**, a qual lhe traz,
esteja onde estiver, a melhor musica do mundo,
cantada e interpretada pelos melhores artistas
do universo.

AVISO

Esta marca industrial encontra-se na bosi-
na e no gabinete de cada instrumento **Victor**,
na tampa e no interior do gabinete de todas as
Victrolas e em todos os Discos e pacotes de **Agu-
lhas Victor**, sendo a garantia que V. Excia. tem
da qualidade **Victor**.

Nunca se esqueça de exigir esta marca in-
dustrial, pois é a unica prova positiva de que os
instrumentos, discos e agulhas que compra são
genuinamente fabricados pela **Victor**.

Usae sempre as **Machinas Victor** com os
Discos Victor e as **Agulhas Victor**. Esta é a
melhor combinação para se obter o incompa-
ravel tom **Victor**.

GRATIS A SOLICITAÇÃO

Completo Catalogo "**VICTOR**" — GRATIS

Victor Talking Machine Company

CAMDEN, NEW JERSEY - Estados Unidos de America

Agentes em S. PAULO:

CASA EDISON — Rua 15 de Novembro, 55

CASA MURANO—R. Marechal Deodoro, 32

Agente "**VICTOR**" no RIO DE JANEIRO:

CASA PHOENIX — Rua da Assembléa, 71

Imagem 35—Anúncio de vitrolas "Victor
TalkingMachine"em O ECHO, ano 15, nº01. Julho de
1916, p.25. Acervo do Arquivo Público do Estado de São

Imagem 36—Capa e contracapa de catálogo da RCA Victor (antiga Victor TalkingMachine) de 1934. Acervo do Museu da Casa Brasileira.

A Victor, assim como a Columbia, produzia catálogos de divulgação e venda de seus discos e aparelhos, como podemos observar nas imagens acima. Este catálogo de 1934, nos mostra na capa o célebre cão da raça Fox Terrier da Victor e traz letras de marchinhas que foram sucesso no Carnaval de 1934, demonstrando a preocupação em alinhar seus produtos ao gosto popular brasileiro. Na contracapa, vemos o anúncio de uma vitrola portátil, de funcionamento manual.

Outros tipos de aparelhos de entretenimento domésticos também são anunciados no *Echo*, principalmente em suas primeiras edições, que se difundem no contexto moderno por um modo de apreensão bastante valorizada na virada de século, que é a visualidade. Além dos anúncios de zoótropos, estereoscópios, lanternas mágicas e cinematógrafos [imagens 37-39], o *Echo* dedicava seções que ensinavam como projetar figuras de sombras na parede com o uso das mãos, charadas com ilusões de ótica, indicando a fascinação que os efeitos da visão e as chamadas “fantasmagorias”¹⁵³ causavam na mentalidade do final do século XIX e início do XX¹⁵⁴.

Imagem 37—"Scenas animadas de belíssimo effeito". Anúncio de cinematógrafo em O ECHO PHONOGRÁFICO, ano 1, nº 11. Setembro de 1902, p4. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Imagem 38—"Muito próprio para entreter visitas". Anúncio de estereoscópio em O ECHO PHONOGRÁFICO, ano 1, nº 11. Setembro de 1902, p4. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

¹⁵³ Cf. FOOT-HARDMAN, Francisco. **Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (1ª ed. 1987)

¹⁵⁴ Cf. TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos a fotografia e as exposições na era do espetáculo : 1839/1889**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Cinematographos de facil manejo A PREÇOS POPULARES

Grande, util, instructivo. Divertimento para casas de familias

Cinematographos populares em combinação com lanterna magica

Os novos cinematographos em combinação com lanterna magica, proporcionam agradaveis divertimentos em reuniões familiares e sendo seus preços modicos e maneira de usar muito simples e possuindo uma construção muito solida, estão ao alcance de todos.

O nosso desenho ao lado é a reprodução fiel dos modelos que temos á venda. De apparencia e confecção muito elegantes e solida, montada numa prancha de madeira solida, lampada de kerozene com fechos de vidro, objectivas de tres poderosas lentes num encaixe de

metal amarello regulador para transportar as vistas cynematographicas, é muito engenhoso, permittindo ás vistas um movimento fixo sem trepidação. A transformação do cynematographo para a lanterna tambem é muito sensivel e instantanea.

N. 323/1 acompanhado de 6 fitas não coloridas, 8 fitas coloridas para Cynematographos, 36 vistas para Lanterna magica, acondicionado

em solida caixa de papelão com instruções para o funcionamento: Preço 75\$000.

N. 323/2 acompanhado de 8 fitas não coloridas, 8 fitas coloridas sem fim para Cy-

nematographo, 48 vistas de vidro de 4 ctm. de largura; 1 Chromotrop de 4 ctm. de largura, 1 vista de transformação de 4 ctm. de largura para Lanterna Magica com. caixa de papelão e instruções: Preço 110\$000.

N. 323/3 acompanhado com 14 vistas coloridas sem fim para Cynematographo 48 vistas de vidro de 5 ctm. de largura, 3 Chromotrops de vidro 5 ctm. de largura, 1 vista de transformação de vidro de 5 ctm. de largura para Lanterna Magica, com caixa de madeira e instruções: Preço 130\$000. O encaixotamento é gratis.

Os preços são exclusivé o frete. Este varia conforme o destino, approximadamente 5\$000. Para logares servidos de porto de mar, enviamos qualquer cynematographo com augmento de 15\$000 para a despesa do frete e despacho.

Imagem 39—"Os novos cinematógrafos em combinação com lanterna mágica, proporcionam agradáveis divertimentos em reuniões familiares e sendo seus preços módicos e maneira de usar muito simples e possuindo uma construção muito sólida estão ao alcance de todos" Anúncio de cinematógrafo em O ECHO, ano 8, nº 75. Maio de 1908, p.26. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

Esta valorização da visão é um fenômeno que remonta ao século XIX dentro de um contexto de surgimento de uma sociedade do espetáculo pela valorização da visualidade proporcionada pela emergência de novas tecnologias de produção e reprodução de imagens, resultantes de profundas transformações de perspectiva do observador.

[...] a ruptura com modelos clássicos de visão no início do século XIX era muito mais do que apenas uma mudança na aparência das imagens e obras de arte ou nos sistemas de convenções representacionais. Ao contrário, era inseparável de uma reorganização massiva do conhecimento e práticas sociais que modificaram as miríades de maneiras o produtivo, o cognitivo e as capacidades de desejo do sujeito humano.[...] No início do século XIX, havia uma ampla transformação no modo como um observador figurava em um vasto leque de práticas sociais e domínios do conhecimento. A principal trilha pela qual apresento esses desenvolvimentos é examinando o significado de certos instrumentos ópticos. [...] Os engenhos ópticos em questão são pontos de intersecção nos quais diversos discursos filosóficos, científicos e estéticos se justapõem a técnicas mecânicas, solicitações institucionais e forças socioeconômicas. Cada um deles pode ser compreendido não apenas como objeto material em questão ou como parte de uma história da tecnologia mas no modo pelo qual está incorporado em um conjunto muito mais amplo de acontecimentos e poderes.[...] No século XIX, a relação entre o olho e o aparelho óptico tornou-se uma relação de metonímia: ambos eram agora instrumentos contíguos, no mesmo plano de operação, com capacidades e características variáveis.¹⁵⁵

Desta forma, não é de se estranhar que o século XIX tenha criado tantos fenômenos veementemente visuais como o museu moderno, as exposições universais, a fotografia, o cinema, entre outros. Os aparelhos ópticos anunciados pelo *Echo* se apresentam nesta dinâmica que coloca o observador ao mesmo tempo como agente e produto da modernidade, que reorienta o olhar e as formas de representação daquilo que se vê¹⁵⁶.

A Casa Edison representa um importante vetor de difusão destes produtos mecânicos e dos valores atribuídos a eles para o ambiente doméstico, porém outras casas comerciais também eram dedicadas a estes propósitos como a de Paul J. Christoph, A Iluminadora, a Casa Negra, entre outras [imagens 40-46]:

¹⁵⁵ CRARY, Jonathan. "A modernidade e o problema do observador". Trad. Heloisa Barbuy [datiloscrito] p.5

¹⁵⁶ BARBUY, 1999, p.49.

Imagem 40 - Anúncio da loja de Paul J. Christoph Co. em A CIGARRA, ano 2, nº 28. 16 de Outubro de 1915, p. 46. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

FUNDADA EM 1889 - A ILLUMINADORA - MAIS ANTIGA NO GENERO

Rua Boa Vista N. 47 — Caixa Postal N. 613 — SÃO PAULO

ARTIGOS ELECTRICOS *Hotpoint* **El Boilo** **ERROS ELECTRICOS** 22\$, 24\$, 26\$ E 28\$

FERVE 1 COPO D'AGUA EM 3 MINUTOS
PROPRIO PARA MEDICOS, DENTISTAS, ETC.

DYNAMOS MOTORES TRANSFORMADORES
ORÇAMENTOS PARA INSTALAÇÕES HYDRO ELECTRICAS

Lampadas, pilhas, fios. Material electrico em 'geral'
Lampeões, lanternas, iluminação a gasolina

GRATIS

Imagem 41 - Anúncio da loja A Illuminadora em O ECHO, ano 15, nº01. Julho de 1916, p.3. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

CASA NEGRA **Fabrica de Fogões Economicos** Premiada com MEDALHA de OURO na Exposição de Turim de 1911 e pela Exposição de São Paulo de 1885

Acceptam-se Encomendas do Interior :: Concertam-se Fogões e Chaminés

PHILADELPHO DE CASTRO
Rua Conselheiro Nebias, 21 S. PAULO Telephone: "Casa Negra"

FUNDADA EM 1893

Imagem 42 - Anúncio da loja Casa Negra em O ECHO, ano 15, nº05. Novembro de 1916, p.41. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

CINEMATOGRAFOS

Vendem-se aparelhos e acessórios cinematográficos, bem como filmes de todas as dimensões. Informações e pedidos com o agente geral nos Estados do S. Paulo e Paraná.

Francisco Serrador — Bijou Theatre

Succursal da casa **Mar Ferrez & Filhos** do Rio de Janeiro, únicos e exclusivos agentes para todo o Brasil, da casa **Pathé Frères, de Paris.**

Imagem 43 - Anúncio da loja de Francisco Serrador em CORREIO PAULISTANO, 2 de março de 1908, p.6. Acervo Digital da Biblioteca Nacional

8 CORREIO PAULISTANO - Sábado, 24 de Janeiro de 1914

Grandes reduções em todos os preços - A' ILLUMINADORA

Geladeiras americanas do
** melhor fabricante **

Geladeira

Fogões a lenha ou carvão e a kerozene
Os incomparáveis fogões a gaz PRIMAZIA
Verniz CHI-NAMEL - Lanternas e
Lampeões - Machinas para lavar
roupa - Redes Mexicanas - Filtros
Pasteur e de outras procedencias
Artigos domesticos - Preços baratissimos

PEÇAM PROSPECTOS A

Fernandes, Santos & Comp.
Rua Boa Vista, 36-A - S. PAULO

Mosquiteiros Americanos,
brancos e de cores, grande
* * * variedade * * *

Mosquiteiro americano

Imagem 44 - Anúncio da loja A Illuminadora em CORREIO PAULISTANO, 24 de janeiro de 1914, p.11. Acervo Digital da Biblioteca Nacional

GELADEIRAS

Geladeiras americanas, esmaladas, grandes e pequenas

LION & C.

Caixa, 44 — S. PAULO

MARKET — S. Paulo

Imagem 45 - Anúncio da loja Lion & Co. em CORREIO PAULISTANO, 30 de março de 1911, p.8. Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Faça a sua escolha destas Victor-Victrolas

V.Sa. não tem necessidade de comprar uma das Victor-Victrolas de maior preço para ter acesso a toda a grande variedade de musica Victor.

Qualquer instrumento, desde a Victor-Victrola IV, de Reis 60\$000, até a Victor-Victrola XVI, de Reis 750\$000, tocará qualquer disco constante no catalogo Victor.

Escolha o instrumento que estiver em melhor harmonia com o seu lar domestico e disfrute da linda musica e engraçados cantos que lhe oferece o repertorio Victor.

Visite-nos e trate d'isto hoje.

Distribuidor geral **VICENTE MURANO**
Rua Marechal Deodoro, 32
Caixa, 505 1000 N. PAULO 1000 Telephone, 622

Imagem 46 - Anúncio da loja Lion & Co. de Vicente Murano em CORREIO PAULISTANO, 31 de outubro de 1915, p.11. Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Como vimos nos anúncios acima, a circulação de aparelhos de uso doméstico no início de século XX em São Paulo nos revela um universo bastante amplo que inclui toda sorte de equipamentos que facilitassem o trabalho doméstico, promovessem entretenimento ou conforto como geladeiras, fogões a gás ou querosene, filtros, máquinas de lavar roupa, máquinas de escrever, aparelhos sonoros, entre outros. Vale pontuar que o levantamento desta publicidade apenas começa a descortinar este universo, uma vez que uma reflexão mais aprofundada sobre a circulação, consumo e uso demanda outras fontes de pesquisa que não foram privilegiadas por este trabalho, mas de toda forma, através da investigação da publicidade, podemos inferir sobre o mercado consumidor que se formava para utensílios domésticos e das transformações tecnológicas que eles ajudam a difundir.

Grandes lojas de departamento, fenômenos urbanos por excelência, que surgem dentro deste contexto de grandes concentrações populacionais e estímulo ao consumo de massa tipicamente moderno,¹⁵⁷ também exercem grande papel na difusão das novas tecnologias voltadas para o lar. Tomaremos aqui como exemplo o caso do Mappin , loja de departamentos de origem inglesa que se instala em São Paulo em 1913.

Lojas de departamento se difundem ao redor de todo o mundo na segunda metade do século XIX, seguindo os padrões nascidos na Europa, materializando uma transformação nas formas de consumo que acompanha o processo de industrialização da produção, como também da urbanização e modernização das cidades. Segundo Meredith Clausen, a França pós-revolucionária abriu caminho para o surgimento das lojas de departamento uma vez que a atividade comercial se diversificou na medida em que restrições comerciais foram revogadas e que a produção se distanciava cada vez mais do comerciante:

As manufacturing methods changed, marketing split off from production. Trade regulations which restricted advertising and limited proprietors from selling more than a single line of goods were lifted [...] As the economy continued to flourish, several of the more enterprising shop owners began to expand, diversify their ware and form dry goods stores. Small specialty shops tried to meet this new competition by clustering together with other shops that sold related

¹⁵⁷ LEACH, William R. "Transformations in a Culture of Consumption: Women and Department Stores, 1890–1925". In. **The Journal of American History**, vol. 71, n 02, 1984. p.322

ware, thus enabling customers to buy their goods in a single locale.¹⁵⁸

Já na era do surgimento das metrópoles, as lojas de departamento, se integram à paisagem urbana não só fisicamente, como também demarcam uma nova forma de se relacionar com os bens de consumo, se beneficiando das novas tecnologias do vidro e da luz¹⁵⁹ para criar vitrines e ambientes sedutores, além de reunir uma profusão de produtos que também ajudam a compor a *mise-en-scène* dos grandes magazines, integrando-se a uma “cultura visual de exibição”¹⁶⁰ que se estabeleceu no século XIX. Segundo Heloisa Barbuy, este sistema de exibição de mercadorias tem vinculação com a lógica das exposições universais:

As grandes lojas de departamentos, ponto culminante das transformações urbano-arquitetônicas operadas por comerciantes na cidade, têm também sua vinculação com as exposições universais, poderosos difusores dos valores e das práticas culturais inerentes à sociedade industrial. Ali, a rede de expansão, que interpretamos como uma teia que estendeu seus envolventes fios pelo mundo, era vista como irradiação luminosa na direção do progresso. Aquelas repartições dedicadas a tipos específicos de produtos, que se chamam, no sistema inglês, *departments*, e para os quais, no Brasil, usa-se mais o termo seção, sempre receberam, nas grandes lojas francesas, a denominação de *rayons*, isto é, raios, como os raios de uma circunferência ou de uma emanção luminosa [...] O tipo de sistema apresentado nas exposições universais rapidamente foi adotado também para a exibição de produtos nas grandes lojas francesas. As amplas áreas centrais, em sua habitual monumentalidade e profusa luminosidade, foram um dos principais elementos a se repetir nos edifícios desses estabelecimentos. Além de distribuir os raios (isto é, as galerias) por ramos de produtos, ganharam também significado simbólico de espaço feérico onde se

¹⁵⁸ CLAUSEN, Meredith. “The Department Store: development of the type”. In. **Journal of Architectural Education**, vol. 39, n 01. Association of Collegiate Schools of Architecture, 1985. p.20

¹⁵⁹ LEACH, 1984, p.323

¹⁶⁰ BARBUY, 2006, p. 229

exibia e consumia a prodigalidade de bens que a indústria proporcionava.”¹⁶¹

Como nos mostra Lotito na citação acima, o Mappin, uma das primeiras lojas de departamentos instaladas em São Paulo¹⁶², segue os modelos das grandes lojas de departamentos da Europa e América, criando um espetáculo sedutor que visava impulsionar o desejo consumidor, imbuído de um discurso publicitário que corroborava a relação entre consumo conspícuo e modernidade.

Instabilidade e estranhamento eram, da mesma forma, duas importantes matrizes da organização espacial dos grandes magazines. Esse tipo de comércio tinha suas particularidades: os mais diversos produtos, colocados lado a lado, podiam tornar-se atraentes pelo simples efeito de estranhamento que isso causava. Uma enorme variedade de mercadorias oferecidas de maneira bastante especial, a decoração das lojas e as vitrines aumentavam o interesse do comprador. No entanto, se a instabilidade e o estranhamento causados pela nova paisagem urbano-industrial podiam causar desconforto em relação à cidade, esses mesmos sentimentos, no caso das lojas de departamentos, foram explorados na criação de um espaço mágico e instigante. Percorrer a loja 'é enlevar-se, é recrear o espírito ante um dos mais bellos espectaculos que nesta época se possam evocar!' dizia o anúncio do Mappin.¹⁶³

A própria história do Mappin traz elementos que justificam sua vocação para “palácio do consumo”¹⁶⁴. Joseph Mappin, seguindo os passos de seu pai, estabelece ainda no século XVIII uma loja de cutelaria que daria origem, sob a gestão de seus quattros netos, à Mappin Brothers Limited que expandiria seus negócios no século XIX.

¹⁶¹ Ibidem, pp. 227-228

¹⁶² Segundo Barbuy, outras iniciativas de “departamentalização” de lojas já existiam em São Paulo desde 1907 em estabelecimentos como a Casa Lebre e a Casa Fretin, entre outras. A Casa Alemã, que pode ser considerada a primeira grande loja de São Paulo, teria sofrido influencia da própria Mappin Stores para organizar seu sistema de administração e vendas em departamentos, sendo assim também uma das primeiras lojas de departamento da cidade. BARBUY, 2006, p. 209

¹⁶³ LOTITO, op. cit., p.81

¹⁶⁴ BENSON, Susan P. “Palace of Consumption and Maching for Selling: The American Department Store, 1880–1940”. In. **Radical History Review** Fall, n . 21, 1979. p. 202

Em 1860, um dos netos, John Mappin se desliga dos outros três irmãos para abrir sociedade junto a seu cunhado George Webb, dando origem à Mappin & Webb¹⁶⁵.

Paralelamente, a Mappin Brothers se expande ao redor do mundo no início do século XIX, até que eventualmente, por problemas financeiros, é finalmente incorporada à Mappin & Webb em 1904¹⁶⁶. Se até os dias atuais a Mappin & Webb inglesa é especializada em prataria de luxo, suas filiais abertas ao redor de mundo em cidades como Paris, Roma, Nice, Biarritz, Monte Carlo, Lausanne, Estocolmo, Copenhague, Joanesburgo, Montreal, Rio de Janeiro e São Paulo¹⁶⁷ tomaram diferentes rumos.

A primeira filial em São Paulo é aberta em 1912 sob o nome de Mappin & Webb, mas em novembro de 1913, é inaugurada a Mappin Stores logo ao lado da Mappin & Webb na rua 15 de Novembro¹⁶⁸. Focada no comércio de luxo a Mappin Stores servia a uma elite paulista ávida pelos produtos de origem européia e americana, envolvida por uma atmosfera tipicamente cosmopolita da metrópole nascente.

Desta forma, a Mappin Stores, assim como boa parte do comércio no centro de São Paulo na época, comercializava os produtos vindos diretamente dos grandes centros industrializados [imagem 47]:

¹⁶⁵ OUR STORY SO FAR. Mappin & Webb Website. Disponível em: www.mappinandwebb.com/i/our-history.jsessionid=0451A0C127A7C1C1FCBA80BD06A71AF6.node2. Acesso em 21 de junho de 2014.

¹⁶⁶ Ibidem

¹⁶⁷ DEAECTO, op. Cit. P.108

¹⁶⁸ Para um relato mais completo da história do Mappin em São Paulo Cf. ALVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange. **Mappin setenta anos**. São Paulo: Ex Libris, 1985.

8/12/29

MAPPIN STORES
SOCIÉTÉ ANONYME BRÉSILIENNE

9/12/29 Rm

S. PAULO

DE TODA A PARTE!

VINDAS DIRECTAMENTE dos grandes centros productores do Velho Mundo e da America do Norte, segundo compras effectuadas nas proprias fabricas por nosso Director e dentro das mais favoraveis condições de qualidade e de preços,

As Novas Mercadorias "Mappin"

*Surprehenderentes
revelações em*

Tecidos de seda — Cartões de Paris e Vienna — Meias — Luvas de Regnier — Loques e Chales de Seda — Lenços — Pertences de Toilette, Chancel e Barjam — Fantasias para "boudoir" — Cristais e porcelanas d'arte — Almofadas — Papel de cartas — Collares e Pulseiras — Marraquinaria — Accessorios para cavalheiros — Novidades para habito, menina e rapazzo — "Lingerie" para senhoras — Chinillas e Sandalias — Roupas de Cama e de Mesa — Trajes de banho — Capas impermeaveis — Lustres — Abot-jours — Utensillios domesticos e artigos de utilidade e adorno em geral.

merecem, realmente, por innumerados motivos, a mui particular e valiosa attenção de V. Exa.

Se é verdade notoria que os nossos sortimentos têm sido de anno para anno, objecto de continuos successos, é certo tambem que nunca conseguimos, como agora, reunir tão bellas collecções de artigos de Arte, Luxo, Elegancia e Utilidade

POR PREÇOS TÃO BAIXOS!

CONTINUA, por todo o mez de Dezembro, a nossa grande e tradicional

VENDA DE VESTIDOS

Toda a nossa immensa collecção composta de algumas centenas de formosos exemplares acha-se marcada, no actual momento,

POR PREÇOS DE RARA CONVENIENCIA.

MAPPIN STORES

— A Sua Casa Predilecta —

Imagem 47 -Anúncio da Mappin Stores de 08 de dezembro de 1929 - Acervo do Museu Paulista.

Vindas diretamente dos grandes centros produtores do Velho Mundo e da América do Norte, segundo compras effectuadas nas próprias fábricas por nosso Director e dentro das mais favoráveis condições de qualidade e de preços, as novas mercadorias 'Mappin'

merecem, realmente, por inumeros motivos, a mui particular e valiosa atenção de V. Exa¹⁶⁹

Vemos aqui que a publicidade mais uma vez se configura como um importante veículo de difusão destes produtos, que aliada à própria conformação física dos grandes magazines e suas vitrines, vende mais que bens consumo; vende a própria experiência da modernidade.

A publicidade do Mappin é, de fato, um marco na história do próprio design gráfico no Brasil uma vez que se beneficia do desenvolvimento das tecnologias de produção de papel e de impressão que vinham possibilitando novas formas de confecção e difusão de imagens ao redor do mundo¹⁷⁰. O Brasil, e particularmente, São Paulo, viam o desenvolvimento de técnicas de impressão mecânica que possibilitavam a multiplicação de periódicos e peças publicitárias cada vez mais sofisticadas com a instalação de indústrias gráficas como é o caso da Empresa Lythographica Hartmann-Reichenbach, fundada na cidade em 1901.¹⁷¹

As publicidades do Mappin utilizam diversos recursos gráficos, segundo Wilma Temin:

Cliché, lithography, and halftone photography, along with typography, were the support for Mappin's catalogues and ads, sometimes using all resources in the same piece, other times using one to get to the reality of the other.¹⁷²

Wilma Temin continua, apontando que a publicidade na Mappin Stores ganha tamanha importância para a loja que em 1920, a empresa abre um setor especializado para a confecção de tais anúncios¹⁷³. As peças publicitárias eram veiculadas em meios de grande difusão com os jornais *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*, como

¹⁶⁹ Anúncio do Mappin de 08 de Dezembro de 1929 – Acervo do Museu Paulista.

¹⁷⁰ CF. THOMSON, Ellen M. **The Origins of Graphic Design in America, 1870-1920**. Yale University Press, 1997.

¹⁷¹ TEMIN, Wilma Ruth. "Mappin tells the history of graphic design in São Paulo from 1913 to 1939", p.480-485. In FARIAS, Priscila Lena; CALVERA, Anna; BRAGA, Marcos da Costa; SCHINCARIOL, Zuleica (Eds.). **Design frontiers: territories, concepts, technology-** 8th Conference of the International Committee for Design History & Design Studies. São Paulo: Blucher, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/design-icdhs-092>. Acesso em 21 de junho de 2014. p. 481

¹⁷² Idem

¹⁷³ TEMIN, 2012, p. 482

MAPPIN STORES
SOCIETÀ ANONIMA INGLEZA

Speiseeismaschine „Mappin“

Für jedes Heim
nützlich!

Die Speiseeismaschine „MAPPIN“ ist die praktischste u. zweckdienlichste ihrer Art.

Ganz aus galvanisiertem Metall hergestellt, ist ihre Konstruktion solide und ermöglicht dank ihrer Einfachheit eine schnelle und doch gründliche Reinigung.

Kaufen Sie noch heute die praktische, hygienische und sparsame

Speiseeismaschine „Mappin“ zu dem einzigen Preise von

19.500

Mappin Stores

Caixa postal 1391 — S. PAULO

[illegible]

83

Stores attracted patronage not just through amenities and services, but also by making themselves lively and eventful places. Seasonal clearance sales and periodic events such as white sales enlivened them, setting the shopper on the trail of the ultimate bargain, giving her the chance to prove her mettle as the Family member in charge of consumption. Promotions linked shopping to the observance of holidays such as Valentine's Day, Easter and Christmas [...] These giant emporiums told their patrons in myriad ways that shopping was not just purchasing but an agreeable and leisurely diversion in luxurious surroundings, laced with exciting events to relieve daily tedium and newly linked to traditional celebrations such as Christmas.¹⁷⁴

No caso brasileiro, como aponta Souza¹⁷⁵, é possível notar indícios do mesmo fenômeno nas primeiras décadas do século XX, uma vez que por aqui se adota cada vez mais o costume norte-americano de celebrar os grandes feriados religiosos com a troca de presentes, associando as datas a ocasiões de consumo.

Tal preocupação é muito presente na publicidade do Mappin, que busca promover liquidações semestrais, como a famosa liquidação do “lápiz azul”, promoções de aniversário da loja e grandes eventos para o Natal que incluíam, além das promoções, eventos para crianças como chás e exposições de brinquedos [imagem 50].

¹⁷⁴ BENSON, Susan P. **Counter Cultures: Saleswomen, Managers, and Customers in American Department Stores, 1890-1940**. 1ª ed. University of Illinois Press, 1987. p. 21

¹⁷⁵ SOUZA, Ludmila Érica Cambusano de. **A seção de brinquedos da metalúrgica Matarazzo S.A. - Metalma -, anos de 1930-1950 em São Paulo (estudo sobre industrialização e cultura material)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29082012-095823/>>. Acesso em: 2013-08-19. p.34

21/12/20 RM 20/236,01

MAPPIN STORES
SOCIÉDADÉ ANÓNIMA INGLEZA

Grandes Exposições de Natal

Brinquedos

A «gruta polar» é uma exposição de desusada originalidade que proporcionará às suas crianças alguns momentos de grande alegria. O nosso variado sortimento de brinquedos tem preços muito atraentes.

OBJECTOS PARA PRESENTES

Se V. S. deseja dar um presente que lhe custe pouco e que cause satisfação, o seu trabalho de o procurar será facilitado V. S. visitando as nossas exposições actuaes que incluem lindas novidades parizienses.

CHÁ' DE NATAL

PARA AS CRIANÇAS

Organisamos para as proximas quinta e sexta feiras, das 15 ás 18 horas um chá especial para as crianças, conforme fizemos nos annos anteriores

O proprio São Nicolau
estará presente e distribuirá bonbons e brinquedos ás crianças

PREÇO DO CHÁ' 3\$000

Mappin Stores

Imagem 50 - Anúncio da Mappin Stores de 22 de dezembro de 1920 – Acervo do Museu Paulista

O anúncio acima revela justamente a preocupação da loja em se estabelecer acima de tudo como um espaço de lazer e entretenimento, dando assim um novo caráter à atividade de se fazer compras, transformando-a em algo prazeroso para toda a família. Encontramos no anúncio a divulgação de uma exposição de Natal especial para as crianças chamada “gruta polar”, onde “o próprio São Nicolau estará presente e distribuirá bombons e brinquedos para as crianças”. Para além, o “variado sortimento

de brinquedos têm preços muito atraentes”, para os adultos é possível achar opções de presentes que “incluem lindas novidades parisienses”.

Tais características da publicidade da Mappin Stores são importantes para esclarecermos o papel que sua seção de utensílios domésticos, inaugurada em 1922, irá exercer na definição de novos padrões de consumo de produtos para o lar. Mais uma vez, assim como nos produtos anunciados no *Echo*, as noções de modernidade e de racionalização da vida doméstica, associadas às idéias de conforto e prazer, permeiam não só os produtos, como também o próprio ato de consumir.

A Mappin Stores, que a princípio servia às camadas mais abastadas da população, foi ao longo da sua história ampliando sua clientela e diversificando suas mercadorias. O caso da seção de utensílios domésticos, ainda que numa primeira fase voltados para a elite, talvez configure um primeiro movimento de ampliação, uma vez que inaugura um espaço de 250m² dedicados aos objetos do lar [imagem 51] em um magazine tradicionalmente dedicado ao vestuário, tapeçarias e artigos de luxo.

3/12/22 22/198,62

MAPPIN STORES
Sociedade Anônima Limitada

Já inauguramos mais uma secção

UTENSÍLIOS DOMESTICOS

Está inaugurado este novo departamento que possui um abundante stock dos mais modernos artigos para uso domestico, como sejam: baterias de cozinha, fôrmas para doces, sorveteiras, filtros, etc., etc.

OFFERTA INAUGURAL

Uma bateria completa de cozinha composta de 18 peças modernas
DE ALUMINIO COM GUARNIÇÕES DE METAL

Preço especial para a semana da inauguração

160\$000

250 METROS QUADRADOS

é o espaço que occupa a nova secção no 2.º andar do nosso edificio logo abaixo do salão de chá.

Duas Especialidades

"ANGLO" louça esmaltada que não descasca
"PYREX" fôrmas e outras peças de vidro transparente, a prova de fogo; podendo ser usada no forno e no fogão

MAPPIN STORES

Imagem 51 - Publicidade da Mappin Stores de 31 de dezembro de 1922. Acervo do Museu Paulista

Os anúncios da seção de utensílios domésticos nos revelam um universo de equipamentos que prometiam facilitar os serviços domésticos, dentro de uma lógica de mecanização das tarefas do lar, discurso este que vai se perpetuar e se fortalecer posteriormente com o avanço da eletrificação das residências e da difusão dos primeiros eletrodomésticos. A idéia de uma casa moderna, noção esta balizada nos modelos das grandes metrópoles européias e americanas, tornava-se agora um ideal possível de se realizar através dos produtos importados que por aqui circulavam [imagem 52]

24/9/24 R.M. 24/17, C.16

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

UTENSILIOS DOMESTICOS

Quando v. exa. vier à cidade, mesmo que de nada precise, não deixe de visitar esta nossa importante secção.

Recebemos constantemente dos grandes centros produtores, engenhosos utensilios que se destinam a prestar-lhe relevantes serviços.

Balança "Colamota", tipo relógio. Accusa fielmente o peso em kilos ou em libras.

Preço 30\$000

Louça esmaltada "Solingen" cor de terra-cotta.

Vendemos BATERIAS COMPLETAS ou PEÇAS AVULSAS e podemos garantir que é o que há de melhor no género porque não se amolece e nem se des- casca.

Latas para generos, pintadas de branco ou ocre. Artigo muito solido. De

2\$100 a 10\$800

"PIREX" Dos Estados Unidos, recebemos nova collecção de fôrmas e outros objectos deste vidro refractario ao fogo.

Geladeiras da acreditada marca "Nove", pintadas de esmalte branco ou cor de nogueira.

Varios tamanhos, desde 250\$000

Fôrmas de folha para bolos, empadas, etc.

Completo sortimento para varios fins, por preços convenientes.

Temos o prazer de lhe offerecer pela primeira vez lindos

SERVÇOS DE JANTAR

em finissima porcelana branca e decorada, assim como de authentic granito inglez.

MAPPIN STORES

Imagem 52 - Publicidade da Mappin Stores de 24 de setembro de 1922. Acervo do Museu Paulista

Quando v. exa. vier à cidade, mesmo que de nada precise, não deixe de visitar esta nossa importante secção. Recebemos constantemente dos grandes centros produtores, engenhosos utensílios que se destinam a prestar-lhe relevantes serviços¹⁷⁶

¹⁷⁶ Anúncio do Mappin de 24 de Setembro de 1924. Acervo do Museu Paulista

Se tomarmos como exemplo a balança “Columbia” anunciada na publicidade acima, e compararmos com anúncios encontrados em publicações em outros países do mundo [imagens 53-54], podemos inferir não só sobre a circulação dos produtos, como também sobre as imagens sobre eles que eram reproduzidas e difundidas. Isto ajuda a corroborar a idéia de um circuito comercial internacional que cria e consolida uma cultura de consumo moldada pelos ideais da modernidade. Assim não só os produtos, mas também as imagens são, ao fim e ao cabo, mais do que matéria ou representação, mas sim, agentes de reprodução cultural, mediados pela lógica do mercado.

\$1.25 Scales for 98c

Columbia household scales, true and accurate, with scoop, will weigh up to 24 pounds—check the butcher and the grocer, stop the kitchen leaks—regular \$1.25 values, Friday at..... **98c**

25c Toasters 15c

Wilson toasters, made for use on gas, gasoline or oil stoves, insures the good crisp toast, toasted all the way through to good brown—regular 25c value, Friday at..... **15c**

Imagem 53 - Balança “Columbia” anunciada no Duluth Evening Herald (Duluth, Minnesota, EUA) em 24 de fevereiro de 1910 – Acervo digital em mocavo.com

Scales, Coffee Mills, Saucepans

Food Control in every home means Accuracy and No Waste—Accuracy in the Weight You Pay For and Accuracy in the Weight You Use. "Columbia" Household Scales should be in every kitchen. Will weigh up to 25lb. by ounces; complete with seamless tin scoop as shown (at right). Craig's Price, 29/11.

"UNIVERSAL" BOX COFFEE MILLS (see sketch at left), made from stamped steel, complete with metal drawer, fitted with patent adjustable grinders, to grind as fine or as coarse as desired. Price, 14/11 each.

Please Add Freight on China and Kitchenware.

Imagem 54 - Anúncio da balança "Columbia" em The Argus (Melbourne, Victoria, Austrália) de 21 de março de 1921 – Acervo digital de <http://trove.nla.gov.au/>

Slater, ao tecer sua reflexão sobre cultura de consumo e modernidade, esclarece como tais relações comerciais em âmbito internacional delimitam um importante traço da cultura ocidental:

Consumption is always and everywhere a cultural process, but 'consumer culture' – a culture of consumption – is unique and specific: it is the dominant mode of cultural reproduction developed in the West over the course of modernity. Consumer culture is in important respects *the* culture of the modern West – certainly central to the meaningful practice of everyday life in the modern world; and it is more generally bound up with central values practices and institutions which define western modernity, such as choice, individualism and Market relations. If we were to extract a single defining feature it would run something like this: consumer culture denotes a social arrangement in which the relation between lived culture and social resources, between meaningful ways of life and the symbolic and material resources on which they depend, is mediated through markets. Consumer culture marks out a system in which consumption is dominated by the consumption of commodities, and in which cultural reproduction is largely understood to be carried out

through the exercise of free personal choice in the private sphere of everyday life.¹⁷⁷

Ainda na lógica da construção de uma cultura de consumo pautada pelo comércio internacional, temos outro anúncio recorrente nas publicidades da Mappin Stores, das máquinas e moedores “Universal”, de origem norte-americana e também bastante difundidas no Brasil (havendo inclusive um exemplar na coleção do Museu Paulista, como veremos mais adiante), tais máquinas prometiam, como vemos no anúncio abaixo, praticidade, higiene, fácil manejo e limpeza [imagem 55]:

20/1/25 MAPPIN STORES SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

Durante esta semana

OFFERTA ESPECIAL

Machinas "Universal"

Uma em cada cozinha!

Que a nossa secção de utensílios domésticos se tornou, pela grandeza de seu sortimento e qualidade de seus artigos, a mais completa e a mais importante da capital, é já uma afirmação que ninguém pode, com justiça, contestar.

É verdade, também, que, para atingirmos, nesta especialidade, uma posição tão firme, muito se atribuiu a humilde modicidade de preços que estabelecemos nos artigos, e da qual a nossa decorrente oferta de Machinas "Universal" é uma prova bem trilhada.

Machinas "Universal"

conhecidíssima e insuperável marca americana, em ferro galvanizado, inoxidável, equipadas com 4 graduações diferentes, para picar ou triturar carne, legumes, cereais, batatas, pão e frutas.

Artigo pratico, hygienico, de facil manejo e de limpeza immediata

N. 1 13\$500 N. 2 16\$500

Nota: Para os pedidos do interior cobramos mais 2000 para frete e embalagem

MAPPIN STORES

Imagem 55 - Anúncio da Mappin Stores de 20 de Janeiro de 1925 – Acervo do Museu Paulista

Machinas 'Universal' – conhecidíssima e insuperável marca americana, em ferro galvanizado, inoxidável, equipadas com 4 graduações diferentes, para picar ou triturar carne, legumes, cereais,

¹⁷⁷ SLATER, Don. **Consumer Culture and Modernity**. 1ª ed. Polity, 1999. p 8

batatas, pão e frutas. Artigo prático, higienico, de fácil manejo e de limpeza imediata¹⁷⁸

Encontramos o mesmo produto anunciado em periódicos da Nova Zelândia e Estados Unidos [imagens 56-58], trazendo os mesmos valores associados de praticidade, versatilidade e higiene encontrados no anúncio brasileiro:

STUDY THRIFT!
A Mincing Machine will Help.

YES! a Mincing Machine in your home will aid you in keeping down the household expenses. Just think of the odd pieces of good meat that are not eaten because they do not look appetising. You can avoid all waste, and also make numerous dainty dishes from cold meat if you supply yourself with the right kind of mincer.

**THE
UNIVERSAL MINCER**

Cuts meat, vegetables, fruit for cakes, bread, nuts, etc., either fine, medium or coarse; is easily attached to a table or bench, and is simple to clean.

**SAUSAGE STUFFERS AND EXTRA
PARTS IN STOCK.**

BLAIR & SELLAR,
QUALITY IRONMONGERS,
HAWERA.

Imagem 56 - Anúncio da máquina "Universal" no Hawera and Normanby Star (South Taranaki, Taranaki, Nova Zelândia) em 02 de março de 1918 – Acervo digital em <http://paperspast.natlib.govt.nz/cgi-bin/paperspast>

¹⁷⁸ Anúncio do Mappin de 20 de Janeiro de 1925 – Acervo do Museu Paulista

Fac-Simile of Advertisements Running in Best Women's Magazines.

Read by Millions of Housekeepers.

THE UNIVERSAL FOOD CHOPPER

SOLE BY LEADING HARDWARE DEALERS
Cook Book No. 2 Free—Twenty-five cents in the money
of five friends who don't have a Food Chopper, no need
One for Mounting Spoons Free.
Lansdown, Perry & Clark, New Britain, Conn.

THE UNIVERSAL BREAD MAKER

SIMPLE, EASY, SANITARY

Does away with hand kneading
and makes better bread.
No. 4, Family Size, capacity 8 loaves.
No. 8, Large Family Size, capacity 16 loaves.
Sent prepaid anywhere in U. S. at \$1.00 for
No. 4 and \$3.00 for No. 8. If unsatisfactory
we refund money and pay return charges.
Send for Brochure B. Free. Sold by Hardware Dealers.
Made by
Lansdown, Perry & Clark, New Britain, Conn., U. S. A.

What causes the great popularity of "Universal" goods?
Mechanical perfection—unquestioned superiority in operation.
Liberal advertising to Millions of Housekeepers through leading
periodicals, newspapers and public demonstrations.
They are the Original. The only Genuine. The Best.
Display stands cook books, electrotypes, demonstrations furnished free.

Digitized by Google — 50A — NEW YORK PUBLIC LIBRARY

Imagem 57 - Anúncio das máquinas "Universal" na House Furnishings Review, (Philadelphia, EUA) vol. 25, 1900. – Acervo digital da New York Public Library

UNIVERSAL

SERVICEABLE GIFTS

FOR SENSIBLE PEOPLE

Electric Coffee Percolator
No. 83437-\$11.50
Others from \$5.00 upward

EVERY Christmas, but particularly in war times, the utility of a gift as well as its appearance should be most carefully considered. National economy demands careful expenditure of money and careful selection of gifts. This year your trade will seek those articles which perform a practical service and which are not only certain of appreciation at holiday time, but which

**"Make a Merry Christmas
Last the Whole Year Through"**

The UNIVERSAL line is the best solution of gift problems. Those whose idea is not to waste money on useless articles but to give gifts of beauty, service and value turn quickly and confidently to the UNIVERSAL line.

Now is the logical time to launch a big drive for holiday business. Make window and counter displays of UNIVERSAL goods featuring the serviceable gift idea and make this Christmas the supreme selling season of your business career.

Percolator
No. 870-5-10-\$5.50
Others from \$1.50 and upward

Electric Toaster
No. 8416-\$5.00

Food Chopper
No. 871-\$3.50
Others \$1.50 to \$5.00

UNIVERSAL

Landers, Frary & Clark
New Britain, Conn.

Electric Chafin Dish
No. 83419-\$12.00
Others from \$10.00 upward

Green Plate Coaster Set-No. 1018417-\$6.75

Bread Maker
No. 8-4-10000-\$5.00
Made to 4 sizes. \$2.00 to \$5.50

Electric Four-Heat Grill
No. 8455-\$7.50

Carvers "Decorated Stag" Set-No. 10311-\$12.00
Other Carvers from \$5.00 per set upward

Porcelain Casserole
No. 702237-\$5.00

Imagem 58 - Anúncio das máquinas "Universal" na House Furnishing Review (Philadelphia, EUA), sem data - In. LIFSHEY, Earl. The HousewaresStory, p.240

Para além, a Mappin Stores comercializava ainda geladeiras, sorveteiras, lavatórios, gramofones e outros equipamentos para facilitar os serviços domésticos, proporcionar conforto e entretenimento [imagens 59-62]:

Imagem 59 - Anúncio da Mappin Stores de 22 de agosto de 1931 – Acervo do Museu Paulista

Imagem 60 - Anúncio da Mappin Stores de 31 de dezembro de 1924 – Acervo do Museu Paulista

Imagem 61 - Anúncio da Mappin Stores de 01 de agosto de 1925 – Acervo do Museu Paulista

Imagem 62 - Anúncio da Mappin Stores de 27 de julho de 1928 – Acervo do Museu Paulista

A publicidade do Mappin nos auxilia a esclarecer o processo de transformação do espaço e serviços domésticos nas residências paulistas no início do século XX, ajudando a compor o panorama dos utensílios que materializam tais transformações físicas e ideológicas. Em um anúncio de 10 de abril de 1925, a idéia de uma revolução das atividades do lar, proporcionada pelo desenvolvimento industrial, fica evidente:

Rápida que seja, uma visita a esta secção, uma das mais desenvolvidas de nossa casa, será para os visitantes, a mais perfeita e completa revelação do quanto o engenho do homem há inventado para amenisar os rudes serviços caseiros. Tudo o que pode tornar confortável e attractiva uma cozinha moderna está habilmente exposto ao longo dos vastos mostruários.¹⁷⁹

O caminho para a conceituação do utensílio que chamamos aqui de pré-elétrico está em localizá-lo, justamente, dentro deste contexto de modernização do ambiente doméstico. Mais do que uma caracterização pela fonte de energia utilizada, o pré-elétrico se insere em um processo de racionalização das tarefas domésticas que, por sua vez, dialoga com uma nova visão de mundo, balizada pelo pensamento industrialista. Por ajudar a construir esta lógica de modernização e racionalização do lar, comumente associada aos eletrodomésticos, talvez uma denominação mais condizente com os produtos que aqui estudamos seria chamá-los de “proto-elétricos”.

Assim, o universo dos objetos proto-elétricos desenhado a partir desta amostra da publicidade que circulava em São Paulo no início do século XX, nos aponta para a representatividade que tais objetos tiveram não só na trajetória tecnológica dos utensílios domésticos em si, mas para o imaginário que se construiu em torno da vida moderna em geral. Desta forma, tal categoria de objetos pode revelar grande potencial para acervos museológicos à medida que podem servir de chaves interpretativas para uma série de problemáticas acerca do patrimônio da industrialização, vida cotidiana, espaço doméstico, dinâmica comercial, consumo, evolução tecnológica, entre outras.

Veremos a seguir a situação deste tipo de objeto em duas instituições museológicas paulistas, o Museu da Casa Brasileira e o Museu Paulista, com o intuito de refletir sobre a representatividade desta tipologia de acervo para as coleções na história das duas instituições.

¹⁷⁹ Anúncio do Mappin de 10 de Abril de 1925 - Acervo do Museu Paulista.

Capítulo 2 – Utensílios domésticos pré-elétricos em museus históricos paulistas

Partindo da investigação proposta no primeiro capítulo, onde se buscou mapear o leque do que foi produzido e a representatividade e significado que tiveram os equipamentos pré-elétricos de uso doméstico de fabricação industrial em seu contexto original de uso, a pesquisa se volta, neste momento, para as coleções deste tipo de objeto dentro de museus históricos paulistas, buscando assim sublinhar o lugar que os objetos ocuparam em seu contexto de origem e sua presença em acervos de museus. Tal exercício procura não só mapear estas coleções, mas também analisar as circunstâncias da apropriação pelas instituições, buscando desenhar um quadro referencial destas tipologias em potencial para estes acervos relacionando-as com o panorama traçado pela investigação das fontes primárias apresentado anteriormente.

Os processos curatoriais que envolvem uma coleção – entendidos dentro de uma cadeia operatória que elenca modelos de aquisição, documentação, conservação, armazenamento, estudo, interpretação e exposição – podem incrementar ou limitar seu potencial para estudo científico. Para a Museologia, esta cadeia operatória deve permitir essencialmente o “gerenciamento da informação, a manutenção dos acervos, as múltiplas ressignificações inseridas nos discursos expográficos e a apropriação patrimonial pelos distintos segmentos da sociedade”¹⁸⁰.

Desta forma, acreditamos que o aprofundamento na sistematização da metodologia dos processos de curadoria destes objetos pode levar a um aumento de seu potencial interpretativo dentro das coleções, assim como um maior entendimento do sistema de objetos que eles compuseram em seu contexto original.

Portanto, buscamos ao longo deste estudo responder às seguintes questões: sob quais circunstâncias os objetos industriais são incorporados às instituições museológicas? Esta incorporação se relaciona com quais tendências do pensamento museológico? Como os utensílios pré-elétricos são arranjados dentro das coleções? Qual o potencial interpretativo destes objetos para estas coleções? Quais são os caminhos possíveis para a gestão desta tipologia de acervo de forma que este potencial seja utilizado?

¹⁸⁰ BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Definição de Cultura – os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial”. In: BITTENCOURT, José Neves (org.); JULIÃO, Letícia (coord.). **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. P.146

Para começar a respondê-las, tecemos aqui uma breve reflexão sobre o histórico da musealização de objetos desta tipologia, nos debruçando em seguida no levantamento destes objetos nas coleções do Museu Paulista da USP e do Museu da Casa Brasileira. Em um segundo momento, analisamos os registros documentais associados a estas peças e os sistemas de gerenciamento da informação aos quais estão submetidos, buscando esclarecer as motivações que os levaram à sua incorporação.

O ato de se colecionar objetos técnicos vem de uma longa tradição que remonta às origens do próprio colecionismo. Se tomarmos o florescimento dos gabinetes de curiosidade no século XVII, veremos uma tentativa de se organizar a experiência humana através da coleção de objetos que pudessem guardar a memória da criação divina e humana¹⁸¹ dentro de dois eixos principais, segundo Barbuy¹⁸²: *naturalia* e *artificialia*.

Se por um lado a *naturalia* dizia respeito aos exemplares dos reinos animal, vegetal e mineral, a *artificialia* reunia as antiguidades e objetos exóticos de outras culturas e os produtos do engenho humano de maneira geral¹⁸³. Ambos os campos estavam permeados pela noção de *mirabilia*, que reunia aquilo considerado exótico, fantástico e prodigioso, de natureza ou feitiço desconhecido, misterioso ou engenhoso. A *artificialia*, tipologia que mais nos interessa para este trabalho, representava assim a capacidade inventiva do homem.¹⁸⁴

Já no século XVIII, dentro de um pensamento científico derivado, porém distinto daquele dos gabinetes, abarcando novas lógicas classificatórias, podemos

¹⁸¹ POSSAS, Helga Cristina G. "Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural". In: FIGUEIREDO, Betânia G; VIDAL, Diana G. **Museus: do Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. 1ªed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. p. 151

¹⁸² Barbuy decanta tal classificação baseada nos estudos de Schnapper. BARBUY, Heloisa. "Dos gabinetes de curiosidades aos museus do século XIX. Contexto de florescimento dos museus modernos no Ocidente". In: ALMEIDA, Marta de; VERGARA, Moema de Rezende (org.) **Ciência, história e historiografia**. São Paulo: Via Lettera, 2008. p.245-255

¹⁸³ POSSAS, op. Cit., p. 152

¹⁸⁴ "Sendo assim, os gabinetes surgem como lugares de memória por excelência. Não uma simples memória enciclopedista, mas uma memória que amplia a sensação de poder, de conhecimento, de pertencimento. Pertencer ao mundo criado por Deus significa ter a fresca lembrança de sua obra, conhecer e compreender tudo o que ele criou para fazer companhia à sua mais perfeita engenharia: o homem e a vida. Não permitir que a sombra inevitável do esquecimento encubra de vez a luz da criação, habilidade divina que pode ser copiada pelo homem. Aliás, é na criação que o homem se aproxima do sagrado, é aí que ele se dá conta de que pode vive-lo: conhecer e criar". POSSAS, 2010, p. 152

destacar a fundação do *Conservatoire des Arts et Métiers* em Paris em 1794¹⁸⁵. O *Conservatoire* tinha como intenção “reunir todas as ferramentas e máquinas recentemente inventadas ou aperfeiçoadas”¹⁸⁶.

Portanto, podemos inferir que a tradição de se colecionar os produtos do engenho humano parte de uma “necessidade pré-enciclopédica de comparar e explicar”¹⁸⁷ como nos diz George Henri-Rivière. Porém, note-se que as coleções de objetos técnicos tem seu momento de inflexão a partir da segunda metade do século XIX.

A avalanche de novos produtos saindo das fábricas, não representou apenas uma revolução das formas produtivas, mas vem inserida em um contexto de uma nova burguesia industrial em busca de legitimação que trazia consigo ideais pautados em conceituações sobre o progresso e a modernidade que vão imprimir grandes transformações sociais, políticas, filosóficas e científicas.

Neste contexto, o objeto industrial ganha conotações transcendentais dentro de um pensamento industrialista que o coloca como triunfo da modernidade. Valores como o automatismo e o mecanicismo compõem a aura que envolve o objeto industrial, em torno do qual se constrói o “ideal mitológico do objeto moderno”¹⁸⁸.

Grandes responsáveis pela construção e difusão deste ideal em torno do objeto industrial são talvez as grandes Exposições Universais do XIX. Lugares desta “mercadoria-fetice”¹⁸⁹, as grandes exposições são poderosos instrumentos da dinâmica do exibicionismo burguês e de legitimação do objeto técnico como materialização das idéias difundidas pela classe:

[...] Parece-nos impróprio pensar que as exposições do século XIX vendessem apenas produtos, quando aquilo que se

¹⁸⁵ O *Conservatoire* vai se tornar *Musée des Arts et Métiers* em 1802. MUSÉE DES ARTS ET MÉTIERS. *Sur les traces des inventeurs et des aventuriers de l'histoire des techniques*. Disponível em: http://arts-et-metiers.net/pdf/PresMAM_Presse.pdf. Acesso em 18/08/2013.

¹⁸⁶ GRÉGOIRE, 1794 apud CORCY, Marie-Sophie. “Expor a invenção”. In. BORGES, 2011, p. 98

¹⁸⁷ RIVIÉRE, 1989 apud BALLÉ, Catherine. “Ciências e técnicas: uma tradição museal?” In. BORGES, 2011, p. 168

¹⁸⁸ “O automatismo é assim como que um fechamento, uma redundância funcional que expulsa o homem em sua irresponsabilidade espectadora. É o sonho de um mundo dominado, de uma tecnicidade formalmente executada a serviço de uma humanidade inerte e sonhadora.” BAUDRILLARD, 2008, p.118

¹⁸⁹ Cf. FOOT-HARDMAN, 2004.

vendia, primordialmente, era a idéia da sociedade industrial, do progresso material como caminho de felicidade, no qual todos se deveriam consagrar, em harmonia universal; o sonho hegemônico, enfim, da classe burguesa. O que se vendia era – sim- um gênero de vida, uma construção política e ideológica, e visões de uma sociedade futura idealizada.¹⁹⁰

As exposições são assim, grandes atores e produtos da modernidade, tendo papel importante não só para a definição de uma “expografia” para os objetos industriais, como também na constituição das primeiras instituições museológicas voltadas para este tipo de acervo, sob esta nova visão do objeto técnico. As exposições “convidam os inventores e construtores a refletir sobre os modos de apresentação da técnica”¹⁹¹, segundo Marie-Sophie Corcy.

Esta reflexão vai fazer com que surjam as primeiras iniciativas de musealização dos produtos da indústria na Europa dentro de uma concepção moderna de museu, tendo as grandes exposições como mediadoras entre os inventores, industriais, consumidores, instituições museológicas e público visitante¹⁹².

Desta forma,

[...] as ‘grandes exposições’ destinadas à promoção e à difusão os produtos da indústria foram determinantes. Na Inglaterra, após as exposições londrinas, uma manifestação internacional, a Grande Exposição (Great Exhibition of the Industry of All Nations), foi organizada pela Société d'Encouragement pour les Arts, l'Industrie et le Commerce, com apoio do Príncipe Albert e a presença de personalidades como Henry Cole. A quantidade e a importância dos objetos reunidos nessa ocasião apontam para a necessidade de garantir sua perenidade por uma instituição de caráter permanente. Em 1857, o South Kensington Museum of Science and Art é

¹⁹⁰ BARBUY, 1999, p. 40

¹⁹¹ CORCY, 2011, p. 108. Um interessante artigo sobre as formas de reconhecimento e valorização destes inventores do XIX é o trabalho de Maria Inez Turazzi, onde a autora reflete sobre estas estratégias a partir dos relatos biográficos sobre Antoine Florence e Louis Daguerre Cf. TURAZZI, Maria Inez. O 'homem de invenções' e as 'recompensas nacionais': notas sobre H. Florence e L. J. M. Daguerre. **Anais do Museu Paulista**, v. 16, n. 2, São Paulo ,Dec. 2008 .

¹⁹² CORCY, 2011, p. 108

inaugurado no Palácio de Cristal. Não sem dificuldades, o National Museum of Science and Industry é criado no início do século XX.¹⁹³

A preocupação em preservar os produtos da indústria, coleções herdadas em boa parte das grandes exposições possibilita a criação de instituições com esta vocação ao redor do mundo desde meados do XIX: O Victoria & Albert Museum (fundado em 1857 como South Kensington Museum, com coleções derivadas da Exposição de 1851), o Musée Industrial de Lille (1853), o Musée du Dessin Industriel em Mulhouse (1858), o Musée des Arts Décoratifs em Paris (1877), parte da coleção do Museum of Art da Filadélfia¹⁹⁴. No início do século XX vemos ainda o Museu Técnico de Viena, o Museum of Science and Industry de Chicago¹⁹⁵, além de museus com coleções dedicadas ao design industrial com importante papel na ressignificação do objeto utilitário cotidiano, como o MoMA¹⁹⁶.

Apesar das evidentes diferenças de contextos de onde surgem e como se desenvolvem as coleções de tais instituições, todas elas tem vocações que partem de ideais intimamente ligados, sendo elencadas aqui dentro de uma mesma categoria. O século XX vê uma expansão desta tipologia de museus ao redor do mundo, compondo uma categoria importante dos sistemas museais contemporâneos¹⁹⁷.

A título de exemplo, pouco tempo após a criação do ICOM, em 1946, o Conselho organizou comitês especiais que se dedicavam a categorias específicas de museu, sendo que aquele dedicado aos museus de ciência e tecnologia foi o primeiro a se estabelecer¹⁹⁸. Neste mesmo contexto, o então diretor do ICOM, Georges-Henri Rivière, apresenta no Seminário Internacional da UNESCO sobre o Papel Educativo dos Museus, sediado no Brasil em 1958, uma definição acerca desta tipologia de museus¹⁹⁹, publicando um ano depois uma lista dos museus de ciência e tecnologia ao

¹⁹³ BALLÉ, 2011, p. 172

¹⁹⁴ Ibidem, loc. Cit.

¹⁹⁵ BALLÉ, loc cit.

¹⁹⁶ DALLARI, Heloisa. **Design e Exposição: das vitrines para as novas telas**. [Tese de Doutorado]. FAU-USP, São Paulo, 2011.p. 143

¹⁹⁷ BALLÉ, 2011, p.176

¹⁹⁸ ALTHIN, Torsten; RIVIÈRE, Georges Henri. "Museums of Science and Technology". In. **Technology and Culture**, Vol. 4, No. 1. The Johns Hopkins University Press, 1963. p. 131

¹⁹⁹ UNESCO. **Regional Seminar on the Educational Role of Museums**. Rio de Janeiro, Brasil, Setembro de 1958. p. 50.

redor do mundo²⁰⁰, evidenciando assim a importância que este tipo de coleção ganha a partir da segunda metade do XX:

On the whole, museums in this category are representative of industrial civilization, embracing all branches of technology, and, in the field of science, laying stress on mathematics, astronomy, physics and biology.

[...] This trend has its counterpart in history museums which are very rightly placing more and more emphasis on the technical and scientific aspects of history. It is also possible to establish some link with regional and specialist museums, which, even though confined to one region or subject, are liable to embrace all branches of study including the exact sciences and their applications.²⁰¹

Este seminário ainda aponta as implicações que estas coleções poderiam ter na América Latina, considerando que tratava-se de países no auge de seu processo de industrialização²⁰². No Brasil, podemos elencar como grande exemplo desta tendência de valorização de coleções e museus industriais, a tese de doutorado de Waldisa Rússio, de 1980, que defende a criação de um museu de indústria, comércio e tecnologia para São Paulo.²⁰³

É interessante notar como tais constatações em âmbito nacional ou internacional desenham um movimento de novas definições do pensamento museológico e revela como estas novas perspectivas já orientavam a formação e interpretação das coleções de objetos industriais. Este movimento de renovação museológica se insere dentro de um processo de expansão da noção de patrimônio, fazendo com que as coleções de objetos técnicos e industriais ganhem nova valorização, uma vez que obtém um caráter pedagógico e de incentivo e difusão do conhecimento técnico e científico.

²⁰⁰ Ibidem, loc. Cit.

²⁰¹ UNESCO, loc., Cit.

²⁰² UNESCO, 1958, p. 52

²⁰³ “Assim, a ação industrial será pesquisada, documentada, preservada e comunicada enquanto processo, e considerada como resultado direto e material da inteligência humana e do trabalho do Homem/ Documentar-se-ão a ação industrial e a atividade de comércio como partes do contexto de urbanização e modernização, entendida, a própria industrialização, sempre, como uma processo social/ Assim entendido, o MUSEU DA INDÚSTRIA, não promoverá apenas o registro do passado, mas objetivará preservar o do presente e antecipar prospectivas futuras”. GUARNIERI, Waldisa Rússio C. **Um Museu de Indústria em São Paulo**. [Tese de Doutorado]. Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1980.p. 7.

O século XX representou, portanto, um período de ruptura e renovação do pensamento museológico em escala global, uma vez em que vemos aflorar novas questões concernentes ao patrimônio cultural, assim como um novo entendimento do papel da cultura para o desenvolvimento social.

É a partir deste momento, quando a instituição museológica é colocada em xeque, que assistimos um alargamento, reelaboração e multiplicação dos paradigmas que buscam definir a disciplina Museologia e o próprio conceito de museu.

Dentro deste quadro, a necessidade de delimitar a função social dos museus se torna cada vez mais fundamental, principalmente pelos debates propostos no âmbito o ICOM e ICOFOM²⁰⁴ que começam a pensar a relação que se estabelece entre o museu e a comunidade.

Desta forma, a sistematização dos processos museológicos delineados pela Museologia contemporânea se baliza pelo estudo destas relações específicas que se dão no museu. Este entendimento abre espaço para novos acervos e novas abordagens, de novos museus que buscam explorar seu potencial comunicativo para que se tornem capazes de criar uma experiência significativa junto ao público.

Neste contexto, os produtos da indústria, particularmente aqueles de uso doméstico e cotidiano, de produção em massa, ganham um novo valor dentro das coleções museológicas, e das discussões sobre o patrimônio de maneira geral, não mais só por seu potencial para o ensino técnico, mas também por seu potencial de promover identificação, interpretação e reflexão. Beatriz Kühl, ao falar sobre a ampliação da noção de patrimônio, que possibilita a ascensão da herança da industrialização como valor patrimonial, diz:

Preserva-se hoje, por razões de cunho cultural – pelos aspectos formais, documentais, simbólicos e memoriais – científico – pelo fato de os bens culturais serem portadores de conhecimento em vários campos do saber – e ético – por não se ter o direito de apagar os traços de gerações passadas e privar as gerações presentes e futuras da possibilidade de conhecimento de que estes bens são portadores²⁰⁵

²⁰⁴CERAVOLO, Suely Moraes. “Delineamentos *para uma* teoria da Museologia”. **Anais do Museu Paulista**, 2004, vol.12, n.1 p. 239

²⁰⁵KÜHL, Beatriz Mugayar. “Ética e responsabilidade social na preservação do patrimônio cultural” In. **Idéias em Destaque**, v. 36, 2011. p. 2

Porém, não nos cabe aqui discutir a implantação de museus de indústria propriamente ditos, mas tecer uma análise da inserção dos objetos técnicos e industriais, particularmente aqueles de uso doméstico, nos museus históricos. Começamos, portanto, pela trajetória destes objetos no Museu Paulista.

A) Os utensílios domésticos pré-elétricos no Museu Paulista da USP

O Museu Paulista da USP, cuja definição das linhas de pesquisa e da especialização da instituição no campo da Cultura Material na década de 90 apontam para a valorização de novos objetos e fontes de pesquisa, ampliando-se o escopo do acervo.²⁰⁶

A abordagem da cultura material permite que os museus “desempenhem uma função social com desdobramentos educacionais, científicos, econômicos e culturais e reivindiquem certo protagonismo sobre o destino das coisas.”²⁰⁷ Desta forma, a metodologia dos estudos em cultura material passa a fornecer as ferramentas e posições filosóficas que vão transformar o objeto de museu em chave para o entendimento do funcionamento da sociedade. Assim, o objeto material tomado por sua potencialidade de documento deixa de ser o mero substrato material que compõe uma coleção inerte para tornar-se um vetor para a construção de problemáticas contemporâneas.

Os museus históricos, tradicionalmente constituídos por acervos materiais tipologicamente ecléticos, ganham um extenso potencial para reflexão crítica uma vez que assumem as infinitas possibilidades de leitura dos mesmos. A leitura dos objetos e a construção de problemáticas em torno deles possibilitam não só a reflexão sobre a construção do conhecimento histórico, como também abre o leque de questionamentos das mais diversas ordens: política, social, ambiental, etc.

A adoção da abordagem pelo Museu Paulista vem no bojo das transformações implementadas na gestão do Professor Ulpiano T. Bezerra de Meneses na instituição, entre 1989 e 1994. Doutor em Arqueologia Clássica, campo que tradicionalmente se

²⁰⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro; LIMA, Solange Ferraz de. *Cultura Material e coleção em um museu de História: as formas espontâneas de transcendência do privado*. In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, 2010.p. 90

²⁰⁷ BRUNO, Maria Cristina O. “Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocesso e desafios”. In: GRANATO, M; RANGEL, M. (Org.). **Cultural Material e patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências Afins-MAST, 2009. p.25

pauta no estudo de cultura material²⁰⁸, Meneses formaliza e implementa no Museu Paulista uma tendência de reestruturação das diretrizes que balizavam o trabalho na instituição.

Em entrevista concedida ao periódico *Estudos Históricos*, em 2011²⁰⁹, o professor Ulpiano, afirma que o Museu Paulista, na década de 80, ainda herdava muito da tradição deixada por Taunay em sua forma de atuação. Para fazer com que o Museu deixasse de se colocar como “um correspondente visual do manual de História”²¹⁰ era preciso que o trabalho fosse pautado sobre problemas históricos e que os objetos do museus fossem tratados como documentos históricos.

Para isso, era preciso que a materialidade dos objetos fosse encarada como forma de representação de formas de produção e reprodução social, uma vez que

Estamos imersos num oceano de coisas materiais, indispensáveis para nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. A chamada ‘cultura material’ participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua.

[...] o museu só se interessa pelos objetos materiais por causa do sentido. E, nisso, ele tem condições de análise e entendimento que nenhuma outra plataforma em nossa sociedade iguala.²¹¹

Esta reestruturação atinge também a publicação da instituição, os *Anais do Museu Paulista*, até então, desde 1922, publicava trabalhos prioritariamente de História, pautados em fontes escritas e não materiais. Em 1993, os Anais inaugura sua nova série, com o subtítulo *História e Cultura Material*.

Essas novas diretrizes apontam para a formação e organização de coleções tipológicas no Museu Paulista, implicando em processos de coleta e em processos curatoriais que buscam formar um corpo documental que permitam a reflexão não só sobre o sistema de objetos que as peças compunham em seu contexto original de uso,

²⁰⁸ CANDIDO, Manuelina Maria Duarte. “Teoria Museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais”. In. BRUNO, 2010, p. 3

²⁰⁹ Entrevista com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, dez. 2011. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862011000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 19 ago. 2013.

²¹⁰ **Estudos históricos (Rio J.)**, 2011, p. 15

²¹¹ MENESES, 1994, p. 12

como também do sistema forjado artificialmente dentro da instituição, possibilitando uma nova abordagem interpretativa para estes objetos.

Para o presente trabalho, nos interessa investigar duas abrangentes categorias de objetos no acervo do Museu Paulista: a dos objetos de uso cotidiano e os de fabrico industrial para nelas localizar nosso objeto chave: o utensílio doméstico pré-elétrico. É importante ressaltar que tais divisões não representam categorias formais dentro do atual plano de classificação do acervo da instituição, tampouco a tipologia aqui estudada, utensílios domésticos pré-elétricos, configurem conjunto formal organizado naquele Museu. Justamente por estas razões, nos interessa analisar categorias mais abrangentes onde tais objetos podem estar inseridos para buscar compreender seu papel dentro dos arranjos institucionais propostos para a coleção.

É fato que a gestão de Meneses, como pontuamos anteriormente, teve papel primordial para a formalização da cultura material como abordagem adotada pelo Museu Paulista, assim como sua reforma foi essencial para a valorização e conseqüentes pesquisa e coleta mais sistemática e consciente de tipologias de acervo antes menos “visíveis”. Todavia, os objetos de uso cotidiano e/ou pertencentes ao ambiente doméstico tiveram seu espaço no Museu Paulista desde sua fundação.

Apesar de seus primeiros anos de existência terem sido dedicados a constituir um museu de História Natural, a preocupação com a formação de uma coleção histórica já se fazia presente²¹². Ainda que sob a égide da “História Pátria” e da celebração da memória dos grandes nomes da história do Brasil, a gestão Ihering trouxe ao museu objetos de uso cotidiano como mobiliário e objetos de uso pessoal, como foi o caso da coleção adquirida do Sr. Eugênio Hollander:

No ano de 1897, as aquisições de objetos históricos continuaram. O Sr. Eugênio Hollander vendeu (por três contos e por 700 mil Réis, respectivamente) mais duas coleções de objetos históricos para o Museu. Foram encontradas as relações dos objetos de ambas as coleções. Aquela comprada por três contos consistia em:

‘Um armário de jacarandá que pertenceu a um capitão-mor; uma mesa de jacarandá feita no estado de São Paulo em fins de 1699, começo de; um baúzinho para guardar roupas de crianças pertencentes à família nobre paulista, época de 1700, 1720; um boné

²¹² Cf. MORAES, Fábio Rodrigo de. “Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering”. **Anais do Museu Paulista**. , v. 16, n. 1, São Paulo Junho 2008 .

militar do 1º exército regular brasileiro; uma espada do 1º chefe de banda do 1º exército regular brasileiro; um estribo de senhora de 1680²¹³

Constam ainda no inventário da Seção de História Pátria, objetos como máquinas de costura, relógios e lampiões²¹⁴, adquiridos provavelmente ainda na gestão Ihering.

A gestão Taunay, responsável pela reorientação do Museu Paulista para um museu histórico, também trouxe à instituição objetos de uso cotidiano, geralmente adquiridos dentro de coleções pessoais, como os objetos de uso doméstico doados pelo Sr. José Egydio de Souza Aranha²¹⁵ ou os “objetos de uso corrente nas casas brasileiras” oferecidos por D. Maria Ignez da Silva Oliveira²¹⁶. Ao lado das salas concebidas por Taunay que construíram uma narrativa sobre a História Nacional sob a perspectiva paulista, estavam também salas que buscavam remontar o modo de viver das elites e personalidades ali representadas.

No plano de reelaboração de exposições de 1922, existe menção à sala B9 que reunia objetos históricos e de uso doméstico²¹⁷. Já em 1943, a sala B3 é descrita como aquela que exibia objetos de uso doméstico:

máquinas de costura primitivas (4), ferros de passar e engomar (12), lampiões, candeias, lamparinas e similares (28 peças), 4 salvas com cortadores de pavios, tesoura para cortar pavios, pegador de brasas, cuscuzeiro, descalçador de botas, roca antiga, tear, peças de louça antiga (14), almofariz de madeira, alguidares de estanho (2), cuspideira, cuia de bombilha para mate, formas de pedra para doces, serviço de "champanhe" ofertado ao Sr. Washington Luis Ferreira de Souza, em 1922, pela firma Scavone & Irmão, por aquele doado ao Museu, fechaduras (2) e chaves (7) antigas, tapete de mesa adamascado, duas almofadas²¹⁸

²¹³ MORAES, 2008, p.212

²¹⁴ MUSEU PAULISTA. Catálogo antigo - Seção E, Série I - História Pátria (manuscrito). São Paulo, s/d, fl. 43-45.

²¹⁵ MUSEU PAULISTA. “Dádivas [doações] - Setor de História”. **Relações de aquisição de acervo**, mai/1933

²¹⁶ MUSEU PAULISTA. **Relatório de atividades**. São Paulo, 1935, fl. 53.

²¹⁷ MUSEU PAULISTA. **Relatório de atividades**. São Paulo, 1922, fl. 17.

²¹⁸ MUSEU PAULISTA. **Relatório de atividades**. São Paulo, 1943.

O maquinário e os objetos provenientes do processo de industrialização também tinham seu lugar no Museu de Taunay: em 1935, a incorporação da Coleção Santos Dumont, ainda que ligada à celebração de um indivíduo considerado herói nacional, traz em si a valorização da engenhosidade e modernidade traduzida naquele maquinário. Para além, a construção de um pavilhão anexo dedicado ao maquinário do beneficiamento do café, inaugurado em 1923²¹⁹ e a incorporação de uma máquina da indústria metalúrgica oferecida pela Fábrica Votorantim²²⁰, demonstram o interesse de Taunay em exhibir os produtos do processo de industrialização de que era contemporâneo.

As décadas seguintes continuam vendo a aquisição de objetos de uso doméstico, muitos de fatura industrial: lampadários, teares e instrumentos de fiação, ferros de passar e engomar, relógios de bolso e de mesa, motores, máquinas diversas, instrumentos de mineração e máquinas de costura²²¹. A partir da incorporação total do Museu Paulista à Universidade de São Paulo, em 1963, vemos uma intensificação deste movimento de aquisição, como é possível notar na relação das peças levantadas mais adiante.

Desta forma, voltamos ao momento de inflexão que a gestão de Meneses representa para o trabalho com o acervo do Museu Paulista. Como demonstramos acima, os objetos de uso doméstico e objetos industriais sempre se fizeram presentes na coleção do Museu Paulista, porém as redefinições de escopo e de metodologia de trabalho proposta pela gestão de Ulpiano reorientam o olhar sobre tais objetos, estando mais próxima da visão adotada por esta pesquisa e se constituindo em uma abordagem para a qual este estudo pretende contribuir.

Como nos disse o especialista Adilson José de Almeida, que inicia sua carreira no Museu Paulista em 1986, este novo perfil para o museu representa uma guinada de perspectiva sobre os objetos, principalmente aqueles de uso cotidiano – passam de curiosidades sobre o passado para se consolidarem como um meio para a compreensão da vida social, como a dimensão material da cultura²²².

²¹⁹ MUSEU PAULISTA. **Relatório de atividades**. São Paulo, 1923.

²²⁰ MUSEU PAULISTA. **Relatório de atividades**. São Paulo, 1925. fl. 41

²²¹ Cf. MUSEU PAULISTA. **Relatórios de Atividades**. São Paulo, 1952 -1962.

²²² ALMEIDA, Adilson J. de. Entrevista concedida a Paula Coelho M. de Lima em 20 de janeiro de 2014.

O Plano Diretor do Museu Paulista, a princípio com vigência para o período entre 1990 e 1995, definiu também as três linhas mestras que regem a pesquisa na instituição e que estão em vigor até hoje:

Os segmentos da cultura material considerados prioritários, a curto e médio prazo, além de estratégicos, por cobrirem aspectos cruciais da organização material da vida social são três:

I – Quotidiano e sociedade (papéis sexuais, etários e enculturação)

II – Universo do trabalho (pré- e proto-industrial)

III – Imaginário (os vetores materiais do sentido)²²³

As linhas de pesquisa, orientadas pelo campo da cultura material, definem por sua vez, a balizas para uma política de desenvolvimento do acervo:

A especificidade do museu deriva do acervo, mas a especificidade do acervo deve derivar não de qualquer propósito taxonômico, mas de uma determinada problemática científica (no caso, histórica), que tal acervo permite cobrir. Por esta razão, o acervo tem que ter organicidade, coerência e amplitude e incluir, não “objetos históricos”, obrigatoriamente marcados por atributos particulares, mas quaisquer suportes materiais de informação pertinente aos problemas históricos em causa. Daí porque a ampliação do acervo do Museu Paulista deverá ser desenvolvida apenas nos quadros da pesquisa em torno dos três eixos propostos (item 3) e terá que assumir postura ativa, quer na coleta de campo, quer na indução de doações (com a caracterização explícita das categorias de interesse institucional). Além disso, dever-se-á dar ênfase à documentação das coleções e à constituição de bancos de

²²³ MUSEU PAULISTA, 1990, P.12

dados que referenciem outras coleções e informações necessárias aos diversos projetos.²²⁴

Tais transformações implantadas no Museu Paulista no desenvolvimento de suas ações de curadoria, abriram caminhos para novos sujeitos e novos acervos, entre eles o patrimônio da industrialização. A própria redefinição do recorte geográfico e temporal, agora compreendendo a São Paulo entre 1850 e 1950, provoca impacto nas pesquisas realizadas no Museu Paulista, constituindo um campo importante para o florescimento de reflexões sobre a tipologia sobre a qual se dedica o presente estudo:

A eleição, no Museu Paulista, do centenário decorrido entre 1850 e 1950 como período preferencial para as pesquisas institucionais, teve sobre o acervo de objetos alguns efeitos essenciais: o primeiro deles foi uma intensificação das pesquisas e catalogações relativas aos objetos do final do século XIX e início do XX, ligados, em sua maioria, a um comércio de importação, que constituíam já a maior parte do acervo e foram ainda fomentados com quantidade considerável de novas aquisições; o segundo foi a abertura para um período até ali descuidado, 1914-1950, que corresponde justamente ao processo de grande crescimento econômico do Estado de São Paulo. Nele se detecta a vitalidade de um sem número de experiências fabris em diversos ramos de produção e que desembocaram, nos anos 30 e 40, na projeção das primeiras grandes indústrias nacionais.²²⁵

Desta forma a preocupação com o objeto industrial, ganha um lugar privilegiado na história mais recente do Museu Paulista, já a partir dos anos 80 pelas pesquisas de Margarida Andreatta no campo da Arqueologia Industrial e depois, com a implantação de uma sublinha de pesquisa desenvolvida por Heloisa Barbuy intitulada *Cultura Visual no século XIX: museus, exposições industriais e cidades*.²²⁶ Esta

²²⁴ Ibidem, p. 3

²²⁵ ALMEIDA, A. J. ; BARBUY, H. ; ANDREATTA, M. D. ; RIBEIRO, A. M. G., "O Serviço de Objetos do Museu Paulista". **Anais do Museu Paulista**, v. 10/11, 2003. p. 250

²²⁶ "Centrada na História da Cidade de São Paulo, levando em conta relações com matrizes européias, visa à compreensão de dinâmicas transculturais no processo modernizador. Examina, para tanto, desde a circulação de objetos de consumo até questões urbanísticas, passando por diversos âmbitos em que se deu a prática das exposições como expressões

sublinha de pesquisa deu origem à exposição “Cidade e Comércio” na *Ala Universo do Trabalho* em 2003, assim como trabalhos publicados por docentes da instituição, aqui com destaque para Heloisa Barbuy, que também ministra na instituição disciplina optativa de graduação também intitulada *Cultura visual no século XIX: museus, exposições universais e cidades*.

Para além, a sublinha *Cultura Visual no século XIX: museus, exposições industriais e cidades* deu origem a uma ramificação intitulada *Comércio, Industrialização e Cultura Material* que revela uma preocupação com o incremento do conhecimento que se tem acerca das coleções de objetos industriais :

Mas como fazer pesquisas nesse sentido, em História e Cultura Material, se pouco se conhece sobre a história local do consumo em São Paulo? Sabe-se apenas em linhas gerais que no período em questão houve uma grande circulação de novos objetos industrializados, inicialmente importados, que invadiram todos os ambientes sociais. E que foi o próprio processo comercial de importações que, no caso de São Paulo, alavancou a indústria local (DEAN, [s.d.]). Pouco se sabe até mesmo sobre a natureza de tais objetos em circulação. Assim, é para mapear o universo de objetos categorizados como “bens de consumo” que se estenderam pelas teias do processo de expansão da sociedade industrial ocidental e da formação de uma sociedade de consumo entre nós, que se criou esta ramificação na referida sublinha de pesquisa. Para melhor conhecer esse universo, busca-se inicialmente no estudo da produção, a recuperação de informações sobre a gama seriada de objetos fabricados em São Paulo desde o final do século XIX até 1950, com recorte espacial na capital e região.²²⁷

Estes se constituem como os principais eixos pelos quais os utensílios pré-elétricos são incorporados e estudados no Museu Paulista, porém não existe ainda um trabalho de pesquisa sistemática das coleções de objetos industriais que possibilite

materiais de novas concepções de mundo, como sistemas cognitivos visualmente apreensíveis e seu significado em mudanças sociais.” BARBUY, Heloisa M. Silveira. **Currículo do sistema Lattes**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8742815851577473>. Acesso em: 18/08/2013.

²²⁷ ALMEIDA, A. J. ; BARBUY, H. ; ANDREATTA, M. D. ; RIBEIRO, A. M. G. , 2003, p. 250

pensar em uma metodologia de desenvolvimento desta tipologia de coleções e é neste sentido que o presente estudo pretende contribuir.

Detalharemos a seguir o levantamento feito junto ao Banco de Dados do Museu Paulista, analisados conjuntamente à documentação associada a eles, que revela a situação atual dos utensílios domésticos industriais na instituição.

É necessário fazer aqui alguns apontamentos sobre o Banco de Dados informatizado do Museu e como ele integra o sistema documental da instituição para que possamos prosseguir com o detalhamento da metodologia e dos resultados deste primeiro levantamento.

O Museu Paulista encontra em seu acervo três formas de situações documentais²²⁸: as coleções pessoais, que pressupõem um arranjo próprio do colecionador particular que as doou; as coleções institucionais, formadas pelo próprio museu utilizando critérios diversos, explícitos ou não, ao longo das gestões; e o próprio arquivo institucional, que reúne os registros produzidos pelas atividades científicas e administrativas do museu ao longo dos anos. Tais situações, que reúnem documentos de natureza objetual, imagética e textual, exigem um sistema documental que consiga dar conta da gestão da informação sobre coleções bastante ecléticas e com demandas de tratamento documental bastante distintas.

Para tanto, o sistema documental do Museu Paulista busca integrar as informações geradas pelas ações de gestão das coleções, perpassando, portanto processos de desenvolvimento, acesso, informação, difusão e conservação das coleções²²⁹

Pressupõe-se que o sistema documental para um museu como o Museu Paulista possa receber e articular uma massa de dados gigantesca, fazendo possível a recuperação de informações de diversas naturezas, respeitando as demandas de pesquisa das diversas comunidades de usuários do sistema. O Banco de Dados informatizado, uma das soluções adotadas para o processamento e gerenciamento da informação sobre os acervos do Museu Paulista, se constitui em uma base comum

²²⁸ BARBUY, Heloisa; CARVALHO, Vânia C; LIMA, Solange F. "O Sistema documental do Museu Paulista a construção de um banco de dados e imagens num museu universitário em transformação". In. OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles; BARBUY, Heloísa Maria Silveira (orgs.). **Imagem e produção de conhecimento** São Paulo: MP/ USP, 2002. p 14

²²⁹ "Desse modo, o sistema documental poderia ser definido como uma estrutura que centraliza um conjunto de ações curatoriais que envolve a organização e o estudo das coleções, viabiliza a sua integridade, a sua utilização científica, o seu crescimento e controle, a organização de exposições e ações educativas." Ibidem, p. 16

para todas as situações e tipos documentais, porém funciona com plataformas específicas para cada uma delas. Deste modo, existe uma estrutura comum para os três gêneros de acervo (iconografia, textual e objetos), porém processos e campos catalográficos específicos para cada um deles.

Logo, o trabalho de desenvolvimento do Banco de Dados informatizado do Museu Paulista exigiu não só o esforço de desenho do software, pelo analista de sistemas Luciano Beraldo, como também um extenso trabalho de consolidação dos registros gerados pela instituição, adequação de sistemas classificatórios e controle terminológico para cada um dos gêneros de acervo.

Isto envolveu

[...] um mapeamento sedimentado de todo o acervo existente a partir da re-identificação de cada unidade, a definição de critérios para agrupamento de coleções, a elaboração de thesauri, a subsequente elaboração e sistematização de campos de dados, de sua informatização e alimentação através de pesquisas e catalogação, seguidos de trabalhos de conservação, para somente depois se pensar em restaurações, na coleta de novos acervos e na reformulação de exposições.²³⁰

Como resultado final, o Banco de Dados para o Serviço de Objetos, especificamente, proporciona uma interface de oito abas que reúnem informações que vão da denominação, descrição, histórico dentro e fora da instituição, informações sobre aquisição, histórico de conservação e intervenções, restrições de acesso, referências bibliográficas, fotografias e descritores. Como ferramenta de busca, o BD oferece diversas possibilidades de recuperação da informação via denominação, número de registro, data, coleção, material, técnica, classificação etc.

O primeiro levantamento para esta pesquisa se pautou nas referências extraídas da pesquisa em periódicos de época investigados que ajudaram a definir as tipologias a serem buscadas nos acervos.

As peças encontradas fora das categorias elencadas pela pesquisa de fontes, obedeceram a um critério de busca baseado não em denominações, mas sim pela categoria que integram dentro do sistema classificatório do Museu Paulista (Thesaurus de Objetos). As categorias que revelaram maior profusão de objetos da tipologia

²³⁰ OLIVEIRA; BARBUY, 2002, p. 17

estudadas foram: 06 - Interiores (subcategoria 06.04 - Equipamentos de Serviços Domésticos); 07 – Processamento da Alimentação (subcategorias 07.01 – Tratamento e Preparação e 07.05 – Utensílios de Uso Geral); 10 – Toalete.

Foram encontradas, portanto, peças que não haviam sido mencionadas nas fontes publicitárias investigadas, porém de grande pertinência para os temas aqui abordados como por exemplo: máquinas de tricô, máquina para cortar cabelo, aparelho de cortar pastel, fogão à lenha, relógios de pulso e carrilhão; maquinismos e partes de relógios, como vemos na relação logo adiante. Isto pode indicar para novas fontes de pesquisa a serem exploradas, uma vez que a publicidade seleciona, talvez, apenas artigos de maior impacto, não cobrindo todo o universo de ofertas.

Segue abaixo a relação²³¹.

²³¹ Esta relação contém apenas as peças que possuem registro fotográfico, a listagem completa, incluindo as peças que não foram fotografadas pode ser encontrada nos anexos deste trabalho.

Imagem 63 - Batedor de ovos de origem norte-americana, fabricado por Landers Frary & Clark, cujos utensílios domésticos eram comercializados sob a marca Universal. Acervo do Museu Paulista

Imagem 64 - Máquina de Costura. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 65 - Máquina de costura. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 66 - Máquina de Costura de origem alemã da marca Singer, incorporada na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 67 - Máquina de costura da marca Singer, incorporada na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 68 - Máquina de costura manual, datada aproximadamente do segundo quartel do século XIX. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 69 - Máquina de costura manual. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 70 - Máquina de escrever de origem norte-americana, datada de cerca de 1880 e fabricada por Hall Type-Writer Co. Acervo do Museu Paulista - Coleção Barão de Bocaina.

Imagem 71 - Máquina de escrever de origem norte-americana, patenteada na França e produzida por New American MFG Co. no início do século XX. Acervo do Museu Paulista - Coleção Barão de Bocaina.

Imagem 72 - Máquina de escrever da marca Remington, número de série LL 12610, fabricada possivelmente entre 1914 e 1928 e incorporada na década de 70. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 73 - Máquina de escrever da marca Remington Standard Typewriter, incorporada na década de 80. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 74 - Máquina de escrever da marca Oliver, modelo nº5 Typewriter, datada aproximadamente do início do século XX.. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 75 - Máquina de escrever de origem italiana da marca Olivetti, incorporada na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 76 - Máquina de escrever da marca Olivetti. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 77 - Máquina de escrever da marca Remington, modelo 30, fabricada possivelmente na década de 30 e incorporada na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 78 - Máquina de escrever de origem alemã, da marca Gunka, modelo 5, possivelmente produzida na década de 20 e incorporada na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 79 - Máquina de escrever de da marca Underwood, incorporada na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 80 - Máquina para corte de cabelo de origem inglesa, incorporada na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 81 - Brinquedo: conjunto de utensílios de cozinha de origem norte-americana e incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 82 - Brinquedo: disco de origem alemã, datado da década de 30 e incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 83 - Brinquedo: ferro de passar de origem paulista, século XX. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 84 - Brinquedo: ferro de passar, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista – Coleção Fernando Cerqueira Lemos.

Imagem 85 - Brinquedo: ferro de passar de origem uruguaia, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista – Coleção Fernando Cerqueira Lemos.

Imagem 86 - Brinquedo: ferro de passar, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista – Coleção Fernando Cerqueira Lemos.

Imagem 87 - Brinquedo: ferro de passar, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista – Coleção Fernando Cerqueira Lemos.

Imagem 88 - Brinquedo: ferro de passar, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista – Coleção Fernando Cerqueira Lemos.

Imagem 89 - Aparelho de barbear inglês da marca Rolls Razor Ltd./RollsRazor-The Wetther, modelo nº1 – Imperial Model. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 90 - Aparelho de barbear, século XX, incorporado na década de 70. Acervo do Museu Paulista - Coleção Pedro de Toledo

Imagem 91 - Aparelho de barbear.
Acervo do Museu Paulista.

Imagem 92 - Aparelho de barbear americano da marca Gillette, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 93 - Estojo de barba alemão da marca Ernest Soharee, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Belizaria Salles Penteado.

Imagem 94 - Barbeador da marca Gillette. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 95 - Barbeador da marca Gillette. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 96 - Aparelho de barbear brasileiro da marca Probax - SuperChromium, incorporada na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 97 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 98- Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 99 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 100 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 101 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 102 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 103 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 104 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 105 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 106 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 107 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 108 - Extensor para ginástica, incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 109 - Fogão da marca Fundmig, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 110 - Moedor de café da marca Fama, modelo 3, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 111 - Moedor de carne brasileiro da marca Mimoso, modelo 3, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 112 - Moedor de carne sueco da marca Huqsvarna/Perfect, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 113 - Moedor de carne da marca Mimoso, modelo 2. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 114 - Sorveteira sueca, datada de aproximadamente 1930, da marca Huqsvarna / Reliance Huqsvarna, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 115 - Abridor de origem mineira, datado aproximadamente de 1910 e incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 116 - Abridor de garrafa paulista da marca CE[rveja] Antártica, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Ricardo Mendes.

Imagem 117 - Torrador de café de origem paulista, datado da primeira metade do século XX e incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Erasmo d'Almeida Magalhães.

Imagem 118 - Torrador de café, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 119 - Relógio da marca Cronômetro Louisiana. Acervo do Museu Paulista - Coleção Bernardino de Campos.

Imagem 120 - Relógio inglês fabricado por William Lemly e comercializado por James Poole. Acervo do Museu Paulista - Coleção Bernardino de Campos.

Imagem 121 - Relógio. Acervo do Museu Paulista - Coleção Campos Salles.

Imagem 122 - Relógio inglês fabricado por Morris Tobias & Co. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 123 - Relógio inglês, datado do período entre 1756 a 1896, fabricado por B. Freeman. Acervo do Museu Paulista - Coleção Sertório.

Imagem 124 - Relógio da marca Kienzle, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 125 - Relógio suíço, fabricado por Mephisto e incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 126 - Relógio datado de 1922 e incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 127 - Relógio de parede incorporado na primeira década do século XX. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 128 - Relógio suíço fabricado por Mirvaine. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 129 - Maquinismo de relógio norte-americano, fabricado por F. Kroeber e incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 130 - Maquinismo de relógio fabricado por Gustavo Becker e incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 131 - Maquinismo de relógio fabricado por Ansonia Clock C^o e incorporado na década de 30. Acervo do Museu Paulista - Coleção Santos Dumont.

Imagem 132 - Relógio de algibeira, incorporado na década de 50. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 133- Relógio de bolso, datado aproximadamente de 1900, fabricado por F.E. Roskopf e incorporado na década de 70. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 134 - Relógio de bolso incorporado na década de 70. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 135 - Relógio de bolso da marca Longines. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 136 - Relógio de bolso da marca Ômega. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 137 - Relógio de bolso francês, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 138 - Relógio de bolso fabricado por Georges Rosskopf & Cia e incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 139 - Relógio de bolso fabricado por F. E. Roskopf e incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 140 - Relógio de bolso fabricado Electra, modelo 18. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 141 - Câmera fotográfica fabricado por E&H.T. Anthony &Co. e incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Belizaria Salles Penteado.

Imagem 142 - Câmera fotográfica modelo Target Hawk - Eye Six-20, fabricada nos anos 30 e incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 143 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 144 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 145 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 146 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 147 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 148 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 149 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 150 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 151 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 152 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 153 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 154 - Ferro de passar. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 155 - Ferro de passar do século XIX, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 156 - Ferro de passar de origem baiana, fabricado por F. C. Franco e incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 157 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 158 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 159 - Ferro de passar francês, da marca Estrela, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 160 - Ferro de passar francês, da marca Estrela, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 161 - Ferro de passar de origem mineira, da marca Samsa, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 162 - Ferro de passar da marca Bugre, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 163 - Ferro de passar da marca J. C., incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 164 - Ferro de passar da marca J. C., incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 165 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 166 - Ferro de passar da marca Bugre, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 167 - Ferro de passar da marca Continental, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 168 - Ferro de passar da marca Fama, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 169 - Ferro de passar português, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 170 - Ferro de passar espanhol da marca FYT, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 171 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 172 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 173 - Ferro de passar francês fabricado por Nuguerin&Chalot, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 174 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 175 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 176 - Ferro de passar da marca J. C., incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 177 - Ferro de passar da marca Fama, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 178 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 179 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 180 - Ferro de passar da marca L. Schroder, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 181 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 182 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 183 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 184 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 185 - Ferro de passar português, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 186 - Ferro de passar português, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 187 - Ferro de passar português, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 188 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 189 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 190 - Ferro de passar fabricado por Lumegás, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 191 - Ferro de passar alemão do século XIX, fabricado por Bergmann, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 192 - Ferro de passar argentino da marca Volcan, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 193 - Ferro de tiotar americano, datado aproximadamente de 1866, fabricado por Geneva Hand Fluter, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 194 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 195 - Brinquedo: ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 196 - Brinquedo: ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 197 - Ferro de passar da marca Acier. Acervo do Museu.

Imagem 198 - Ferro de passar da marca Fama, modelo 2. Acervo do Museu.

Imagem 199 - Ferro de passar incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Fernando Lemos.

Imagem 200 - Ferro de passar paulista. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 201 - Brinquedo: ferro de passar paulista do século XX, fabricado por A. P. Rossi, modelo Shirley, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista

Imagem 202 - Brinquedo: fogãozinho paulista do século XX, fabricado por O. Girardelli, modelo Fogão Eterno, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista - Coleção Inah Meirelles Faria Guimarães

Imagem 203 - Brinquedo: máquina de costura alemã, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Ricardo Mendes.

Imagem 204 - Brinquedo: máquina de costura, datado aproximadamente de 1920, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 205 - Brinquedo: máquina de moer brasileira do século XX, da marca Fulgor, modelo nº 124, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 206 - Brinquedo: panelinha brasileira, século XX, da marca Fulgor, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista - Coleção Inah Meirelles Faria Guimarães.

Imagem 207 - Brinquedo: panelinha de escorrer brasileira, século XX, da marca Fulgor, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista - Coleção Inah Meirelles Faria Guimarães.

Imagem 208 - Brinquedo: ralador de queijo brasileiro, século XX, da marca Fulgor, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista - Coleção Inah Meirelles Faria Guimarães.

Imagem 209 - Brinquedo: trem norte-americano, século XX, da marca Lionel, incorporado na primeira década do século XXI. Acervo do Museu Paulista - Coleção Inah Meirelles Faria Guimarães.

Imagem 210 - Aparelho para cortar pastel de origem paulista, século XX, fabricado por Cia. Fábrica de Ferragens Ypiranga, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Ricardo Mendes.

Imagem 211 - Brinquedo: apito norte-americano, datado aproximadamente de 1930, fabricado por Victory Sparkler & Specialty Co., incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Ricardo Mendes.

Imagem 212 - Brinquedo: apito americano, datado aproximadamente de 1930, fabricado por Kirchhof, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Ricardo Mendes.

Imagem 213 - Brinquedo: catavento, datado aproximadamente de 1930, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Ricardo Mendes.

Imagem 214 - Brinquedo: pião. Acervo do Museu.

Imagem 215 - Brinquedo: caldeira de produção de vapor alemã, século XIX, da marca Märklin, incorporado na década de 90. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 216 - Vitrola norte-americana, fabricada por Victor Talking Machine Company.. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 218 -Fonógrafo, fabricado por Miki Phone . Acervo do Museu Paulista.

Imagem 217 - Gramofone inglês. Acervo do Museu Paulista.

Imagem 219 - Lanterna mágica inglesa, datada da primeira década do século XX, fabricada por Perken, Son& CO. Ltd., incorporada na década de 90. Acervo do Museu Paulista - Coleção Militão Augusto de Azevedo.

Como já mencionamos, em uma primeira análise é possível perceber que grande parte das peças encontradas desta tipologia foi adquirida a partir da segunda metade do século XX, em sua maioria após 1963, data de incorporação do Museu Paulista à USP.

Se compararmos o universo levantado na publicidade, que trazia, por exemplo, grande profusão de equipamentos sonoros, podemos notar que a coleção do Museu Paulista possui poucos exemplares deste tipo de objeto. Porém, os ferros de passar, presentes em grande número no acervo do Museu, quase não aparecem na publicidade estudada. Podemos inferir, no caso dos ferros (grande parte pertencente à Coleção Fernando Lemos), que se tratava de uma tipologia já bastante difundida, sendo assim, a publicidade daria mais destaque às novidades tecnológicas, como é o caso dos equipamentos sonoros.

Outro ponto a se destacar, agora em relação a formação da coleção em si, é como a promoção de pesquisas específicas sobre determinados temas no Museu Paulista pôde contribuir para gerar parâmetros mais precisos para gestão de acervos, principalmente no que diz respeito às ações de catalogação e desenvolvimento das coleções, uma vez que podem apontar para as demandas específicas de investigação e interpretação.

Podemos tomar como exemplo de como a pesquisa tem papel primordial para as ações de gestão do acervo museológico, o caso da coleção de brinquedos do Museu Paulista. É preciso pontuar que esta tendência de valorização do brinquedo como objeto de estudos museológicos pode ser observada a partir dos anos 1990 tanto no Museu Paulista como no Museu Histórico Nacional por iniciativas de aquisição e promoção de pesquisas sobre esta tipologia de objetos²³².

No Museu Paulista, a ampliação do escopo do acervo proporcionado pela formalização da cultura material como eixo central do trabalho da instituição na década de 1990, colocam os objetos relacionados à infância como um interesse documental para a linha de pesquisa *Cotidiano e Sociedade* daquela instituição²³³.

Assim como ocorreu com outros tipos de acervo, cuja ampliação tem sido uma das missões do Museu, foi em função dos princípios estabelecidos pelo Plano Diretor que se deu início, ainda

²³² SOUZA, 2012, p.13

²³³ BARBUY, Heloisa. **Justificativa para aquisição de brinquedos para o acervo do Museu Paulista**, Processo n. 2009.1.355.33.0. 2009, p 13

nos anos de 1990, à formação de uma coleção de objetos relacionados à infância, especialmente indumentária e brinquedos. Sendo um museu de História Social e, dentro disto, um museu de História da Cultura – e Cultura Material –, haveria que se preencher uma grave lacuna então constatada, que era a ausência quase total de objetos que documentassem a história da criança (ou práticas da infância) ou daquelas perspectivas conferidas, pelos adultos, ao universo infantil.

É, portanto, na linha de pesquisa Cotidiano e Sociedade, que se desenvolvem as investigações sobre cultura material da faixa etária denominada infância e as coletas de acervo a ela correlatas, visando-se a uma compreensão inovadora, a partir da perspectiva da dimensão material da cultura, dos conceitos, práticas e valores que se imprimem nos brinquedos e outros objetos concebidos por adultos para participarem das realidades e ações do universo infantil.²³⁴

As pesquisas que se desenvolveram deste esforço, revelaram o potencial dos brinquedos industrializados como fontes de pesquisa, uma vez que constatou-se que eles compunham um nicho dentro de um mercado de consumo de produtos industrializados em franca expansão em São Paulo no fim do século XIX e início do XX²³⁵.

Dentro desta perspectiva, foram realizados diversos trabalhos de pesquisa, com destaque para a dissertação de mestrado de Ludmila E. Cambusano de Souza, orientada por Heloisa Barbuy, intitulada *A seção de brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A. (METALMA), anos de 1930-1950*²³⁶, defendida em 2012. A partir destes trabalhos, foi possível elencar argumentos para o incremento de acervo desta tipologia, justificando a aquisição de peças que contribuiriam para o avanço das pesquisas e cumprimento dos objetivos da instituição. O exemplo da coleção de brinquedos do Museu Paulista pode servir como fio condutor para revelar o potencial dos objetos industriais e dos objetos de uso cotidiano para estes acervos.

²³⁴ Idem p.14

²³⁵ Ibidem

²³⁶ SOUZA, 2012.

B) Os utensílios domésticos pré-elétricos no Museu da Casa Brasileira

Passemos à análise de como estas duas categorias de objetos são incorporadas ao acervo do Museu da Casa Brasileira, traçando um breve histórico da instituição e da formação de sua coleção. Fundado em 1970, o Museu da Casa Brasileira nasce em um momento de disseminação de novas teorias museológicas, que se refletem em uma noção de patrimônio mais abrangente. Pode-se entender que houvesse uma valorização das questões do cotidiano, já presentes no decreto de fundação do Museu, por ele mencionar uma idéia de “cultura brasileira” e “costumes”:

O Museu tem por objetivo recolher e expor convenientemente, objetos de valor histórico, sociológico ou artístico, ligados à cultura brasileira, em especial móveis, alfaías, talhas, trajes, joias, elementos iconográficos, demológicos e etnológicos, de torêutica, de artesanato, documentos, livros e papéis de qualquer natureza, que possam interessar ao estudo dos costumes brasileiros.²³⁷

Ainda em 1970, muda seu nome para Museu da Cultura Paulista, denominação esta que se mantém apenas brevemente uma vez que havia a preocupação de seus objetivos assim se sobreporem àqueles do Museu Paulista²³⁸. Rebatizado Museu da Casa Brasileira em 1971, pelo então diretor Ernani da Silva Bruno, a instituição finalmente começa a desenhar seus objetivos voltados para as questões da habitação brasileira:

[...] a seu ver [de Ernani], a palavra cultura, tomada em seu significado antropológico ou sociológico, envolveria um conjunto tão amplo e complexo das manifestações da vida brasileira, que tornaria o museu indefinido [...] a denominação que propunha, Museu da Casa Brasileira, sugerida que, dentro do campo de ação do museu

²³⁷ SÃO PAULO (estado). Decreto nº 246 de 29 de Maio de 1970. Dispõe sobre a criação do Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1970/decreto.lei-246-29.05.1970.html>. Acesso em: 24 de março de 2014.

²³⁸ O coordenador do Núcleo de Documentação e Pesquisa José Wilton N. Guerra, também aluno do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP está atualmente desenvolvendo pesquisa a respeito da gestão de Ernani e os primeiros anos do Museu da Casa Brasileira, trazendo importantes contribuições para o entendimento deste histórico. GUERRA, J. Wilton. O Museu de Ernani Silva Bruno: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979). [dissertação de mestrado em elaboração sob orientação da Profa. Dra. Heloisa Barbuy].

ficariam, não todos os elementos da cultura brasileira, mas só aqueles ligados ao interior da casa brasileira²³⁹

Com o intuito de mapear os “usos e costumes”²⁴⁰ da casa brasileira, Ernani, junto com o Prof. Carlos Lemos, desenvolvem uma metodologia de pesquisa que originará um valioso instrumento de estudo e orientaria a própria coleta de acervo para o museu. Trata-se do que se denomina hoje Fichário Ernani Silva Bruno – Equipamentos da Casa Brasileira, Usos e Costumes:

Dentro desse repertório de assuntos ligados à nossa cultura material, à vida espiritual e à psicologia social [...] Ernani passou a organizar com o auxílio de funcionários e estagiários qualificados o processo de leitura e de fichamento de informações contidas em textos escolhidos, cujos autores poderiam ter sido viajantes naturalistas estrangeiros aqui chegados no início do século XIX, memorialistas, agentes cartoriais ou ficcionistas cujos romances ou contos tivessem interesse ao conhecimento de usos e costumes brasileiros, sobretudo paulistas.²⁴¹

Como mencionado anteriormente, a onda de transformações que afetam as mais diversas ramificações das Ciências Humanas abrem espaço para novas temáticas, novas abordagens e, nos museus, novos acervos, uma vez que problemáticas consideradas menores, como as questões da vida cotidiana ganham proeminência a partir da década de 1960. O fichário Ernani representará assim, uma orientação de definição de objetivos institucionais, traduzido em um instrumento de referência para pesquisa histórica, como o intuito de orientar também a formação de coleções do museu, aproximando estas ações à medida que relaciona o fazer histórico com a dimensão material da cultura como fonte para reflexão sobre os modos de vida e visões de mundo.

Intimamente ligado ao objetivo principal do MCB [...], a importância desse fichário é vital, possibilitando o estudo da evolução

²³⁹ MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Ata da reunião do Conselho Diretor** realizada em 21 de janeiro de 1971.

²⁴⁰ Expressão de Ernani Silva Bruno para designar o fichário.

²⁴¹ LEMOS, Carlos. “Ernani, o ledor voraz”. In. **Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes**. Museu da Casa Brasileira, 2005.p. 3. Disponível em http://www.mcb.sp.gov.br/docs/ernani/pdf/Ernani_o_Ledor_Voraz.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2014.

por que passou o "recheio" da casa brasileira. O acervo do Museu da Casa Brasileira estaria incompleto sem ele; o próprio Museu necessitaria dele ao montar uma exposição temática ou ao tentar reconstituir o interior de um ambiente ou de uma residência, ou ainda, ao adquirir, por compra, uma nova peça, tendo assim a necessária segurança para avaliar a prioridade na sua aquisição e o valor de tal peça; se nada disso for considerado, lembro o importante serviço que prestaria a pesquisadores, estudantes e interessados no preparo de monografias, ensaios, estudos, enfim, trabalhos ligados à cultura brasileira.²⁴²

O esquema pensado para a realização deste fichário revela uma sintonia com os debates sobre cultura material e sobre o papel dos museus que vinham transformando a prática museológica no período. Não somente a escolha das fontes usadas para o fichário- inventários, relatos de viajantes e textos ficcionais- mas a escolha das categorias pelas quais seria pensada esta casa brasileira demonstram a preocupação de Ernani e sua equipe com questões muito caras à Museologia e às demais Ciências Humanas na época.

O projeto original do fichário²⁴³ traz 21 categorias que buscam mapear os equipamentos domésticos de acordo com suas funções e usos nas residências brasileiras, através da pesquisa de fontes e literatura. São elas:

1. Acessórios de móveis
2. Anexos
3. Animais domésticos
4. Apetrechos
5. Armas
6. Aspectos gerais
7. Comércio
8. Construção
9. Costumes domésticos
10. Decoração
11. Ferragens
12. Higiene

²⁴² JULIÃO, M. de Lourdes. **Relatório de diagnóstico do Fichário dos Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira**, a pedido da direção do Museu da Casa Brasileira. 1995.

²⁴³ MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Informação sobre interiores de casas brasileiras [manuscrito]. 1975

13. Indústria Caseira
14. Instrumentos musicais
15. Meios de transporte
16. Móveis
17. Objetos de uso pessoal
18. Peças de iluminação
19. Rouparia
20. Utensílios
21. Vestes e joias

Ao contrário do que vimos no Museu Paulista, o Museu da Casa Brasileira já tem no cotidiano seu foco de atuação desde sua gênese, sendo que o Fichário organizado por Ernani corrobora uma noção de história e de museu pautada nas questões dos hábitos, dos costumes, das tradições populares e da sociabilidade, distanciando-se dos grandes discursos explicativos da História Nacional.

O espaço doméstico, eleito como objeto de estudo do Museu da Casa Brasileira, é, ao contrário das narrativas históricas mais tradicionais, segundo Daniel Roche, o lugar de “uma temporalidade vagarosa marcada por pequenas rupturas, mudanças quase invisíveis, e onde hábitos, costumes e tradições prevalecem, esquivando-se de datações fáceis ou divisões sociais comuns”²⁴⁴.

Porém, apesar dos próprios objetivos do Museu demonstrarem uma sintonia com essas novas noções de patrimônio, que valorizavam a vida cotidiana e o espaço doméstico, e também apesar de o Fichário trazer uma perspectiva bastante contemporânea no que diz respeito às problemáticas que busca abordar, o impacto que ele tem na prática museológica cria um verdadeiro paradoxo quando analisamos as primeiras décadas de aquisição de peças para o Museu da Casa Brasileira. A prevalência de mobiliário artístico e de objetos que de alguma forma consubstanciam a essência de seus célebres usuários nos demonstra que o Museu da Casa Brasileira, assim como muitos museus de sua época, ainda estava preso a uma visão tradicional de museu.

O catálogo da primeira exposição de longa duração do Museu, inaugurada em 1978, reflete este paradoxo:

²⁴⁴ ROCHE, Daniel. História das coisas banais : nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.p.04 (1ª ed. Paris: A. Fayard, 1997)

Também não pretende ser uma exposição da evolução do mobiliário artístico brasileiro, pois o decreto que criou o Museu definiu-lhe o campo de atuação, que deve ser voltado, não apenas para as peças de valor artístico, como igualmente para aquelas que, em razão de seus atributos antropológicos ou histórico-sociais, revestem-se de significação como documentos de épocas²⁴⁵.

Apesar de esta visão mais abrangente estar presente no texto de abertura do catálogo da exposição de 1978 e também nos textos que apresentavam os módulos – divididos em tradicionais demarcações cronológicas e políticas da História do Brasil – fica evidente como a própria coleção não consegue refletir estes ideais. Grande parte do mobiliário apresentado – vale ressaltar que o mobiliário predominava e ainda predomina na coleção do Museu – era bastante sofisticado, abordado de acordo com os estilos artísticos que representavam²⁴⁶.

A explicação para esta situação está na própria formação da coleção. É possível notar pela leitura das atas de reuniões do Conselho Diretor, um impasse entre alguns dos Conselheiros e a visão de Ernani, visto que ainda se defende a aquisição de peças por motivos como, terem pertencido à Marquesa de Santos²⁴⁷, ter sido feitas por Aleijadinho²⁴⁸ ou serem consideradas de fino feitio e de bom gosto. Fica evidente que por mais que o fichário trouxesse referências que tendiam para uma valorização da cultura popular, uma vocação elitizante do museu tradicional faz com que a coleção do Museu da Casa Brasileira tenha um aspecto geral bastante distante deste objetivo.

Não foi possível remontar, através da investigação da documentação, como se dava o processo de prospecção e coleta deste acervo, tampouco se havia critérios institucionais para a formação das coleções. Porém, é possível notar pelas atas de reunião do Conselho Diretor que este trabalho se dava de maneira bastante pessoal, cada um prospectando acervo junto a colecionadores, empregando critérios às vezes dissonantes entre os membros do próprio Conselho.

No que diz respeito aos utensílios domésticos de fabricação industrial, é possível notar sua presença desde os primórdios da instituição, como é o caso de

²⁴⁵ Cf. MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Museu da Casa Brasileira – Solar Fábio Prado**. [Catálogo de Exposição]. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1978.

²⁴⁶ Idem

²⁴⁷ MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Proposta de Política de Acervo apresentada ao Conselho de Orientação Cultural. 2011. P.06

²⁴⁸ Idem

máquinas de costura manuais, ferros de passar e rádios. Após o fim da gestão de Ernani, em 1979, a incorporação de acervo segue orientada para o mobiliário artístico²⁴⁹ com aquisições eventuais de utensílios como moinhos de café e geladeiras.

Já em 1986, o Museu sofre uma alteração de sua missão original quando começa a sediar o Prêmio Design Museu da Casa Brasileira. Sob a gestão de Roberto Duailibi, o Prêmio surge dentro de um contexto desenvolvimento da indústria brasileira²⁵⁰ e da valorização do design industrial que faz com que o DEMA (Departamento de Museus e Arquivos do Estado de São Paulo) proponha uma reorientação dos objetivos do Museu da Casa Brasileira para que ele possa se dedicar às questões do design.²⁵¹

O Prêmio Design Museu da Casa Brasileira nasce com o intuito de prestigiar, disseminar e incentivar a produção de design no Brasil²⁵². Ele também tinha, a princípio, o objetivo de contribuir para a formação de uma coleção de peças de design para a instituição.²⁵³ Esta iniciativa revela uma preocupação da instituição em coletar material contemporâneo, mostrando uma sintonia com uma tendência de valorização do patrimônio da industrialização, que discutimos anteriormente.

As primeiras aquisições oriundas do Prêmio foram:

Maxi torneira elétrica, pela Lorenzetti S.S.; Slim-tape (porta fitas adesivas), por Wlateral Bahcivanji; Cadeira de balanço Gaivota, por Reno Bonzon; Luminária SSS, por Giorgio Giorgi Jr.; Mesa de Centro Ubá e Banco Ressaquinha, por Maurício Azeredo; padronagens “Peixes” e “Fantasia” para estamparia, por Barbara Gras; entre outros. Após avaliação, as peças são “[...] aprovadas por terem participado do III Prêmio Museu da Casa Brasileira para Design”.²⁵⁴

²⁴⁹ Cf. MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 2011,

²⁵⁰ MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Prêmio Design: 1986-1996**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1996. P.13

²⁵¹ MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 2011, p.09

²⁵² MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 1996, p.13

²⁵³ “Foi lembrado que o Prêmio, em razão de sua proximidade com a contemporaneidade, poderá subsidiar a política de enriquecimento do acervo do museu, que incorporará peças ou cópias de peças concorrentes”. MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Ata de reunião do Conselho Diretor**, realizada em 12 de abril de 1988.

²⁵⁴ MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Ata de reunião do Conselho Diretor**, realizada em 27 de fevereiro de 1989.

Apesar de os primeiros regulamentos do Prêmio Design contarem com uma cláusula que previa a incorporação de peças premiadas, esta prática foi abandonada poucos anos depois ²⁵⁵. Os anos que se seguiram, a partir do início da década de 1990, representaram um período bastante delicado para o acervo, causando grande impacto na coleção de utensílios domésticos.

A gestão do arquiteto Carlos Bratke, entre 1992 e 1995, busca sedimentar a nova vocação do museu para o design, ampliando também a missão da instituição para as questões da arquitetura. O esforço de reorientar o acervo do Museu da Casa Brasileira para tais questões, imprimindo à coleção um perfil mais contemporâneo, revela o dinamismo das gestões mais recentes da instituição, mas por outro lado, sua execução traz complicações para o acervo já constituído, uma vez, com grande parte do acervo mal acondicionado, sem o devido controle patrimonial, exposto a umidade e ataque de cupins, dezenas de peças foram danificadas, destruídas ou simplesmente desapareceram. ²⁵⁶

Para além, ao longo dos anos 1990, centenas de peças foram transferidas para museus do interior do Estado e Capital. As atas de reunião do Conselho Diretor deste período, mencionam o uso de critérios para a triagem e transferências destas peças, porém não há nenhum registro de quais seriam tais critérios ²⁵⁷. De toda forma, fica claro em nosso levantamento que tal movimento de transferência de peças do acervo, por algum motivo, reforçou ainda mais o foco da coleção Museu da Casa Brasileira para o mobiliário, dispensando grande parte dos utensílios domésticos.

Os esforços subseqüentes no sentido de pensar o espaço doméstico para além do mobiliário, todos se centraram na questão do Design, entendido sob a ótica do Prêmio Design, privilegiando os grandes nomes do design contemporâneo ²⁵⁸, pouco

²⁵⁵ “Quanto a Prêmio Museu da Casa Brasileira para Design o presidente do Conselho sugeriu a modificação de seus estatutos quanto a obrigatoriedade de doação da peça premiada ao museu por ocasionar problemas tanto ao premiado como para o museu. A gravi (sic.) falta de espaço do Solar Fábio Prado para abrigar e expor sua coleção permanente e apresentar exposições temporárias [...]” MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Ata de reunião do Conselho Diretor**, realizada em 14 de dezembro de 1989

²⁵⁶ MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 2011, p. 12

²⁵⁷ “[...] a triagem do acervo foi verificada em detalhes pela equipe do museu [...], pois constituem-se de peças não significativas, sendo que o objetivo final será permanecer no museu o melhor e mais didático possível.” MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Ata de reunião do Conselho Diretor**, realizada em 25 de setembro de 1995

²⁵⁸ Houve a intenção de se criar um Acervo Virtual do Design Brasileiro, mas a iniciativa não foi levada adiante “Com relação a possibilidade de aquisição de novas peças, entendemos que devido a exiguidade dos espaços, a ampliação do acervo deverá ocorrer de maneira mais moderna. A partir deste raciocínio foi criado o Acervo Virtual de Design Brasileiro Contemporâneo. Trata-se de um trabalho permanente cujo objetivo é resgatar a história mais

refletindo sobre a representatividade de tais peças para a casa brasileira no cotidiano, como parecia ser a proposta inicial de Ernani da Silva Bruno para o acervo do Museu da Casa Brasileira.

Desta forma, constatou-se que apesar de a coleção atualmente salvaguardada pelo Museu da Casa Brasileira possuir poucos exemplares de utensílios domésticos pré-elétricos, tais objetos tiveram seu espaço nas primeiras décadas do Museu, tendo sido transferidos para os museus do interior de São Paulo ao longo da década de 1990 e das transformações de perfil que a instituição sofreu recentemente.

A relação destas peças adiante, foi realizada por meio da investigação de inventários, livros de tombo, atas de reuniões, relatórios de atividades e banco de dados da instituição, uma vez que grande parte da documentação sobre as peças transferidas está incompleta ou desaparecida durante o processo de transferências, deixando registros bastante fragmentados²⁵⁹.

recente do design brasileiro e, ao mesmo tempo, dispensar a constituição de um acervo específico de peças.” MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Ata de reunião do Conselho Diretor**, realizada em Ata de 17 de setembro de 1998.

²⁵⁹ Esta relação contém apenas as peças que possuem registro fotográfico, a listagem completa, incluindo as peças que não foram fotografadas pode ser encontrada nos anexos deste trabalho.

Imagem 220– Caixa de música com manivela, de origem suíça, século XIX, incorporada na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Mogi-Mirim.

Imagem 221– Relógio de mesa Império, de origem inglesa, século XIX, incorporado na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico Pedagógico de Mogi-Mirim/SP.

Imagem 222 – Máquina de costura manual do século XX, incorporada na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Taubaté/SP

Imagem 223 – Moinho de café francês, século XIX, fabricado por S. G. D. G Peugeot. Acervo do Museu da Casa Brasileira.

Imagem 224 – Moinho de café francês, século XIX, fabricado por S. G. D. G Peugeot, incorporado na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim em Campinas/SP

Imagem 225 – Torrador cilíndrico de café, século XIX. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Desaparecido.

Imagem 226 – Torrador cilíndrico de café, século XIX. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Desaparecido.

Imagem 227 – Torrador de café de bola. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim em Campinas/SP.

Imagem 228 – Máquina de costura norte-americana de 1915, fabricada pela Singer, incorporada na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Mogi-Mirim/SP

Imagem 229 – Rádio-Vitrola datado aproximadamente dos anos 30, incorporado na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira.

Imagem 230 – Moinho de café, século XX, incorporado na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Taubaté/SP.

Imagem 231 – Máquina de costura fabricada por Leonam Manoel Ambrosio Filho S. A., incorporada na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de São Luis do Paraitinga/SP

Imagem 232 – Máquina de costura fabricada por Mercury Feming Machine, incorporada na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico Pedagógico de São Luis do Paraitinga/SP

Imagem 233 – Geladeira ou porta-gelo. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Rio Claro/SP

Imagem 234 – Rádio Art-Déco, dato aproximadamente da década de 40, fabricado pela Philco. Acervo do Museu da Casa Brasileira.

Imagem 235 – Ferro de passar roupa, século XX, marca Fama, incorporado na década de 70 . Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Taubaté/SP.

Imagem 236 – Moinho de café alemão, incorporado na década de 80 . Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Cachoeira Paulista/SP

Imagem 237 – Relógio de mesa Império, incorporado na década de 80. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico e Pedagógico de Pindamonhangaba/SP.

Imagem 238 – Moinho de café francês, século XIX, incorporado na década de 80. Acervo do Museu da Casa Brasileira.

Imagem 239 – Relógio, incorporado na década de 80. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Museu Histórico Pedagógico de Cachoeira Paulista/SP

Imagem 240 - Rádio, datado aproximadamente dos anos 20, fabricado pela Philco, incorporado na década de 70. Acervo do Museu da Casa Brasileira. Atualmente no Parque Ecológico Monsenhor Emílio José em Campinas/SP

Faremos aqui um breve parêntese sobre os processos de documentação museológica ao longo da história do Museu da Casa Brasileira que podem ajudar a explicar a situação destes registros e esclarecer os esforços recentes de regularização, organização e pesquisa sobre estes registros que permitiram a realização desta pesquisa.

O Museu da Casa Brasileira pode contar, em suas primeiras décadas de existência, com equipes técnicas pequenas, porém muito competentes que se responsabilizava pela documentação museológica como o caso de Waldisa Rússio, que foi chefe da seção técnica durante a gestão de Ernani, a museóloga Maria Afonsina Rodrigues e a também museóloga Beatriz Augusta Cruz, no final da década de 1970, início de 1980.

As décadas subseqüentes, por outro lado, tiveram equipes técnicas carentes de profissionais especializados no campo da documentação museológica, o que acarretou diversos problemas na manutenção e atualização da documentação museológica da instituição, isto se refletindo diretamente na qualidade dos registros produzidos. Porém, nos últimos anos, a instituição tem revelado grande preocupação com a profissionalização de suas equipes, em parte graças à maior maleabilidade proporcionada pelo modelo de gestão por Organização Social, em vigor desde 2006.

Em 2009, o Núcleo de Documentação e Pesquisa do Museu, com apoio da Secretaria de Estado da Cultura, realizou um extenso projeto de levantamento do acervo da instituição disperso por todo o Estado de São Paulo. Foram encontradas 743 peças e constatou-se que boa parte dos registros de documentação sobre eles havia sido transferida junto aos objetos, sem que se fizessem cópias ou se documentasse o processo no Museu da Casa Brasileira.

Tal constatação impulsionou um movimento para a readequação dos processos de gestão dos acervos de maneira geral, gerando uma série de esforços que buscam não só a regularização dos registros sobre a coleção, em posse do museu ou transferida, como também a definição de uma Política de Gestão de Acervos para a instituição, revisão de Plano Museológico, elaboração de procedimentos técnicos para o processamento do acervo, etc.

O mais recente destes projetos, intimamente ligado ao levantamento realizado em 2009, mencionado anteriormente, visa à regularização dos registros patrimoniais do acervo, a revisão dos registros catalográficos, assim como um trabalho de sistematização tipológica e terminológica da coleção. Tais iniciativas revelam uma

preocupação de readequar as práticas da instituição, colocando-as em sintonia com o entendimento contemporâneo sobre a documentação museológica e sobre a função da informação para estas instituições. Para além, este movimento corre paralelamente a um esforço de redefinição dos objetivos institucionais frente à trajetória do Museu e da formação de suas coleções.

Capítulo 3 – Curadoria de utensílios pré-elétricos: caminhos possíveis

Teceremos aqui algumas considerações a respeito das possibilidades curatoriais para coleções de utensílios pré-elétricos a partir da investigação desenvolvida nos dois capítulos anteriores. Temos como foco a representatividade que tais acervos podem ter para problematizar não só questões relativas aos seus contextos originais de consumo, mas também seu potencial de fonte para a construção do conhecimento histórico em uma gama bastante ampla de problemáticas pertinentes aos museus.

Mais do que pensar os critérios que levaram à incorporação destes acervos, esta reflexão pretende agora pensar nas possibilidades contemporâneas para a curadoria desta tipologia de objetos, buscando apontar alguns caminhos que possam orientar não apenas a coleta qualificada deste tipo de acervo, como também oferecer caminhos interpretativos que possam incrementar o conhecimento que se tem sobre os acervos existentes. Tal esforço pretende localizar algumas conceituações que balizam a prática museológica contemporânea que podem, por sua vez, indicar tais caminhos.

A primeira destas balizas é o próprio conceito de curadoria, que dá título a este trabalho e que sofre diversos tipos de interpretações ao longo da história da Museologia por diferentes linhas teóricas ao redor do mundo. Não nos cabe aqui nos alongar retomando a trajetória do termo e mapeando suas múltiplas definições²⁶⁰, mas sim esclarecer qual conceito de curadoria aplicamos a este trabalho para discutir os processos pelo quais passam os utensílios pré-elétricos em seu processo de musealização.

A noção de curadoria está presente desde as origens do colecionismo, intimamente ligada também à figura do curador, e às atividades desempenhadas dentro dos museus. Segundo Cristina Bruno:

Assim, é possível constatar que o conceito de curadoria surgiu influenciado pela importância da análise das evidências materiais da natureza e da cultura, mas também pela necessidade de

²⁶⁰ BRUNO, M. Cristina O. “Definição de Curadoria – os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial”. In: JULIÃO, Letícia (coord.); BITTENCOURT, José N.(org.) **Caderno de Diretrizes Museológicas 2 –mediação em museus: curadorias, exposições e ações educativas**. - Belo Horizonte : Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 15

tratá-las no que corresponde à manutenção de sua materialidade, à sua potencialidade enquanto suportes de informação e à exigência de estabelecer critérios de organização e salvaguarda. Em suas raízes mais profundas articulam-se as intenções e os procedimentos de coleta, estudo, organização e preservação, e têm origem as necessidades de especializações, de abordagens pormenorizadas e do tratamento curatorial direcionado a partir da perspectiva de um campo de conhecimento.²⁶¹

É possível dizer que a noção de curadoria se origina na necessidade estabelecer procedimentos técnicos e científicos que garantam a preservação dos acervos, porém, a própria trajetória dos museus como instituições que cada vez mais se preocupam com sua relação com o público, faz com que o conceito de curadoria se expanda também as ações de comunicação, ganhando proeminência hoje em dia no que se refere à elaboração de discursos expositivos²⁶².

Sendo assim, o processo curatorial é intrinsecamente multidisciplinar, exigindo hoje uma variedade de profissionais especializados que trabalhem de forma integrada para cumprir toda a cadeia de atividades que envolvem o processamento do acervo de sua entrada na instituição à sua difusão e interação junto ao público. Neste sentido, uma definição deste processo que é adotada neste trabalho é aquela proposta pelo Prof. Ulpiano T. Bezerra de Meneses:

a execução ou orientação de todo um ciclo de atividades: a formação e ampliação permanente das coleções, sua conservação física, seu estudo e documentação, assim como a socialização, seja do acervo assim disponível, seja do conhecimento que ele permite gerar e completar. São, assim, solidárias, as tarefas científicas, culturais e educacionais.²⁶³

O conceito de curadoria se expande assim para instituições museológicas das mais diversas vocações, abrangendo as atividades realizadas de forma solidaria e interdisciplinar em torno do acervo. Ao se falar em interdisciplinaridade, não falamos

²⁶¹ Idem

²⁶² Ibidem, p.22

²⁶³ MUSEU PAULISTA. **Plano Diretor (1990-1995)**. 1990, p.01

na simples interação entre as diversas atividades do museu, seguindo a proposição de Heloisa Barbuy que considera:

[...] muita restrita a idéia de interdisciplinaridade concebida apenas como interação entre áreas de atividades técnicas do museu. E penso que esta noção funcionalista está permeando a própria noção de curadoria como 'ciclo de atividades e série de tarefas', sem que se associem essas tarefas aos objetivos principais de cada museu. E me parece que estes objetivos, por sua vez, não podem estar dissociados da própria idéia de disciplina ou de áreas de conhecimento. Em outras palavras, é preciso estabelecer com muita clareza, Em outras palavras, é preciso estabelecer com muita clareza, antes detudo, quais são, em termos de conteúdo, os objetivos de um museu.²⁶⁴

É evidente, portanto, que tais processos se moldam de acordo com as especificidades, objetivos e expectativas de cada instituição. No caso dos museus históricos, a noção de curadoria está intimamente ligada às questões metodológicas do próprio fazer histórico que permearam a trajetória destas instituições. Como discutimos anteriormente, tais museus têm hoje perfis bastante diversos em termos de objetivos, coleções e abordagens, sendo difícil encontrar uma unidade que os defina como uma categoria. Porém, independente de sua forma, é fato que museus que se dedicam a pessoas, lugares ou processos dentro de uma perspectiva histórica, devem ter hoje dimensão de sua responsabilidade social e cultural, exigindo uma prática curatorial intelectual e socialmente relevante²⁶⁵.

Assim, a própria mudança dos objetivos do museu histórico, hoje muito atrelados à noção de sua função social, transformam também a noção de curadoria para estas instituições. Nos museus históricos, isto significou, em alguns casos, como nos aponta Barbuy, a sedimentação de uma antinomia entre a função social e a

²⁶⁴ BARBUY, Heloisa. "Curadoria e curadores". In. I Semana dos Museus da Universidade de São Paulo, 1997, São Paulo. **Anais da I Semana dos Museus da Universidade de São Paulo**. São Paulo : Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 1997. p. 60.

²⁶⁵ KAVANAGH, op. cit., p.2

função científica²⁶⁶, leia-se seu compromisso com a pesquisa histórica científica, que se coloca como um desafio a ser superado em relação ao equilíbrio e diálogo entre as duas funções:

Tornar conhecidos seus resultados e atuar junto ao público são objetivos sociais do museu, mas não podem se realizar a contento sem uma base sólida no conhecimento e na reflexão; o próprio acervo e o conhecimento a serem socializados necessitam disso tanto para sua formação como para mobilização adequada.²⁶⁷

Assim, a curadoria em museus históricos, intimamente relacionada às funções de pesquisa, deve criar uma relação interdependente com sua função social, uma vez que os museus históricos, nas palavras de Gaynor Kavanagh tem grande potencial, e responsabilidade, junto à discussão de temas de interesse social :

Just as there are different social needs for history within any society, so there are different forms of history in museums and different roles for them to play. At one level they can provide emotional and social refuges where the past is rearranged to suit the needs of the moment. [...] Alternatively, they can be a candid witness of social change, expressing common humanity and errors.²⁶⁸

Kavanagh continua apontando uma faceta essencial da conformação dos museus históricos: a necessidade da sociedade em construir narrativas para relembrar – e conseqüentemente, também para esquecer seu passado – formando discursos que justifiquem e/ou questionem a ordem social estabelecida²⁶⁹. Sendo assim, os museus históricos representam lugares chave para a construção destas memórias públicas, não podendo se furtar de sua responsabilidade crítica sobre as construções sociais e políticas que ajuda a forjar e disseminar.

Os museus históricos trabalham assim em nome de um público que buscam representar, exigindo que o trabalho com seu acervo, ou seja, toda a cadeia de atividades de curadoria, mantenha seu compromisso inalienável com o público. Tal

²⁶⁶ BARBUY, 1997, p.62

²⁶⁷ Idem, p. 63

²⁶⁸ KAVANAGH, 1990, p. 5

²⁶⁹ Idem, p. 7

compromisso se torna cada vez mais forte, principalmente a partir da década de 1960, quando não só multiplicam-se as teorias e métodos em História Social, que têm grande impacto no entendimento dos acervos museológicos, como também as atitudes curatoriais nos museus históricos se voltam cada vez mais para sua função social, uma vez que se configuram como espaços privilegiados de reflexão e participação do público em questões relativas à herança cultural²⁷⁰.

Porém, as visões sobre como tal compromisso pode ser mantido pelo museu histórico através de sua prática curatorial está submetido não só a diversas visões sobre a História, como também a uma diversidade de atitudes curatoriais possíveis. Sobre tal problemática, Kavanagh, elenca três fatores que devem ser levados em consideração ao se avaliar as atividades de curadoria: a relevância para o público, a diversidade cultural em termos materiais e não-materiais de uma determinada comunidade, o elemento humano do observador e sua contribuição na construção do conhecimento dentro do museu²⁷¹.

The first is the question of the relevance to the public, in that history curators are engaged to provide a service to the public through the medium of a museum. It follows, therefore, that the work produced and the collections amassed should be socially relevant. [...]

Secondly, the representation and interpretation of elements of the recent human past must be pursued through the diverse media that distinguish a museum as a public institution [...] The museum's record and re-presentation of the past through material evidence of the social environment provide the curator with a specific and well-defined brief. The cultural life of an area and its diversity, both in terms of material and non-material expression should be ideally the key concern. Thus, history curators are engaged in a very specific form of historiographic process.

Thirdly, the records and 'histories' produced should be accessible to a wide audience. This means serving a very diverse range of interests and frames of reference. The central positioning of this within the museum's policy and plans creates the 'public museum'. [...] The human element of observer and observed is constant. Exclude in part or in total that human element and museums move into an increasingly incomprehensible realm where objects are

²⁷⁰ CF. KAVANAGH, 1990, p. 39-49

²⁷¹ Idem, p. 54

complexly codified not according to their contemporary uses or relationships, but according to different and more obscure patterns of meaning, at the convenience of the curator.²⁷²

Os três fatores elencados por Kavanagh, se vêem, em menor ou menor grau, refletidos nas normativas institucionais dos museus aqui estudados. No caso do Museu Paulista, o Plano Diretor de 1990 estipula:

Todo esforço deve convergir para a transformação deste órgão num museu (na plenitude das implicações), num museu histórico (articulado a certa prática científica e cultural, condizente com os dias de hoje) e, finalmente, num museu universitário (com vantagens e responsabilidades suplementares).

[...]

Trata-se, pois, de museu, não de qualquer outro organismo científico, cultural ou educacional. Por isso, o que deve caracterizá-lo é a referência obrigatória e permanente a um acervo de coisas materiais, no desenvolvimento das responsabilidades da curadoria, que compreende a execução ou orientação de todo um ciclo de atividades: a formação e ampliação permanente das coleções, sua conservação física, seu estudo e documentação, assim como a socialização, seja do acervo assim disponível, seja do conhecimento que ele permite gerar e completar. São, assim, solidárias, as tarefas científicas, culturais e educacionais.

Importa, por isso, evitar duas situações polares, igualmente redutoras e inconvenientes (museu como exclusivo arquivo documental ou instituto de pesquisa e formação superior; museu como exclusivo veículo pedagógico repassador de informação e produtor de eventos).

[...]

Contudo, a conotação de memorial da Independência, que o Museu acabou por encarnar, sobretudo como imagem pública, não deve ser cancelada, mas ampliada numa dimensão crítica. Seus compromissos fundamentais, portanto, devem dizer respeito a questões históricas (isto é, relativas ao fenômeno da mudança), especificamente aquelas que a curadoria puder cobrir e, como é óbvio, centradas na sociedade brasileira (e seu segmento paulista),

²⁷² idem

sem preconceitos cronológicos. Seu horizonte, portanto, não pode ser panorâmico: o Museu Paulista não deve ser um manual tridimensional de História do Brasil.

Fica evidente o entendimento de uma curadoria que envolve diversas áreas de processamento do acervo, com claro compromisso com uma noção ampliada de patrimônio, que ao mesmo tempo em que respeita, problematiza os processos de construção da memória junto ao público, assumindo seu papel mediador de relações sociais e culturais.

Por outro lado, o Museu da Casa Brasileira, apesar de não apresentar ainda um documento que oriente suas atividades de curadoria, colocando-as como centrais para o desenvolvimento de seus objetivos institucionais, recentemente vem buscando definir suas linhas de trabalho com o acervo, no que diz respeito aos eixos de interpretação do mesmo, revelando um compromisso com questões contemporâneas dos museus históricos como nos demonstra sua Política de Acervo de 2011:

Uma política de aquisição é um documento que atesta os princípios e compromissos com a prática museológica. A política orienta a maneira como o museu adquire e usa seu acervo em benefício público. Todas as ações tomadas pelo museu em relação ao acervo devem ser consistentes com estas cláusulas .

A Política de Acervo serviria assim, como uma importante ferramenta para garantir a aplicação de nossa missão institucional, uma vez que baliza o uso, desenvolvimento e interpretação do acervo. O exercício aqui apresentado caminha neste sentido: o que, por que e como o museu forma, estuda e enxerga o seu acervo, e como define e desenvolve os critérios para aquisição e descarte de acervo.

[...]

Propomos algumas possibilidades de abordagem inicial do acervo para a orientação de seus temas-chave:

a) Casa e sociabilidade: refletir sobre as funções que a casa e seus objetos desempenham em relação às regras de sociabilidade, ao lazer, às tensões de gênero, às dinâmicas hierárquicas. Pensar a existência e o uso dos objetos da casa como marcadores sociais da diferença que materializam diversas formas de sociabilidade e ciclos de vida.

b) Casa e privacidade: entender a casa como instrumento de organização e delimitação espacial. Investigar as transformações das noções de espaço público e privado ao longo dos séculos através dos objetos da casa que demarcam os limites entre vida pública, social e íntima.

c) Casa e produtividade: refletir o espaço doméstico como sendo também um espaço de trabalho. Investigar as relações de produtividade dentro da casa em rituais como alimentação, higiene, trabalho e indústria caseira. Explorar também as questões relacionadas ao consumo e relações de produção incutidas nos bens domésticos.

d) Casa e continuidade: estudar a casa como construção social que faz íntima relação com o passado e proporciona ao indivíduo uma noção de pertencimento. Analisar os objetos da casa como vetores de tradições, memórias, crenças e identidades, transformados assim em bens inalienáveis.

[...]

Ao pensar nosso acervo sob esta perspectiva, temos como objetivo estudar os objetos não só por seus aspectos formais e funcionais, mas como partes integrantes de um sistema de objetos que circulam em nossa vida social e que ganham existência significativa através de processos de interpretação e apropriação dos mesmos pelos indivíduos.

É propor um entendimento dos objetos pelo significado que eles guardam para as pessoas que os produziram e que os empregaram em diversos contextos sociais. É pensá-los como partes de um sistema de representações sociais individuais e coletivas que organizam e constituem a própria vida social²⁷³.

A proposta de eixos temáticos do Museu da Casa Brasileira nos revela ainda outro conceito muito adequado à curadoria em museus históricos: o conceito de cultura material. Como discutimos anteriormente, tal abordagem ganha força em

²⁷³ MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 2011, P.24

diversas vertentes das ciências humanas nas últimas décadas²⁷⁴ e tem tido papel muito relevante na prática museológica.

A abordagem pela cultura material dentro do processo curatorial representa um caminho pertinente para tratar das novas demandas culturais e sociais que os museus assumiram em sua história recente, revelando assim, potencial para orientar toda a cadeia de atividades que concernem a trato com o acervo.

No caso dos museus históricos aqui estudados, dedicados ao que podemos chamar de temas da História Social, tal abordagem se faz ainda mais interessante, uma vez que pesquisadores das duas frentes dividem preocupações similares a respeito das transformações do comportamento social, ambas tem raízes profundamente interdisciplinares e tiveram seu papel na ampliação do campo de conhecimento das ciências humanas de uma maneira geral.²⁷⁵

O uso de fontes materiais para a construção de reflexões sobre o passado é privilegiado nos estudos em História Social uma vez que são avaliados como menos suscetíveis a conter discursos intencionais como o texto escrito, além de abrir a possibilidade de análise de comportamentos que não se cristalizam na palavra escrita, ou que partem de populações que não usam a escrita como forma de expressão principal²⁷⁶. Assim, o caminho aberto pela cultura material nos museus históricos parece profícuo e natural à medida que o museu histórico vem buscando agregar novos sujeitos a suas narrativas e questionar visões cristalizadas da História.

Neste sentido, como mencionamos anteriormente, os acervos dos museus passam a abrigar novas tipologias de coleções e a incorporar novas interpretações aos acervos existentes, como é o caso dos acervos de objetos industrializados

O florescimento de museus dedicados a temas da história urbana e industrial no pós-Segunda Guerra, intimamente ligados aos movimentos preservacionistas ingleses, responde em um primeiro momento a uma demanda pública de valorização deste patrimônio²⁷⁷. A idéia de se preservar as “reliquias da vida social industrial”²⁷⁸,

²⁷⁴ Cf. SCHLERETH, Thomas (ed.). *Material culture : a research guide*. 1ed. Lawrence, Kansas : University Press of Kansas, 1985. p. 1-33

²⁷⁵ Idem, p. 156

²⁷⁶ Ibidem

²⁷⁷ KAVANAGH, op. Cit., p. 42

²⁷⁸ Idem, p. 43

porém, aparece mais tardiamente à medida que se estreitam os laços entre museus etnográficos ou folclóricos e museus de indústria²⁷⁹.

A noção que os produtos materiais da industrialização não deveriam ser dissociados de sua dimensão humana, abre novos caminhos interpretativos não só dentro de museus propriamente de indústria, como também abre novas possibilidades de incorporação de acervos em museus dedicados aos temas mais tradicionais da História Social. O novo interesse da História Social em estudos sobre o consumo como uma experiência social também impulsionaram a valorização dos acervos industriais²⁸⁰.

O surgimento de novas perspectivas sobre estes acervos, traz novas possibilidades de diálogo entre acadêmicos e museus, principalmente no campo da história da tecnologia - entendida aqui de maneira mais ampla como produto da experiência humana que modifica e mobiliza a natureza seu redor- segundo nos diz Pursell:

There is a significant overlap, within the history of technology, between those who read the extant structures and those who work in museums rather than universities. [...] Such museums as Henry Ford's Greenfield Village have long sought to collect and display artifacts of our technological past, and it is surely no accident that the Smithsonian Institution's National Museum of History and Technology (recently renamed the Museum of American History) is also one of the two or three centers of scholarship in the history of technology.²⁸¹

Assim, os objetos de fabrico industrial, demarcadores de novas possibilidades tecnológicas, ganham seu espaço nos museus e na academia sob a perspectiva da cultura material, uma vez que são encarados como documentos críticos para o entendimento não só das operações mentais por traz de sua invenção, como também das intenções e valores que se agregam a constituição física e funcional de tais objetos. Dentro deste campo o estudo de utensílios domésticos industriais ainda representa um território pouco explorado de investigação, mas que pode se configurar

²⁷⁹ Ibidem, p. 44

²⁸⁰ RIELLO, Giorgio. "Things that shape history: material culture and historical narratives". In. HARVEY, 2009, p. 25

²⁸¹ PURSELL, Carroll. "The History of Technology and the Study of Material Culture". In. SCHLERETH, 1985 p. 117

como um tema de interesse para os museus históricos e não só os museus de indústria ou tecnologia.

Por outro lado, o diálogo entre os estudos em cultura material e aqueles em História ainda enfrenta barreiras metodológicas a serem transpostas, como nos diz Thomas Schlereth:

Finally, it must be acknowledged that material culture studies, despite all the methodological creativity demonstrated by some of its most pioneering proponents, are still only beginning to explore the conceptual and an analytical potential of this approach to historical study. Traditionally content to collect and to describe objects, many material culturists still resist the methodological necessity of extracting and synthesizing social behaviour from such three-dimensional data. Or, to put it another way, many resist the imperative to deduce, wherever possible, the culture behind the material.²⁸²

Neste sentido, os museus que buscam trabalhar nesta perspectiva, podem se configurar como espaços privilegiados para a solução destas divergências metodológicas, uma vez que apesar de estarem ligados às preocupações da construção do conhecimento acadêmico, sua relação intrínseca com os objetos e seu compromisso com o público, exigem soluções metodológicas mais flexíveis e criativas. Desta forma, como os museus históricos podem trabalhar seus acervos como dimensão material da cultura?

Muito se discutiu nas últimas décadas quais abordagens a História poderia fazer da cultura material, sendo que as diversas vertentes se apóiam geralmente em uma das três metodologias²⁸³: a história a partir das coisas – tratando os objetos materiais da mesma forma com que se tratam os documentos escritos; a história das coisas – onde o objeto em si é o próprio sujeito da análise; e a História e as coisas – que posiciona os objetos destacados da narrativa histórica, mas revelando um campo anexo de análise do passado que pode se constituir como contraponto às narrativas mais tradicionais.

As abordagens apresentadas acima podem se intercalar, buscando novas perspectivas para o estudo dos acervos museológicos. No que diz respeito aos objetos

²⁸² Idem, p. 159

²⁸³ Segundo divisão proposta RIELLO, 2009, p. 25-26

de fabrico industrial, seria interessante pontuar alguns caminhos que podem beber destas abordagens da história da cultura material, agregando-se às preocupações dos recentes estudos de consumo. A idéia de se trabalhar os objetos industriais sob a ótica da biografia dos objetos²⁸⁴, ou seja, pensando desde sua produção ao consumo – seja consumo com produto ou como bem cultural.

Esta perspectiva pode se constituir uma solução metodológica para estudos centrados em objetos, mas que buscam problematizar questões mais amplas da história da cultural. Pensar no ciclo de vida dos objetos de maneira geral, ligadas à informação que deriva de um objeto e sua trajetória específica pode contribuir para uma reflexão mais ampla dos objetos de museu, principalmente aqueles que participam de circuitos pré-determinados de produção, distribuição e consumo como os objetos de fabrico industrial.

A presente pesquisa busca contribuir neste sentido, ao pensar, sobre os sistemas e circuitos que os utensílios domésticos compunham em seus contextos de uso e como acervos museológicos. Uma investigação mais profunda neste sentido, com a sistematização de uma metodologia de pesquisa, poderá ajudar a enriquecer o conhecimento que se tem destas coleções e informar o desenvolvimento das mesmas.

Neste ponto, porém, é necessário apontar alguns fatores da gestão de acervos museológicos que podem influenciar na boa realização de uma abordagem como esta, centrada na biografia/ciclo de vida dos objetos. A noção de gestão de acervos, muito similar à idéia que fazemos aqui de curadoria, estabelece procedimentos técnicos para o processamento de acervos em toda a cadeia de atividades dentro da instituição museológicas, desde a documentação, conservação, desenvolvimento e acesso às coleções. Desta forma a gestão de acervo, ou emprestando o termo em inglês *collections management*, abarca:

All museum programmes, from visitor services, educational services, publication, etc., have the collections at their core in that they provide the source material for such programmes. In order to carry out all of these activities, the museum relies upon the collections being stored appropriately to prevent deterioration, and being protected against breakage and damage and exposure to harmful environmental conditions, fire, theft and disaster. In addition, objects

²⁸⁴ Para mais sobre o conceito de ciclo de vida e biografia dos objetos ver DANNEHL, Karin. "Object biographies: from production to consumption". In. HARVEY, 2009.

must be recorded to a standard, so that the museum is able to account, locate and provide information about them. Objects must be accessible, via public exhibition, information services and loans, and finally, they must be legally accounted for, to ensure that the museum behaves in a responsible and ethical fashion.²⁸⁵

Sendo assim, o estabelecimento de normativas para a gestão de coleções, assim como a padronização de procedimentos são parte essencial para a boa prática museológica. A definição de intenções institucionais acerca das coleções, em sintonia com a missão e objetivos institucionais são, portanto, centrais para qualquer museu.

Neste sentido, o desenvolvimento de políticas de gestão de acervo têm ganhado espaço nos debates acerca da prática museológica, apesar de este assunto estar presente nas reflexões museológicas há pelo menos vinte anos. Em trabalho publicado postumamente, Georges Henri Rivière já aponta para a importância de políticas estruturantes da instituição:

Dès sa naissance, tout musée reçoit un programme inhérent à sa discipline de base, à la position qu'il occupe dans le monde ou dans son pays, à sa taille. Quels que soient ces paramètres, un musée digne de ce nom ne saurait en effet se gouverner au hasard: il suivra une politique générale qu'on peut dire structurelle et qui constitue le cadre explicite des recherches qu'il accueillera. Son programme d'acquisition dépend étroitement de ces grandes lignes directrices, réalisables à long terme autour d'objectifs prévus.²⁸⁶

Assim, uma política de gestão de acervos, conjuntamente ao estatuto e/ou regimento e missão institucional, é essencial não só para informar o desenvolvimento das atividades da equipe do museu, como também é um documento que atesta o compromisso que a instituição firma junta a seu público ao lidar com o patrimônio. Como diz o Código de Ética do ICOM, a definição destes documentos constitutivos é essencial, sendo que “a autoridade de tutela deve elaborar, tornar público e cumprir

²⁸⁵ FAHY, Anne (ed.). **Collections Management**. Leicester Readers in Museum Studies. Edição Kindle.

²⁸⁶ RIVIÈRE, Georges Henri. **La Muséologie selon Georges Henri Rivière : cours de muséologie : textes et témoignages**. 1ª ed. Paris: Dunod, 1989. p. 170

um texto legal que defina a missão, os objetivos e as políticas do museu, assim como seu próprio papel e composição”²⁸⁷.

Nas duas instituições estudadas, existem documentos que buscam oferecer diretrizes para gestão de seus acervos - como já demonstramos com o Plano Diretor do Museu Paulista(1990)e a Política de Acervo do Museu da Casa Brasileira(2011) - além de diretrizes e políticas em nível estadual e federal que tentam regular o processamento e uso do patrimônio²⁸⁸.

Como o presente trabalho escolheu focar-se na incorporação de peças às coleções e pretende contribuir para uma metodologia de coleta de acervos da tipologia aqui estudada, nos debruçaremos, portanto, sobre apenas dois aspectos da gestão de acervo e do processo de musealização: a documentação e desenvolvimento de coleções. Estes dois aspectos estão intimamente interligados, uma vez que abarcam procedimentos de entrada, aquisição e descarte, controle de inventário, movimentação e localização, catalogação e pesquisa, avaliação e seguros, gestão de direitos, e saída de objetos²⁸⁹.

No caso de instituições maiores, como o do Museu Paulista, tais atividades são divididas em setores distintos que devem ter suas atribuições e responsabilidades muito bem definidas para que o fluxo de informações e registros entre as áreas funcione de forma eficaz. No caso de instituições de menor porte, como o Museu da Casa Brasileira, tais atividades são realizadas pelo mesmo setor que cuida de todas as atividades, mas que necessita igualmente de diretrizes claras para que os processos se realizem dentro de parâmetros museológicos mínimos.

Começemos pelas atividades de documentação. A documentação museológica está no centro das responsabilidades éticas, profissionais e legais do museu, exercendo papel chave para o cumprimento do compromisso que os museus devem

²⁸⁷ INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **Código de Ética para Museus** - versão lusófona. Versão digital, 2009. Disponível em : http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/Lusofono2009.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014. (1ªed., 1986) p 9

²⁸⁸ Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Política Nacional de Museus: memória e cidadania. MinC, 2003. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014. Para além, o Sistema Estadual de Museus, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, está em discussões para a elaboração de uma Política Estadual de Museus.

²⁸⁹ Adaptados livremente dos parâmetros estipulados pelo Spectrum 4.0 – ferramenta elaborada pelo Collections Link, órgão ligado ao Conselho de Museus, Bibliotecas e Arquivos do Reino Unido, que estabelece parâmetros mínimos para elaboração de procedimentos de gestão de acervos.

ter com a preservação e informação sobre o patrimônio que abriga. Segundo o Código de ética do ICOM:

“Os acervos dos museus devem ser documentados de acordo com normas profissionais reconhecidas. Esta documentação deve permitir a identificação e a descrição completa de cada item, dos elementos a ele associados, de sua procedência, de seu estado de conservação, dos tratamentos a que já foram submetidos e de sua localização. Estes dados devem ser mantidos em ambiente seguro e estar apoiados por sistemas de recuperação da informação que permitam o acesso aos dados por profissionais do museu e outros usuários autorizados.” ²⁹⁰

Os processos de documentação museológica envolvem ações que vão desde a pesquisa para registro catalográfico sumário, passando pela pesquisa científica orientada por problemáticas definidas institucionalmente, até o tratamento documentário propriamente dito, com as operações sobre a massa de dados, buscando a elaboração de instrumentos de busca e acesso à informação.

Portanto, para além da informação básica que responde às demandas legais de salvaguarda do acervo, a documentação museológica tem papel central para a pesquisa acerca e a partir do acervo. É preciso pontuar que, para além das exigências do tratamento arquivístico dos registros documentais, que possui suas diretrizes já bem fundamentadas pela Arquivística e pelas Ciências da Informação, a documentação propriamente museológica, entendida aqui como aquela que registra e processa a informação sobre os acervos tridimensionais, ainda enfrenta desafios metodológicos, uma vez que a natureza específica dos objetos de museu exige procedimentos que dêem conta de sua complexidade como documento.

O tratamento documental de objetos de museu pressupõe ao menos dois níveis de informação a serem processadas: o nível do suporte em si e do conteúdo inerente às peças. Segundo Cerávolo e Tálamo, o objeto de museu, tratado como documento, deve ser processado a partir da matriz da informação:

Para superar tal impasse associado à própria condição do objeto de museu do qual se requer a descrição física que lhe é constituinte mas também outros planos descritivos que não estão

²⁹⁰ INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2009, p.16.

inscritos nesse mesmo objeto, propõe-se que o seu tratamento parta do conceito de matriz da informação. Nela estão os traços a serem considerados — tanto os físicos quanto os de conteúdo —, de modo que sempre os traços dos diferentes planos estejam associados para que se possa conduzir a análise. Sendo assim, a análise de um objeto/suporte é simultaneamente uma análise dessa matriz de informação. Por exemplo: numa estatueta de um determinado grupo étnico (ou outra qualquer) o material, os traços escultóricos, os adereços ou outros elementos iconográficos vão nos fornecendo elementos para captar sua função, seu contexto sociocultural, vínculos com ritos, e assim por diante. É parte dessa matriz da informação também a escolha da matéria-prima (madeira, cerâmica ou bronze, etc.) que, por sua vez, representa uma parte do processo de criação da obra e, portanto, índice importante do significado social. Logo, o significado do objeto/documento está na correlação de dados que vão da materialidade do objeto às intenções socioculturais; trata-se de um artefato, uma produção do homem inserida numa conjuntura social. Não há como desvincular de um objeto de museu a combinação de suporte e conteúdo da forma e função; este é o estatuto singular do objeto/documento em museus.²⁹¹

As especificidades nos acervos de museu residem no fato de as instâncias de suporte e conteúdo se misturarem, ao contrário do que ocorre em acervos bibliográficos, por exemplo. Sendo assim, a documentação museológica deve dar conta não só do fluxo e tratamento do objeto como suporte, mas também do tratamento do conteúdo e organização da informação sintetizando-a em linguagem documentária, visando seu acesso e recuperação.

A complexidade, e muitas vezes a importância, da documentação museológica é muitas vezes negligenciada pelas instituições, seja por restrições orçamentárias ou de pessoal, mas podemos inferir que este fato se dê ainda por um entendimento por vezes retrógrado da potencialidade destes acervos como documentos. Não é incomum encontrarmos museus que usam seu acervo pelo seu valor estético ou por seu

²⁹¹ CERÁVOLO, Suely; TÁLAMO, Maria de Fátima. “Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação”. In. **VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador, 2007. p. 7

impacto visual para uma exposição, ou que ainda o use como mera ilustração para publicações ou material de divulgação.

A documentação acaba refletindo este entendimento, sendo muitas vezes pobre e esparsa, limitando o potencial dos acervos como fonte de pesquisa. Registros insuficientes, incompletos de coleções antigas, não podem gerar um desinteresse na pesquisa sobre estas coleções, muito menos servir como parâmetro para a documentação de novas coleções. As vantagens de uma abordagem pela perspectiva da cultura material, por exemplo, esbarra em procedimentos de documentação limitados que não busquem compreender a complexidade do objeto de museu como documento e sua potencialidade como fonte para pesquisa na área de conhecimento a qual o museu se dedica²⁹².

Sendo assim, a documentação serve de baliza também para a pesquisa científica sobre o acervo, e conseqüentemente para o desenvolvimento das coleções, uma vez que a coleção se define pelo trabalho que resulta de suas ações de documentação, legitimando sua relevância como patrimônio musealizado²⁹³.

George Henri Rivière já chamava atenção para esta relação, onde a informação sobre as coleções pode levar à identificação de lacunas que podem orientar a pesquisa da instituição e também a coleta de acervo:

Ainsi, toute recherche implique à l'origine une réflexion générale sur la situation de la discipline de base et une évaluation des lacunes du savoir dans le domaine considéré. La collecte des objets et spécimens s'effectue en fonction de ces données et des lacunes correspondantes dans les collections. L'acquisition est donc inscrite dans le processus de la recherche de musée et devient, de ce fait, acte scientifique. L'appréciation des problèmes théoriques et des collectes qu'ils supposent peut ainsi prendre place dans le cadre d'une sorte d'inventaire très large des besoins de l'institution: on pourra déterminer de façon concordante une première forme de planification de la collecte, qu'on peut dire extensive. La sélection des problèmes doit par conséquent entraîner celles des acquisitions. 'L'élevage' d'un objet ou d'un spécimen coûte cher au musée et ce

²⁹² Cf. FÜRST, Hans Jörg. « Material Culture Research and the Curation Process ». In. PEARCE, 1989, p. 105

²⁹³ DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM-Brasil/Secretaria de Estado da Cultura, 2013 (1ª ed. Paris: Armand Colin e ICOM, 2010). p. 35

dernier a une capacité d'accueil limitée. Cette sélection se fera d'autant plus facilement qu'elle sera planifiée.²⁹⁴

Segundo Heloisa Barbuy, a documentação museológica tem o potencial de se alimentar das pesquisas sobre o acervo, ao mesmo tempo em que contribui para ações de pesquisa, de forma recíproca:

O objetivo principal é constituir uma base ampla de informações, que alimente pesquisas e ações de curadoria, tanto da própria instituição como externas, e se alimente, por sua vez, das pesquisas realizadas sobre o acervo institucional ou em torno dele. É comum falar-se, quanto a isso, em movimentos centrífugos e centrípetos, isto é, o sistema de documentação tem a força de trazer para si, de concentrar em si, toda a gama de informações produzidas sobre o acervo e, ao sistematizá-las e gerar agilidade de consultas, passa a disseminar essas informações, colocá-las à disposição de interessados, e, assim, com a mesma força com que concentrou em si todas as informações, é capaz também de devolvê-las, agora processadas, à comunidade de pesquisa, curadoria museológica e outros tipos de usuários, multiplicando os efeitos da informação²⁹⁵.

Partimos assim para a reflexão sobre o papel da pesquisa no museu, noção esta que deve estar em sintonia com a acepção contemporânea do papel do museu como um todo. Segundo Ulpiano T. Bezerra de Meneses, o museu é o local onde o objeto, produto e vetor da produção humana, torna-se documento - suporte físico de informação histórica²⁹⁶.

Sendo assim, a pesquisa nos museus nos permite explorar a dimensão documental dos objetos, para além da busca pelo sentido destes objetos em si próprios, privilegiando uma investigação sobre as relações sociais onde estes objetos foram produzidos.²⁹⁷ Os objetos materializam as complexas teias de relações

²⁹⁴ RIVIÈRE, 1989, p.170-171

²⁹⁵ BARBUY, H. . "Documentação museológica e pesquisa em museus". In.GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha; LOUREIRO, Maria Lucia N.M (Org.). **MAST Colloquia: Documentação em museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008, v. 10. p. 36.

²⁹⁶ Cf. MENESES, 1994.

²⁹⁷ Idem

estabelecidas entre os homens e entre os homens e os objetos dentro do processo histórico.

Porém “o que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão”²⁹⁸. Se entendermos o objeto como suporte de informação, devemos considerar que ele possui uma gama infinita de interpretações, infinitas camadas de informações que podem ser recortadas e discutidas de diversas formas dependendo das questões que lhe são colocadas que dependem diretamente dos procedimentos e método do pesquisador. Logo a pesquisa no museu:

[...] a pesquisa é a função capaz de garantir vitalidade à instituição museológica, regendo praticamente todas as suas atividades. É ela que confere sentido ao acervo, que cria a base de informação para o público, que formula os conceitos e as proposições das exposições e de outras atividades de comunicação no museu. Sobretudo, amplia as possibilidades de acesso intelectual ao acervo, oferecendo instrumentais cognitivos para o uso ou apropriação efetiva dos bens culturais.²⁹⁹

Assim, como nos disse anteriormente Georges Henri Rivière, os problemas de pesquisa devem informar os critérios de aquisição, o desenvolvimento das coleções, uma vez que é a pesquisa que garante que o museu cumpra sua função de registro, interpretação e construção de conhecimento junto ao acervo e seu público, explorando o potencial documental do patrimônio que preserva. Neste ponto, voltando mais uma vez às questões da documentação, uma pesquisa ativa sobre a coleção, inserindo-a dentro de problemáticas de pesquisa, buscando inclusive novas fontes e metodologias que possam ajudar não só a compor os registros, mas a revelar lacunas e oportunidades de investigação que enriqueçam o conhecimento que a instituição tem sobre a partir de seus acervos.

Este caminho pode ajudar a criar instituições museológicas que sirvam de referência não apenas acadêmica, como também para o público leigo acerca de

²⁹⁸ . MENESES, Ulpiano B. “Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público”. In. **Estudos Históricos**, v. 11, Rio de Janeiro, 1998. P. 95

²⁹⁹ JULIÃO, Letícia. “Pesquisa Histórica no Museu”. In. **Caderno de Diretrizes e Bases do Sistema Brasileiro de Museus**. IPHAN, s/d. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes_quintaparte.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014.

questões específicas de seu campo de atuação. No caso das duas instituições estudadas, e da tipologia de acervo ao qual este estudo se dedica, é possível dizer que a pesquisa sobre os utensílios domésticos de fabrico industrial pode abrir novos eixos de investigação, novas possibilidades de diálogo junto a outros temas das instituições, uma vez que representam um território novo no que diz respeito não só à temática do espaço doméstico e da vida cotidiana, como do processo de industrialização em sua faceta mais social/cultural.

O Museu Paulista vem se dedicando às questões da industrialização há mais de uma década, contando com pesquisas com recortes específicos que acabaram por orientar a coleta de acervos, como apresentamos no capítulo anterior. O Museu da Casa Brasileira, nos parece caminhar para a definição de eixos de pesquisa a partir do movimento de redefinição de objetivos e políticas institucionais.

Chegamos finalmente ao aspecto para o qual esta pesquisa busca contribuir mais diretamente que é o desenvolvimento de coleções de utensílios domésticos industriais, particularmente os pré-elétricos. Para tanto, se faz necessário discorrer brevemente sobre as duas formas pela qual se dá este desenvolvimento de coleções: pela coleta passiva e pela pesquisa e coleta ativas.

Ao pensarmos na atual realidade brasileira dos equipamentos culturais, da falta de investimentos, das dificuldades de patrocínio e dos grandes desafios de manutenção das estruturas já existentes, não é de se surpreender que a formação de coleções museológicas tenha se dado, via de regra, de forma passiva. Se analisarmos o levantamento aqui apresentado sobre as coleções de utensílios pré-elétricos, tanto no Museu Paulista como no Museu da Casa Brasileira, fica evidente que a entrada de tais peças se deu ao longo dos anos, prioritariamente por doações, muitas vezes dentro de lotes de peças advindas de uma família ou espólio.

Criar critérios para a aquisição passiva é talvez um dos maiores desafios para estes museus hoje, que tem cada vez mais clareza de seus objetivos e funcionam de forma profissional e comprometida com parâmetros museológicos cada vez melhor definidos. Determinar se o material oferecido tem representatividade para determinado grupo social ou cultural, avaliar a pertinência de um objeto como fonte e justificar o uso de recursos públicos para sua preservação não é uma decisão simples, nem deve ser tomada de forma leviana, como nos diz Kavanagh:

The role of the museum in this is to determine whether the material offered, and what it represents and relates, has significant

meaning in terms of the social and cultural past of the area. This is more complex than it seems. It is not difficult to make sets of arguments for the relevance for any object, by virtue of age and locality. But assessing the degree of relevance calls for considerable judgment. Thus, a high degree of discernment is called for; in theory the museum's resources should be accommodating only essentially primary material rather than hosting tons of 'maybes'.³⁰⁰

Felizmente, esta consciência parece estar presente em boa parte dos museus brasileiros hoje, porém ainda é preciso reforçar a importância das diretrizes institucionais, uma vez que a aquisição de coleções não deve estar ao sabor de decisões personalistas, mas sim, estar de acordo com os objetivos a longo prazo da instituição. Outro fator importante que deve constar na avaliação de novas aquisições é sua representatividade não apenas no seu contexto original, mas também sua relevância para o conjunto já existente na instituição.

Pensar o sistema que a peça irá integrar como parte de uma coleção museológica, pode garantir um incremento do potencial interpretativo da coleção como um todo, porém exige extenso conhecimento dos acervos existentes e de processos de documentação atualizados e preocupados com as diversas camadas de informação que as peças podem agrupar. Mais uma vez, a importância da definição de diretrizes institucionais, planejamentos estratégicos, procedimentos técnicos e avaliação das ações implementadas são essenciais para formar coleções socialmente responsáveis e culturalmente relevantes.

Outro método de aquisição de coleções parte da pesquisa e coleta ativas. Como vimos no caso da coleção de brinquedos Metalma do Museu Paulista, esta metodologia pode garantir coleções consistentes, formadas a partir de problemáticas de pesquisa e capazes de expandir os interesses da instituição de forma consciente e em sintonia com os debates mais contemporâneos da área de atuação do museu, sem deixar de lado a missão institucional. Mais uma vez, Kavanagh define este processo:

The second level of the process of gathering material operates through directed research and active fieldwork, where a museum targets specific areas of interest and uses a combination of methods to build an in-depth profile or study of a subject. In this, the

³⁰⁰ KAVANAGH, op. Cit. p. 74

gathering of material and non-material evidence will be interdependent. This process of careful study aims to create collections and data in the museum which are well rounded and thought out, and militate against random collecting through passive acquisition.³⁰¹

Assim, a pesquisa no museu, mesmo em um museu universitário como o Museu Paulista, se expande para além do academicismo e ganha um papel essencial da avaliação e formação de coleções. É importante pontuar que a pesquisa exerce papel essencial não somente na coleta ativa, como também na passiva, uma vez que um processo que usufrua das vantagens das coletas ativas e passiva, buscando um equilíbrio entre os dois métodos e garantindo o respeito aos parâmetros estabelecidos nos parece ser a melhor estratégia para o desenvolvimento de coleções.

Vemos que na trajetória do Museu da Casa Brasileira que a falta destes parâmetros, falta da própria definição de um perfil do museu, acarretou sérios problemas à sua coleção. Desde mudanças dos rumos institucionais que por vezes ignoraram o histórico da instituição e seu próprio acervo até a dispersão em massa dos objetos da coleção são sintomáticos do impacto que uma gestão inadequada da coleção pode trazer para uma instituição cujo maior compromisso é com o patrimônio e seu público.

No caso dos objetos industriais, existem ainda alguns fatores adicionais que podem ser considerados quando de sua aquisição – ativa ou passiva- a partir de reflexões que esta pesquisa levantou³⁰²:

1. Planejamento de pesquisa e eleição de fontes:

Por se tratarem de objetos produzidos em massa e pertencentes a uma lógica própria de produção, distribuição e consumo, os objetos industriais possuem representações em diferentes suportes que podem ser agregados como fontes de pesquisa de base para aquisição.

No caso deste trabalho, elegemos a publicidade como fonte a ser privilegiada, mas dependendo do foco a ser dado às coleções é possível se debruçar sobre outras fontes primárias como atos regulatórios para a atividade de indústria e/ou comércio, relatórios de atividades de fábricas, registros de sindicatos, testamentos, inventários,

³⁰¹ Idem ibidem

³⁰² Cf. THOMPSON, John M.A, 1992, p. 565-572

periódicos especializados, registros fotográficos, catálogos de museus e casas de leilões, etc.

Ao se pensar no ciclo de vida que tais objetos poderiam ter desde sua produção até seu consumo e circulação pode ajudar a estabelecer estratégias de pesquisa que garantam uma coleta informada e capaz de tomar decisões assertivas acerca da representatividade destes objetos em seu contexto original.

2. Compreensão das complexidades do patrimônio da industrialização

Não nos cabe aqui tecer conceituações a respeito do patrimônio da industrialização, porém o entendimento da complexidade do campo se faz mister para a aquisição de coleções desta tipologia. Um único utensílio doméstico de fabricação industrial faz parte de um sistema complexo que envolve não só a fábrica, os materiais e a tecnologia envolvida, mas envolve também as relações sociais que estes processos permeiam, as tensões trabalhistas, a rede de distribuição e comercialização dos produtos, a produção de imagens e idéias sobre os produtos, o impacto físico e social que os mesmos produtos causam no espaço doméstico.

Todos estes processos deixam vestígios, materiais ou imateriais, que devem ser considerados e encarados como potencialidades interpretativas para o acervo, ajudando assim a compor referências mais consistentes e ampliar a gama de problemáticas acerca do acervo que transbordem as questões de forma, antiguidade, etc.

3. A produção em massa, reprodutibilidade e os *step-ladders*

Nos anos de 1970, curadores suecos desenvolveram uma metodologia chamada SAMDOK,³⁰³ que buscava sistematizar o trabalho de aquisição de coleções, oferecendo seis critérios para uma coleta mais seletiva e consciente de acervo. O objetivo destes critérios era poder documentar as mudanças da vida cotidiana à medida que ela acontecia e por isso, um dos critérios elencados foi chamado de *step-ladder*, ou seja, objetos que incorporam alguma inovação cultural ou técnica que tiveram grande impacto tanto para os fabricantes como para seus usuários. São

³⁰³ Cf. ALEXSSON, Bodil. "SAMDOK – Collecting and networking the Nation as it evolves". Trabalho apresentado na conferência **Current Issues in European Cultural Studies**. Advanced Cultural Studies Institute of Sweden (ACSIS), Norrköping, 2011. Disponível em: <http://www.ep.liu.se/ecp/062/019/ecp11062019.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2014.

aqueles objetos que anteviram ou inauguraram uma grande mudança ou desenvolvimento tecnológico.³⁰⁴

Apesar de o SAMDOK ser voltado para a coleta de acervo ou referências contemporâneos, este critério parece muito relevante quando falamos na incorporação de acervos industriais de uma maneira geral, contemporâneos ou não. É fato que a Revolução Industrial e o advento da produção em massa traz grandes desafios para a aquisição de acervos a posteriori, uma vez que a rapidez com que tais tecnologias são reproduzidas e que patentes são compradas ou vendidas dificulta identificar quais objetos são de fato representativos para o processo.

Talvez, o critério do *step-ladder* seja aqui relevante, uma vez que prioriza objetos que representam uma real mudança na forma de produção ou de consumo de determinado produto, representando maior impacto na vida social. Mais uma vez, é preciso pontuar que determinar se tal objeto representa um *step-ladder* exige extensa pesquisa, consulta a especialistas, e rígidos procedimentos de avaliação.

4. A produção contemporânea e os recortes cronológicos

A questão da coleta de material contemporâneo é uma preocupação que cresce nos museus, como apontamos no caso do SAMDOK, principalmente naqueles que se dedicam a acervos industriais, ou mesmo do espaço doméstico em constante transformação. O caso do Museu da Casa Brasileira é, assim, emblemático: buscando se estabelecer como uma referência para as questões do design sob a perspectiva das questões da morada brasileira, esta é uma instituição que possivelmente ganharia com a coleta sistemática, realizada com critérios bem estabelecidos, de acervo contemporâneo de uso doméstico.

É de se argumentar que toda coleta feita em um museu é contemporânea, uma vez que:

To a degree, this concern about balance of activities is a red herring in that all recording and collecting in museums is 'contemporary'. Museums create their archives and their collection through the present day; there is no avoidance of this. Hence, decisions on grounds of relevance and quality of material are

³⁰⁴ KAVANAGH, op. Cit. p.97

decisions profoundly influenced by contemporary attitudes and values.³⁰⁵

De qualquer forma, a coleta de material contemporâneo impõe desafios não só aos recortes cronológicos de uma instituição, como também às limitações físicas de cada instituição. Por outro lado, registrar e documentar as transformações é essencial para instituições que lidam com aspectos da vida cotidiana, materializadas muitas vezes em objetos e utensílios de fabricação industrial.

Iniciativas como criar bancos de referências para a esta produção contemporânea, ou projetos para documentar as transformações contemporâneas, como o projeto Casas do Brasil do Museu da Casa Brasileira, ou a análise da produção apresentada anualmente no Prêmio Design Museu da Casa Brasileira, podem se configurar em soluções muito ricas que podem contribuir para ampliação do debate sobre a coleção e promover ainda uma maior participação do público na produção do conhecimento.

³⁰⁵ Idem p.75

Considerações finais

As transformações conceituais e metodológicas pelas quais passou a instituição museu nas últimas décadas descortinaram um novo universo de possibilidades no que diz respeito às abordagens junto aos acervos e a própria configuração dos mesmos. Neste contexto, o novo paradigma do museu, voltado para a mediação das relações entre público e o patrimônio musealizado, possibilitou a consolidação de um olhar mais problematizador sobre os objetos, considerando-os como vetores para a reflexão e construção de conhecimento.

Este olhar sobre os objetos de museu é o que possibilita o surgimento de trabalhos como o apresentado aqui. Talvez a maior contribuição deste estudo esteja na própria construção da tipologia aqui investigada. Os utensílios domésticos pré-elétricos não são uma categoria corrente e específica nos museus históricos, e nem deveriam constituir uma categoria no contexto dos planos de classificação de acervo de cada instituição, uma vez que não é um recorte que busca representar a funcionalidade dos objetos, critério este mais comum aos esquemas classificatórios nos museus históricos na contemporaneidade.

Mais do que uma categoria, este recorte propõe uma nova leitura sobre determinadas tipologias de objetos que se pauta na representatividade que os mesmos tiveram, a princípio, no processo de modernização e racionalização dos trabalhos e da vida doméstica e, em um segundo momento, sua representatividade para acervos de museus históricos. Desta forma, a leitura aqui proposta pretende articular diversos elementos dos ciclos de vida dos quais tais produtos participaram desde sua produção e consumo até sua incorporação às coleções museológicas.

Neste sentido, destacamos mais uma vez a importância que a abordagem pela cultura material tem para este estudo. Ao propormos uma investigação justamente sobre o deslocamento destes objetos através de seus diferentes contextos, nos deparamos com a possibilidade de problematizar os aspectos culturais e as dinâmicas da vida social materializados nestes objetos. Esta possibilidade de abordagem tem grande valor para museus históricos, principalmente aqueles que tem o espaço doméstico e o cotidiano como horizontes de reflexão, como é o caso do Museu Paulista e do Museu da Casa Brasileira.

Acreditamos que esforço investigativo aqui apresentado possa contribuir para o estabelecimento de metodologias para coleta qualificada e gerenciamento de coleções que se relacionem a este recorte, uma vez que a sistematização da pesquisa sobre os

acervos pode melhor informar os processos de curadoria. Assim, mesmo inserido na linha de pesquisa que se dedica à história dos processos museológicos, coleções e acervos, espera-se que este trabalho também consiga suscitar o interesse de pesquisas voltadas para as questões da teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos, segundo eixo de investigação deste programa de pós-graduação.

Referências bibliográficas

- ALEXSSON, Bodil. "SAMDOK – Collecting and networking the Nation as it evolves". Trabalho apresentado na conferência **Current Issues in European Cultural Studies**. Advanced Cultural Studies Institute of Sweden (ACSIS), Norrköping, 2011. Disponível em: <http://www.ep.liu.se/ecp/062/019/ecp11062019.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2014.
- ALMEIDA, A. J. ; BARBUY, H. ; ANDREATTA, M. D. ; RIBEIRO, A. M. G., "O Serviço de Objetos do Museu Paulista". **Anais do Museu Paulista**, v. 10/11, São Paulo, 2003.
- ALTHIN, Torsten; RIVIÈRE, Georges Henri. "Museums of Science and Technology". In. **Technology and Culture**, Vol. 4, No. 1. The Johns Hopkins University Press, 1963.
- ALVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange. **Mappin setenta anos**. São Paulo: Ex Libris, 1985.
- ANDREATTA, M. D. . "Engenho São Jorge dos Erasmos: Prospecção Arqueológica histórica industrial". In. **Revista USP**, n.41,p. 28-47. São Paulo: Edusp, 1999.
- ARAÚJO, Marcelo M; BRUNO, Maria Cristina O; COUTINHO, Maria I. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri - textos e contextos de uma trajetória profissional**. 1ª ed. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo/Governo do Estado de São Paulo, 2010.
- ARRUDA, Márcia Bonfim de. **Objetos turbulentos, territórios instáveis: uma história das representações dos aparelhos elétricos no espaço doméstico (1940-1960)**. [Tese de Doutorado] PUCSP-História, 2010.
- BARBUY, Heloisa Maria S. **Cidade-Exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo (1860-1914)**. São Paulo: EDUSP, 2006. (Originalmente Tese de Doutorado defendida pela FAU/USP, 2001).
- _____. "Cultura de Exposições em São Paulo no século XIX" In. LOPES, Maria Margaret; HEIZER, Alda(orgs.). **Colecionismos, práticas de campo e representações** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rk6rq>. Acesso em 20 de junho de 2014.
- _____. "Curadoria e curadores". In. I Semana dos Museus da Universidade de São Paulo, 1997, São Paulo. **Anais da I Semana dos Museus da Universidade de São Paulo**. São Paulo : Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 1997..

_____. “Dos gabinetes de curiosidades aos museus do século XIX. Contexto de florescimento dos museus modernos no Ocidente”. In. ALMEIDA, Marta de; VERGARA, Moema de Rezende (org.) **Ciência, história e historiografia**. São Paulo: Via Lettera, 2008. p.245-255

_____. **A Exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. “Documentação museológica e pesquisa em museus”. In. GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha; LOUREIRO, Maria Lucia N.M (Org.). **MAST Colloquia: Documentação em museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008, v. 10. pp. 33-44.

BARBUY, Heloisa; CARVALHO, Vânia C; LIMA, Solange F. “O Sistema documental do Museu Paulista a construção de um banco de dados e imagens num museu universitário em transformação”. In. OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles; BARBUY, Heloísa Maria Silveira (orgs.). **Imagem e produção de conhecimento**. São Paulo: MP/ USP, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema de Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (1ª ed. 1968)

BENSON, Susan P. **Counter Cultures: Saleswomen, Managers, and Customers in American Department Stores, 1890-1940**. 1ª ed. University of Illinois Press, 1987.

_____. “Palace of Consumption and Maching for Selling: The American Department Store, 1880–1940”. In. **Radical History Review** Fall, n . 21, 1979.

BLACK, Jonathan. **Making the American Body: The Remarkable Saga of the Men and Women Whose Feats, Feuds, and Passions Shaped Fitness History**. 1ª ed. University of Nebraska Press, 2013.

BREFE, Ana Claudia F. **O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP/ Museu Paulista, 2005 (Originalmente, tese de Doutorado defendida no IFCH/UNICAMP, 1999)

BRITTO, Marilza E. **A vida cotidiana no Brasil Moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.

BRUNO, Maria Cristina O. “Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocesso e desafios”. In: GRANATO, M; RANGEL, M. (Org.). **Cultura Material e patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências Afins-MAST, 2009.

_____. **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento - Propostas e Reflexões Museológicas**. 1ª ed. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

_____. “Definição de Cultura – os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial”. In: BITTENCOURT, José Neves (org.); JULIÃO, Letícia (coord.). **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

_____. “Definição de Curadoria – os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial”. In: BITTENCOURT, José Neves (org.); JULIÃO, Letícia (coord.). **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

CANDIDO, Manuelina Maria Duarte. “Teoria Museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais”. In: ARAÚJO, Marcelo M; BRUNO, Maria Cristina O; COUTINHO, Maria I. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri - textos e contextos de uma trajetória profissional**. 1ª ed. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo/Governo do Estado de São Paulo, 2010.

CARONE, Edgar. **O Pensamento industrial no Brasil (1880-1945)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material, São Paulo (1870-1920)**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008. (Originalmente, tese de Doutorado defendida pela FFLCH/USP em 2001)

CARVALHO, Vânia Carneiro; LIMA, Solange Ferraz de. Cultura Material e coleção em um museu de História: as formas espontâneas de transcendência do privado”. In. FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, 2010. **Museus: do Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. 1ªed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

CERAVOLO, Suely Moraes. “Delineamentos para uma teoria da Museologia”. **Anais do Museu Paulista**, , vol.12, n.1, São Paulo, 2004

CERÁVOLO, Suely; TÁLAMO, Maria de Fátima. “Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação”. In. **VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador, 2007.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. (1ªed. Paris: Le Seuil, 1992)

CLAUSEN, Meredith. “The Department Store: development of the type”. In. *Journal of Architectural Education*, vol. 39, n 01. **Association of Collegiate Schools of Architecture**, 1985.

COOPER, Grace R. **The invention of the sewing machine**. 1ª ed. Washington: Smithsonian Institution, 1968.

COWAN, Ruth S. **A social history of American technology**. 1ª ed. New York Oxford University Press, 1997.

_____. **More work for mother: the ironies of household technology from the open hearth to the microwave**. 1ª ed. New York: Basic. Books, 1983.

_____. “The ‘Industrial Revolution’ in the Home: Household Technology and Social Change in the 20th Century. In. **Technology and Culture**, Vol. 17, No. 1. The Johns Hopkins University Press, 1976.

CRARY, Jonathan. “A modernidade e o problema do observador”. Trad. Heloisa Barbuy [datiloscrito]

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915****São Paulo e papel e tinta**. São Paulo: Educ/FAPESP/ Imprensa Oficial Arquivo do Estado, 2000.

CUENCA, Catherine. “O patrimônio contemporâneo: programa nacional e projeto europeu”. In. BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovação, coleções, museus**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CURY, Marília Xavier. **Exposição concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006. (Originalmente, dissertação de Mestrado defendida pela ECA/USP, 1999).

DALLARI, Heloisa. **Design e Exposição: das vitrines para as novas telas**. [Tese de Doutorado]. FAU-USP, São Paulo, 2011.

DANNEHL, Karin. "Object biographies: from production to consumption". In. HARVEY, Karen. **History and Material Culture: A Student's Guide to Approaching Alternative Sources**. 1ª ed. Londres/Nova York: Routledge, 2009.

DAY, Tanis. "Capital-labor substitution in the home". In. **Technology and Culture**, Vol. 33, No. 2. The Johns Hopkins University Press, 1992.

DEAECTO, Marisa M. **Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo** (1889-1930). 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2002.

DEAN, Warren. **A Industrialização de São Paulo (1880-1945)**. 1ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro/ Editora da Universidade de S. Paulo, 1971.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM-Brasil/Secretaria de Estado da Cultura, 2013 (1ª ed. Paris: Armand Colin et ICOM, 2010)

DOWD, Timothy. "Culture and commodification: technology and structural power in the early US recording industry". In. **International Journal of Sociology and Social Policy**, Vol. 22, n 1-3. MCB UP Ltd, 2002.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA ONLINE. "Uncle Sam". Disponível em: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/614065/Uncle-Sam>. Acesso em 18/08/2013.

Entrevista com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. In. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, dez. 2011. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862011000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 19 ago. 2013.

FAHY, Anne (ed.). **Collections Management**. Leicester Readers in Museum Studies. Edição Kindle. 1ª ed. Londres: Routledge NY, 1995.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2006. p. 281-282. (1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974)

FIGUERÔA, Silvia; LOPES, Maria Margaret. "A criação do Museu Paulista na correspondência de Hermann von Ihering (1850- 1930)". In. **Anais do Museu Paulista**, v. 10, n. 1, p. 23-35, São Paulo, jan. 2003.

FOOT-HARDMAN, Francisco. **Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e modernidade na selva. São Paulo:** Companhia das Letras, 2005. (1ª ed. 1987)

FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA DE SÃO PAULO. **História, energia e cotidiano exposição inaugural do Museu da energia - Núcleo de Itu.** [Catálogo de exposição]. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2000. p. 26

FÜRST, Hans Jörg. "Material Culture Research and the Curation Process". In. PEARCE, Susan M (ed.). **Museum Studies in Material Culture.** 1ª ed. Leicester University Press, 1989.

GAMA, Ruy (org.). **História da técnica e da tecnologia: textos básicos.** São Paulo: EDUSP, 1985.

_____. **Engenho e Tecnologia.** São Paulo: Livraria Duas Cidades , 1983 (originalmente, tese de Doutorado defendida pela FAU/USP, 1978)

_____. **Tecnologia e o trabalho na história.** São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

GLIEDION, Siegfried. **La mecanización toma el mando.** Barcelona: G. Gili, 1978. p. 45 (1ª ed., Oxford University Press, 1948)

GLEZER, Raquel. "As Transformações da Cidade de São Paulo na Virada dos Séculos 19 e 20". In: **Cadernos de História de São Paulo**, Museu Paulista da USP, vol. 3, 1994-1995.

_____. **Chão de Terra e outros Ensaios sobre São Paulo.** 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos: coleções, museus, patrimônios.** 1ªed. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, 2007.

GRONOW, Pekka. "The record industry: the growth of a mass medium". In. **Popular Music**, v. 3, p. 53-75. Cambridge University Press, 1983.

GUARNIERI, Waldisa Rússio C. **Um Museu de Indústria em São Paulo.** [Tese de Doutorado]. Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1980.

GUERRA, J. Wilton. O Museu de Ernani Silva Bruno: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979).

[dissertação de mestrado em elaboração sob orientação da Profa. Dra. Heloisa Barbuy].

HOUSTON, Alan. Franklin: **The Autobiography and Other Writings on Politics, Economics, and Virtue**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ICOFOM, **Interdisciplinarity in Museology. Museological Working Papers** (MuWop). Estocolmo: Icofom/Statens Historiska Museum, n. 2, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Política Nacional de Museus: memória e cidadania**. MinC, 2003. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **Código de Ética para Museus - versão lusófona**. Versão digital, 2009. Disponível em : http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/Lusofono2009.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014. (1ªed., 1986)

JULIÃO, Letícia. “Pesquisa Histórica no Museu”. In. **Caderno de Diretrizes e Bases do Sistema Brasileiro de Museus**. IPHAN, s/d. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes_quintaparte.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014.

KAVANAGH, Gaynor. **History Curatorship**. 1ª ed. Leicester/New York: Leicester University Press, 1990.

KELLER, Alexandra. “Disseminação da Modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência”. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R (org). **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

KÜHL, Beatriz Mugayar . “Ética e responsabilidade social na preservação do patrimônio cultural” In. **Idéias em Destaque**, v. 36, 2011.

_____. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização : problemas teóricos do restauro**. 1ª ed. Cotia : Ateliê Editorial, 2009.

_____. “Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação”. In. Patrimônio: **Revista Eletrônica do IPHAN**, Brasília, v. 4. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br>.

LEACH, William R. "Transformations in a Culture of Consumption: Women and Department Stores, 1890–1925". In. **The Journal of American History**, vol. 71, n 02, 1984.

LEMOS, Carlos. "Ernani, o ledor voraz". In. **Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes**. Museu da Casa Brasileira, 2005. Disponível em http://www.mcb.sp.gov.br/docs/ernani/pdf/Ernani_o_Ledor_Voraz.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2014.

LEMOS, Fernando C. **O ferro de passar passado a limpo: Anotações em torno de uma coleção**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP/ Museu Paulista da USP/ Imprensa Oficial, 2003.

LEON, Ethel. **Design em exposição: O design no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1968–1978), na Federação das Indústrias de São Paulo (1978–1984) e no Museu da Casa Brasileira (1986–2002)**. Tese de Doutorado, FAU/USP, 2012.

LIFSHEY, Earl. **The housewares story: a history of the American housewares industry**. National Housewares Manufacturers Association, 1973.

LIMA, Paula C. M. "A Exposição de 1917 no Palácio das Indústrias em São Paulo: representações do industrialismo na metrópole nascente". In: **Anais do VI Colóquio Latino-Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial**. São Paulo, 2012.

LOTITO, Márcia Padilha. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20**. (Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1997)

MACHADO, Cacá; MORAES, José Geraldo Vinci de. "Música em conserva". In. **Revista Auditório**. São Paulo: Instituto Auditório Ibirapuera, 2011.p. 17

MAGALHÃES, Gildo. **História e energia: memória, informação e sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. 1ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2001.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público". In. **Estudos Históricos**, v. 11, Rio de Janeiro, 1998.

_____. “O fogão da 'Société Anonyme du Gaz”. Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária”. **Projeto História** (PUCSP), n. 21, p. 105-119, São Paulo 2000.

_____. “Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico”. In. **Anais do Museu Paulista**, vol.2, no.1, São Paulo, 1994

MISAN, Simona. “Os museus históricos e pedagógicos do Estado de São Paulo” . **Anais do Museu Paulista**, v. 16, n. 2, p. 175-204 , São Paulo, dez. 2008.

MORAES, Fábio Rodrigo de. “Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering”. **Anais do Museu Paulista** , v. 16, n. 1, São Paulo Junho 2008 .

MOTOYAMA, Shozo. **Tecnologia e industrialização no Brasil uma perspectiva histórica**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP/Fundação para o Desenvolvimento da UNESP/ Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

MROZEK, Donald J., **Sport and American Mentality 1880-1910**. 1ª ed. University of Tennessee Press, 1983.

MUMFORD, Lewis. **The myth of the machine: technics and human development**. 1ª ed. New York: Harcourt, Brace & World, 1967.

MUSÉE DES ARTS ET MÉTIERS. **Sur les traces des inventeurs et des aventuriers de l'histoire des techniques**. Disponível em: http://arts-et-metiers.net/pdf/PresMAM_Presse.pdf. Acesso em 18 de agosto de 2013.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Museu da Casa Brasileira – Solar Fábio Prado**. [Catálogo de Exposição]. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1978.

_____. **Prêmio Design: 1986-1996**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1996.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. **Odisséia do Som** [catálogo de exposição]. São Paulo: MIS, 1987.

NORA, Pierre (coord.). **Lieux de mémoire**, I-II-III. Paris: Gallimard, “Quarto”, 1997. (1ª ed. 1984)

NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da. **Nova História em Perspectiva**. 1ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. "Em casas térreas com alcovas: formas demorar entre os setores médios em São Paulo, 1875 e 1900". In. **Anais do Museu Paulista**, v. 8, n. 1, p. 55-76, São Paulo, jan. 2001.

PALMA, Daniela. "Gramofones e gadgets para os lares do Brasil: consumo, cultura e tecnicismo na revista O Echo (1902-1918)". In. **Projeto História** nº 43, Dez. 2011.

PEARCE, Susan M (ed.). **Museum Studies in Material Culture**. 1ª ed. Leicester University Press, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: espetáculos da Modernidade do século XIX**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

POSSAS, Helga Cristina G. "Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural". In. FIGUEIREDO, Betânia G; VIDAL, Diana G. **Museus: do Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. 1ªed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

POULOT, Dominique. "O modelo republicano de museu e sua tradição". In. BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovação, coleções, museus**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PURSELL, Carroll. "The History of Technology and the Study of Material Culture". In. SCHLERETH, Thomas (ed.). **Material culture : a research guide**. 1ed. Lawrence, Kansas : University Press of Kansas, 1985.

_____. **The Machine in America: A Social History of Technology**. Edição Kindle. (1ª ed. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1995)

RAIZMAN, David. **History of Modern Design: Graphics and Products Since the Industrial Revolution**. 1ª ed. Londres: Laurence King Publishing, 2003.

RIELLO, Giorgio. "Things that shape history: material culture and historical narratives". In. HARVEY, Karen. **History and Material Culture: A Student's Guide to Approaching Alternative Sources**. 1ªed. Londres/Nova York: Routledge, 2009.

RIVIÈRE, Georges Henri. **La Muséologie selon Georges Henri Rivière : cours de muséologie : textes et témoignages**. 1ª ed. Paris: Dunod, 1989.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais : nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (1ª ed. Paris: A. Fayard, 1997)

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução por Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 11-18. (1ªed. Siglo XXI de España Editores, 2005)

SCHLERETH, Thomas (ed.). **Material culture : a research guide**. 1ed. Lawrence, Kansas : University Press of Kansas, 1985.

_____. **Cultural History and Material Culture: Everyday Life, Landscapes, Museums**. 1ª ed. Ann Arbor, Michigan: UMI Research Press, 1990.

_____. **Victorian America: transformations in everyday life, 1876-1915**. 1ª ed. New York: Harper Collins Publishers, 1991.

SEVCENKO, Nicolau .“A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio.” In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil** (vol. 3). 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, João Luiz Máximo da. **Cozinha-modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 47. (Originalmente, dissertação de Mestrado defendida pela FFLCH/USP, 2002)

SINGER, Charles J; WILLIAMS, Trevor I. **A History of Technology**. Oxford: Clarendon Press, 1954-58.

SLATER, Don. **Consumer Culture and Modernity**. 1ª ed. Polity, 1999.

SOUZA, Ludmila Érica Cambusano de. **A seção de brinquedos da metalúrgica Matarazzo S.A. - Metalma -, anos de 1930-1950 em São Paulo** (estudo sobre industrialização e cultura material). 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29082012-095823/>>. Acesso em: 2013-08-19.

STEELE, Thomas. “The Figure of Columbia: Phillis Wheatley plus George Washington”. In. **The New England Quarterly** Vol. 54, No. 2 pp 264-266 , Jun., 1981

TEMIN, Wilma Ruth. "Mappin tells the history of graphic design in São Paulo from 1913 to 1939", p.480-485. In FARIAS, Priscila Lena; CALVERA, Anna; BRAGA, Marcos da Costa; SCHINCARIOL, Zuleica (Eds.). **Design frontiers: territories, concepts**,

technology- 8th Conference of the International Committee for Design History & Design Studies. São Paulo:. Blucher, 2012Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/design-icdhs-092>. Acesso em 21 de junho de 2014.

THOMPSON, John M.A. **Manual of Curatorship: a guide to museum practice.** Oxford Boston Butterworth-Heinemann, 1992. (1ª ed. Butterworths, 1984)

THOMSON, Ellen M. **The Origins of Graphic Design in America, 1870-1920.** Yale University Press, 1997.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira.** São Paulo : Editora 34, 1998. (1ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1990)

TURAZZI, Maria Inez. O 'homem de invenções' e as 'recompensas nacionais': notas sobre H. Florence e L. J. M. Daguerre. **Anais do Museu Paulista**, v. 16, n. 2, São Paulo ,Dec. 2008 .

_____. **Poses e trejeitos a fotografia e as exposições na era do espetáculo : 1839/1889.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

UNESCO. **Regional Seminar on the Educational Role of Museums.** Rio de Janeiro, Brasil, Setembro de 1958.

VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP/Fundação para o Desenvolvimento da UNESP/ Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1995.

Anexos

ANEXO A – Fontes tridimensionais consultadas

Museu Paulista:

RG	DENOMINAÇÃO
1-07-01-000-06434-00-00	batedor de ovos
1-06-04-000-06235-00-00	máquina acionadora de tear
1-06-04-000-03039-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-03040-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-05593-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-06154-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-06298-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-07055-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-07677-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-08008-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-08686-00-00	máquina de costura
1-06-04-000-11098-00-00	máquina de costura
1-16-03-000-10439-00-00	máquina de costura
1-16-03-000-0969-00-00	máquina de costura de sapateiro
1-06-04-000-03041-00-00	máquina de costura manual
1-06-04-000-03489-00-00	máquina de costura manual
1-12-00-000-03042-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-03043-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-06226-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-06581-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-06583-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-08574-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-09632-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-09748-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-09810-00-00	máquina de escrever
1-12-00-000-10497-00-02	máquina de escrever
1-10-03-000-09012-00-00	máquina para corte de cabelo
1-14-03-000-09456-09-09	brinquedo: conjunto de utensílios de cozinha (9)

1-14-02-000-07594-02-02	brinquedo: disco
1-14-02-000-03531-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-08037-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-08058-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-08059-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-08065-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-08066-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-10-02-000-01233-00-00	aparelho de barbear
1-10-02-000-06171-00-00	aparelho de barbear
1-10-02-000-08737-00-00	aparelho de barbear
1-10-02-000-10076-00-00	aparelho de barbear
1-10-02-000-08869-00-00	estojo de barba
1-10-02-000-10809-00-00	Barbeador
1-10-02-000-10972-00-00	Barbeador
1-10-02-000-10815-01-03	aparelho de barbear
1-20-00-000-01485-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01486-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-014870-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01488-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01489-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01490-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01491-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01492-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01493-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01494-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01495-00-00	extensor [para ginástica]
1-20-00-000-01496-00-00	extensor [para ginástica]
1-07-02-000-08003-00-00	fogão
1-07-01-000-09356-00-00	moedor de café
1-07-01-000-08190-00-00	moedor de carne
1-07-01-000-08555-00-00	moedor de carne
1-07-01-000-11097-00-00	moedor de carne
1-07-01-000-06628-00-00	sorveteira

1-07-05-000-08001-00-00	abridor
1-07-05-000-07586-00-00	abridor [de garrafas]
1-07-01-000-07674-00-00	torrador de café
1-07-01-000-08553-00-00	torrador de café
1-17-02-000-00125-00-00	relógio
1-17-02-000-00126-00-00	relógio
1-17-02-000-00237-00-00	relógio
1-17-02-000-01175-00-00	relógio
1-17-02-000-03466-00-00	relógio
1-17-02-000-06824-00-00	relógio
1-17-02-000-06825-00-00	relógio
1-17-02-000-08775-00-00	relógio
1-17-02-000-11093-00-00	relógio de parede
1-17-02-000-03534-00-00	Relógio (berloque de chatelaine)
1-17-02-000-07230-00-00	relógio
1-17-02-000-01892-00-00	Relógio (maquinismo de)
1-17-02-000-01893-00-00	Relógio (maquinismo de)
1-17-02-000-01894-00-00	Relógio (maquinismo de)
1-17-02-000-04389-00-00	relógio de algibeira
1-17-02-000-06049-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-06050-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-06586-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-06587-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-06588-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-07226-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-07243-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-08016-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-08017-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-08914-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-09817-00-00	relógio de bolso
1-17-02-000-10992-00-00	relógio de bolso
1-13-01-000-08861-00-00	câmera fotográfica
1-13-01-000-09626-00-00	câmera fotográfica

1-06-02-000-03030-01-04	ferro de passar
1-06-02-000-03030-02-04	ferro de passar
1-06-02-000-03030-03-04	ferro de passar
1-06-02-000-03030-04-04	ferro de passar
1-06-02-000-03031-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-03032-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-03033-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-03034-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-03035-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-03036-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-03037-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-03038-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08034-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08035-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08036-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08038-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08040-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08041-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08042-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08043-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08044-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08045-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08046-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08047-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08048-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08049-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08050-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08051-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08052-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08053-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08054-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08055-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08056-00-00	ferro de passar

1-06-02-000-08057-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08060-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08061-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08062-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08063-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08064-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08067-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08068-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08069-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08070-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08071-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08072-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08073-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08074-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08075-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08076-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08077-00-00	ferro de passar
1-06-02-000-08080-00-00	ferro de tiotar
1-06-04-000-08078-00-00	ferro de passar
1-14-02-000-08120-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-08121-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-09659-00-00	ferro de passar
1-14-02-000-08152-00-00	ferro de passar
1-14-02-000-08958-00-00	ferro de passar
1-14-02-000-09061-00-00	ferro de passar
1-14-02-000-09852-00-00	brinquedo: ferro de passar
1-14-02-000-09423-00-00	brinquedo: fogãozinho
1-14-02-000-09872-00-00	brinquedo: máquina de costura
1-14-02-000-11116-00-00	brinquedo: máquina de costura
1-14-02-000-09373-00-00	brinquedo: máquina de moer carne
1-14-02-000-09442-00-00	brinquedo: panelinha
1-14-02-000-09445-00-00	brinquedo: panelinha de escorrer
1-14-02-000-09449-00-00	brinquedo: ralador de queijo

1-14-03-000-09516-00-00	brinquedo: trem
1-07-01-000-07580-00-00	aparelho para cortar pastel
1-14-02-000-07590-00-00	brinquedo: apito
1-14-02-000-07593-00-00	brinquedo: apito
1-14-02-000-07595-02-02	brinquedo: catavento
1-14-02-000-08390-02-02	brinquedo: pião
1-14-02-000-09849-00-00	brinquedo: caldeira de produção de vapor
1-13-02-000-07676-00-00	vitrola portátil
1-13-02-000-09631-00-00	vitrola
1-13-02-000-05393-00-00	gramofone
1-13-02-000-06059-00-00	fonógrafo
1-13-02-000-10813-00-00	fonógrafo
1-13-01-000-08014-00-00	lanterna mágica

Museu da Casa Brasileira

TOMBO	DISCRIMINAÇÃO	SITUAÇÃO ATUAL
59	Caixa de música com manivela	Transferido em 1997 para o Museu Histórico e Pedagógico João Teodoro Xavier em Mogi-Mirim/SP
75	Relógio de mesa Império	Transferido em 1997 para o Museu Histórico e Pedagógico João Teodoro Xavier em Mogi-Mirim/SP
0099A	máquina de costura manual	Transferido em 1995 para o Museu Histórico e Pedagógico Monteiro Lobato em Taubaté/SP
0099B	máquina de costura manual	Destombado em 1995. Desaparecido.
105	moinho de café	No MCB.
0105A	moinho de café	Transferido em 1996 para o Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim em Campinas/SP
0105B	moinho de pimenta	Destombado em 1996. Desaparecido.

0118A	torrador cilíndrico de café	Destombado em 1995. Desaparecido.
0118B	torrador cilíndrico de café	Destombado em 1995. Desaparecido.
119	torrador de café de bola	Transferido em 1995 para o Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim em Campinas/SP
131	máquina de costura	Transferido em 1997 para o Museu Histórico e Pedagógico João Teodoro Xavier em Mogi-Mirim/SP
132	rádio-vitrola	No MCB
165	torrador de café	Desaparecido
166	moinho de café	Transferido em 1995 para o Museu Histórico e Pedagógico Monteiro Lobato em Taubaté/SP
190	ferro de passar roupas	Destombado em 1995. Desaparecido.
0230A	máquina de costura	Transferido em 1995 para o Museu Histórico e Pedagógico Oswaldo Cruz em São Luís do Paraitinga/SP
0230B	máquina de costura	Transferido em 1995 para o Museu Histórico e Pedagógico Oswaldo Cruz em São Luís do Paraitinga/SP
0230C	máquina de costura	Transferido em 1995 para o Museu Histórico e Pedagógico Oswaldo Cruz em São Luís do Paraitinga/SP
237	geladeira G.E.	Desaparecido. Provavelmente foi para o DEMEX (Divisão de Material Excedente)
295	geladeira ou porta-gelo	Transferido em 1996 para o Museu Histórico Pedagógico Amador Bueno da Veiga em Rio Claro/SP

308	rádio Art-Déco	No MCB
313	ferro de passar roupas	Transferido em 1995 para o Museu Histórico e Pedagógico Monteiro Lobato em Taubaté/SP
349	rádio	Destombado em 1995. Desaparecido.
350	moinho de café	Transferido em 1995 para o Museu Histórico Pedagógico Dr. Costa Jr. Em Cachoeira Paulista/SP
355	telefone de parede	Desaparecido
378	Relógio de mesa Império	Transferido em 1996 para o Museu Histórico e Pedagógico D. Pedro I e Dona Leopoldina em Pindamonhangaba/SP
403	moinho de café	no MCB
500	Relógio	Transferido em 1995 para o Museu Histórico Pedagógico Dr. Costa Jr. Em Cachoeira Paulista/SP
197	daguerreótipo	Desaparecido
222	rádio	Transferido em 1996 para o Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim em Campinas/SP

ANEXO B – Fontes documentais consultadas

Museu Paulista (1893-1963) - SVDHICO

Fundo	Grupo	Subgrupo	Série	Data limite (pasta)	nº de documentos
MP	História Nacional		Relatórios de atividades	1946-1963	2 pastas e 13 livros
MP	História Nacional	Comunicação e Intercâmbio	Correspondência enviada e recebida	1952-1963	44 documentos
MP	História Nacional	Comunicação e Intercâmbio	Processos de doação de acervo do Museu Paulista	1960	1 documento
MP	História Nacional	Montagem de exposição	Relações de acervo exposto	s/d	1 documento
MP	História Nacional	Montagem de exposição	Legendas de exposições	s/d	37 documentos
MP		Seleção e aquisição de acervo	Histórico de peças do acervo museológico	1962	3 documentos
MP	História Nacional e Numismática		Relatórios de atividades	1893-1922	1 pasta, 8 documentos e 1 livro
MP	História Nacional e Numismática	Organização e descrição do acervo	Inventários do acervo	s/d	1 documento
MP		Seleção e aquisição de acervo	Histórico de peças do acervo museológico	1905-1923	5 documentos
MP	História Nacional	Seleção e aquisição de acervo	Relação de documentos adquiridos para o acervo	1950-1963	19 documentos

MP	História Nacional e Numismática	Seleção e aquisição de acervo	Relações de documentos adquiridos para o acervo	1902-1918	4 documentos
MP	História Nacional e Numismática	Seleção e aquisição de acervo	Relações de documentos para aquisição	1896	1 documento
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática		Relatórios de atividades	1922-1946	1 pasta, 11 documentos e 25 livros
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Montagem de exposições	Dossiês de exposições temporárias	1940-1941	67 documentos
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Montagem de exposições	Fotografias de exposições temporárias	s/d	30 documentos
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Montagem de exposições	Legendas de exposições	s/d	2 pastas
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Organização e descrição do acervo	Fotografias de registro e controle de objetos	s/d	139 documentos
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Organização e descrição do acervo	Inventários do acervo	1922-1944	5 pastas e 1 livro
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Seleção e aquisição de acervo	Relações de documentos adquiridos para o acervo	1922-1944	4 documentos e 1 livro

MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Seleção e aquisição de acervo	História de peças do acervo museológico	1939-1943	5 documentos
MP	História Nacional, Etnografia e Numismática	Seleção e aquisição de acervo	Recibos de doações de documentos para o acervo	1922	3 documentos

Museu Paulista (1963-2010) –SVDHICO e SVOBJ

NÚMERO	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	PASTA
19	Autorização de empréstimo e retirada de equipamento do MP - 1986	p.84
102	Diagnóstico do acervo museológico do MP - 1991	p. 68
113	Evolução institucional do MP - 1992	p. 81
157	Ofício: encaminhamento para Comissão central de Informática da USP - "Bases para formulação de um projeto de informatização do MP"- 1990	p.81
176	Ofícios: trâmites internos do setor de História - 1987-1990	p.91
180	Ofícios: Convênio de Cooperação Fundação Pró-memória/MP	p.68
201	Plano de montagem da exposição "Às Margens do Ipiranga"	p.80
202	Plano de montagem da exposição "São Paulo: dados comparativos 1890-1990"	p.78
216	Processo de doação clausulada de objetos do Pres. Washington Luís	p.71
244	Projeto de exposição no MP "A Guerra dos Sexos: masculino e feminino na simbologia da República"	p.88
250	Projeto de reformulação da Exposição de História do MP	p.90
282	Recibos de doação de objetos do MP 1982-1994	p.84
285	Recibos de empréstimo e devolução de acervo de outras instituições pelo MP	p.84
286	Recibos de empréstimos e devoluções de acervos do MP	p.84
300	Relação de bens móveis oriundos de heranças vacantes	p.84
322	Relatório da equipe técnico-científica de História	p.91
326	Relatório das atividades desenvolvidas no MP - equipe técnico-científica de História	p.91
396	Texto "Diretrizes para implantação imediata de um museu histórico"	p.81
427	Relatório de atividades	p.99
	Dossiê sobre convênio com o Museu militar	p.67
	Fotografias de exposições realizadas no MP	p.97
	Notas de aquisição de Bens Patrimoniais	p.100
	Notas de transferência de bens patrimoniais	p. 100
	Guia de exposições	p.23
	Legendas de exposições	p.20
	Ofícios: publicações e doações	p.8

	Relatórios de atividades do MP	p.15
	Aquisição de acervo museológico	p.27
	Inventários do MP e MRCI	p.29
	Lista de classificação de peças do acervo	p.29
	Registro de doações	p.30
	Termos de doação	p.29
	Inventário do acervo	p.29
	Relatórios da Seção de História	p.17

MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Plano diretor (1990-1995). São Paulo, 1990.

BARBUY, Heloisa. Justificativa para aquisição de brinquedos para o acervo do Museu Paulista, Processo n. 2009.1.355.33.0. 2009

Museu da Casa Brasileira (1970-2011) – CEDOC

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata da reunião do Conselho Diretor realizada em 21 de janeiro de 1971.

JULIÃO, M. de Lourdes. Relatório de diagnóstico do Fichário dos Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira, a pedido da direção do Museu da Casa Brasileira. 1995.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Informação sobre interiores de casas brasileiras [manuscrito]. 1975

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Proposta de Política de Acervo apresentada ao Conselho de Orientação Cultural. 2011.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata de reunião do Conselho Diretor, realizada em 12 de abril de 1988.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata de reunião do Conselho Diretor, realizada em 27 de fevereiro de 1989.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata de reunião do Conselho Diretor, realizada em 14 de dezembro de 1989

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata de reunião do Conselho Diretor, realizada em 25 de setembro de 1995

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Ata de reunião do Conselho Diretor, realizada em Ata de 17 de setembro de 1998.

nº de controle	Espécie	Data	nº de páginas	Descrição	Localização
1	Inventário	1987	54	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
2	inventário	1978	10	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
3	inventário	1977	10	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
4	inventário	1975-1976	8	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
5	inventário	1974	7	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
6	inventário	1981	5	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
7	inventário	1982	28	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
8	Inventário	1983	30	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
9	inventário	1978	11	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
9	inventário	1978	11	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
10	lista	s/d	14	ficha para levantamento de bens móveis II	pasta 01
12	inventário	1985	51	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
13	inventário	1986	53	inventário Geral de Bens Móveis	pasta 01
14	boletim	11/04/1996	5	boletim de ocorrência - cópia	pasta 02
14	autorização	11/04/1996	25	autorização para destombamento	pasta 02
15	autorização	07/03/1996	8	autorização para destombamento	pasta 02
15	autorização	07/03/1996	3	autorização para destombamento	pasta 02
15	ata	07/03/1996	5	retificação da ata	pasta 02
16	autorização	04/12/1997	5	autorização para destombamento	pasta 02

17	autorização	10/12/1996	4	autorização para destombamento	pasta 02
18	autorização	01/02/1996	10	autorização para destombamento	pasta 02
19	autorização	01/02/1996	5	autorização para destombamento - cópia	pasta 02
20	autorização	25/09/1995	6	autorização para destombamento - acervo museológico	pasta 02
20	autorização	25/09/1995	40	autorização para destombamento - acervo bibliográfico	pasta 02
20	autorização	25/09/1995	2	autorização transferência de acervo não-tombado (partituras)	pasta 02
20	autorização	25/09/1995	8	autorização para destombamento - acervo bibliográfico (periódicos)	pasta 02
20	autorização	25/09/1995	2	autorização transferência de acervo (partituras)	pasta 02
21	autorização	03/08/1995	7	autorização de transferência - documentos fazenda Santa Cruz	pasta 02
21	autorização	03/08/1995	7	autorização de transferência - documentos fazenda Santa Cruz (cópia)	pasta 02
22	autorização	03/08/1995	10	autorização para destombamento - acervo museológico	pasta 02
23	autorização	01/06/1995	20	autorização para destombamento - acervo bibliográfico	pasta 02
23	autorização	01/06/1995	13	autorização para destombamento - acervo museológico	pasta 02
23	autorização	01/06/1995	17	autorização para destombamento - acervo Rev. 32	pasta 02
23	autorização	01/06/1995	12	autorização para destombamento - Coleção Drecoll	pasta 02
24	contrato (parte de)	s/d	2	cláusulas de contrato de empréstimo (cópia)	pasta 03
24	contrato	s/d	3	convênio de empréstimo	pasta 03
24	declaração	19/02/1985	2	declaração de entrega de peças	pasta 03

24	carta	09/10/1984	2	carta requisitando devolução das peças	pasta 03
24	relatório	19/03/1984	10	relatório de auditoria	pasta 03
24	processo	23/08/1984	12	processo SC 03272/82 de devolução de peças (cópia)	pasta 03
24	processo	03/09/1984	20	processo SC 03272/82 de devolução de peças (cópia)	pasta 03
24	lista	s/d	1	relação de peças da Cúria	pasta 03
24	termo	s/d	1	termo de empréstimo (sem assinatura)	pasta 03
24	lista	s/d	4	relação de peças manuscrita	pasta 03
24	lista	26/01/1984	1	relação de peças da Cúria (cópia)	pasta 03
24	manuscrito	mar/81	4	levantamento das peças da Cúria	pasta 03
24	carta	28/03/1973	2	oferta de peças em empréstimo	pasta 03
25	termo	1976	1	termo de empréstimo	pasta 03
25	manuscrito	s/d	1	relação de peças ofertadas manuscrito	pasta 03
26	ofício	10/05/1983	1	levantamento patrimonial dos bens móveis do Museu "Santos Dumont"	pasta 03
31	termo	25/02/1991	1	termo de responsabilidade de transferência de valores patrimoniais	pasta 03
33	guia	19/02/1976	1	guia de passagem de bens da Casa Civil	pasta 03
34	guia	09/04/1976	14	guias de passagem de bens	pasta 03
35	guia	1976	9	guia de passagem de bens da Casa Civil	pasta 03
36	ofício	28/07/1987	4	ofício e lista com relação de peças transferidas	pasta 03
37	processo	1986	3	processo de solicitação de descarte de peça	pasta 03
41	processo	1973	8	processo de contratação de serviço	pasta 03

44	processo	1974	3	processo de transferência de acervo da Casa Civil	pasta 03
45	dossiê	1982-1985	47	levantamento patrimonial dos bens móveis	pasta 03
48	processo	1971	6	transferência de acervo	pasta 03
49	processo	1974	13	processo de empréstimo de peças ao MCB	pasta 03
50	processo	1973	8	processo de empréstimo de peças para estudo ao MCB	pasta 03
51	processo	1973	10	processo de empréstimo de peças ao MCB	pasta 03
52	processo	1975	3	processo de doação	pasta 03
53	guia	1975	2	guias de passagem de bens da Casa Civil	pasta 03
53	guia	20/01/1975	1	guia de passagem de bens da Casa Civil	pasta 03
54	processo	1976	3	processo de passagem de bens	pasta 03
55	processo	11/08/1971	4	passagem de bens móveis	pasta 03
56	carta	12/05/1988	1	oferta de doação	pasta 03
58	processo	02/03/1988	62	transferência de peças da Pinacoteca	pasta 03
59	processo	1980	118	transferência de peças da Pinacoteca	pasta 03
60	processo	1976	22	doação de peça	pasta 03
61	processo	1988	26	doação de peça	pasta 04
62	processo	1992	24	doação de peça	pasta 04
63	processo	1973	78	Nomeação do Conselho Diretor	pasta 04
64	processo	1979	148	transferência de peças da revolução de 32	pasta 04
65	processo	1973	5	processo de doação	pasta 04
66	processo	1971	16	processo de doação e devolução	pasta 04

67	processo	1974	6	processo de doação	pasta 04
68	processo	1976	7	processo de doação	pasta 04
69	processo	1974	6	processo de doação	pasta 04
70	processo	1974	9	processo de doação	pasta 04
71	processo	1971	7	processo de doação	pasta 04
72	processo	1971	4	processo de doação	pasta 04
73	processo	1974	5	processo de doação	pasta 04
74	processo	1973	14	processo de compra de acervo	pasta 04
75	processo	1972	20	processo de compra de acervo	pasta 04
76	processo	1970	61	processo de compra de acervo	pasta 04
77	processo	1973	17	processo de doação	pasta 04
78	boletim	1983-1985	8	boletins de doação de bens (cópias)	pasta 04
79	ficha	s/d	17	fichas catalográficas (cópias)	pasta 04
82	processo	1971	6	processo de doação	pasta 04
83	processo	1984-1985	171	processo de regularização de tombamento	pasta 04
84	processo	1970	41	processo de doação	pasta 04
85	processo	1977	44	processo de aquisição de peça	pasta 04
87	processo	1984	8	regularização de processos de tombamento	pasta 04
88	dossiê	1995	34	processo de transferência de bens móveis para Palácio do Governo	pasta 05
89	dossiê	1990	5	processo de transferência de bens móveis para Casa Guilherme de Almeida	pasta 05

90	dossiê	1995	58	processo de transferência de bens móveis para o MHP de São Luis de Paraitinga	pasta 05
91	dossiê	1996	19	processo de transferência de bens móveis - diversos destinos	pasta 05
92	dossiê	1995	18	processo de transferência de bens móveis para o Núcleo SEMA	pasta 05
93	dossiê	diversas datas	33	processos diversos de transferência e regularização	pasta 05
94	dossiê	diversas datas	4	boletins de ocorrência	pasta 05
96	livro de registro	s/d		registro de patrimônio	pasta 05
97	dossiê	s/d		fichas de registro e placas patrimoniais	pasta 05
98	dossiê	1979/1980		processos de transferência de bens móveis	pasta 05
99	dossiê	várias	171	processos de transferência de bens móveis	pasta 05

Outros:

SÃO PAULO (estado). Decreto nº 246 de 29 de Maio de 1970. Dispõe sobre a criação do Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1970/decreto.lei-246-29.05.1970.html>. Acesso em: 24 de março de 2014.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ELETROPAULO. Boletim Histórico, nº 1, 1985. p. 1

DUPRAT, Raymundo. Relatório de 1911 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo Prefeito Raymundo Duprat. São Paulo: Vanorden, 1912. p. 8

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO - ALMANAK LAEMMERT. VOL 02. Rio de Janeiro, 1925.- Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

ANEXO C - Listagem de periódicos pesquisados

A CIGARRA. São Paulo, ano 10, n. 199, jan. 1923.

A CIGARRA. São Paulo, ano 1, n. 2, mar. 1914.

A CIGARRA. São Paulo, ano 1, n. 12, out. 1914.

A CIGARRA. São Paulo, ano 1, n. 13, nov. 1914.

A CIGARRA. São Paulo, ano 1, n. 14, dez. 1914.

A CIGARRA. São Paulo, ano 1, n. 15, dez. 1914.

A CIGARRA. São Paulo, ano 1, n. 16, jan. 1915.

A CIGARRA. São Paulo, ano 2, n. 20, abr. 1915.

A CIGARRA. São Paulo, ano 2, n. 23, jul. 1915.

A CIGARRA. São Paulo, ano 2, n. 28, out. 1915.

A CIGARRA. São Paulo, ano 7, n. 149, dez. 1920.

A CIGARRA. São Paulo, ano 11, n. 222, dez. 1923.

A CIGARRA. São Paulo, ano 11, n. 208, mai. 1923.

O ECHO. São Paulo, ano 4, n. 47, jan. 1906.

O ECHO. São Paulo, ano 8, n. 75, mai. 1908.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 1, jul. 1916.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n.2, ago. 1916.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 3, set. 1916.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 4, out. 1916.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 5, nov. 1916.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 6, dez. 1916.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 7, jan. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 8, fev. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 9, mar. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 10, abr. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 11, mai. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 15, n. 12, jun. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 1, jul. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 2, ago. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 3, set. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 5, nov. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 6, dez. 1917.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 7, jan. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 8, fev. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 9, mar. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 10, abr. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 11, mai. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 16, n. 12, jun. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 17, n. 1, jul. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 17, n. 2, ago. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 17, n. 3, set. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 17, n. 4, out. 1918.

O ECHO. São Paulo, ano 17, n. 5/6, nov/dez. 1918.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 1, n. 2, set. 1902.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 1, n. 12, out. 1902.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 2, n. 15, jun. 1903.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 3, n. 22, jan. 1904.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 3, n. 35, jan. 1905.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 3, n. 36, fev. 1905.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 4, n. 43, set. 1905.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 4, n. 44, out. 1905.

O ECHO PHONOGRAPHICO. São Paulo, ano 5, n. 46, dez. 1905.

A FAMILIA. São Paulo, ano 1, n. especial, 1989.

O GAROTO. São Paulo, ano 1, n. 2, mar. 1901.

O MENSAGEIRO DO LAR. São Paulo, ano 17, n. 71, jan. 1927.

O CAIXEIRO. Santos, ano 1, n.1, set. 1879.

A LUTA MODERNA. São Paulo, ano 1, n. 7, dez. 1914.

O TELESCOPIO. São Paulo, ano 1, n.1, s.d.

A VIDA MODERNA. São Paulo, ano 9, n. 221, mai. 1914.

A VIDA MODERNA. São Paulo, ano 9, n. 234, ago. 1914.

A VIDA MODERNA. São Paulo, ano 11, n. 299, nov. 1916.

A VIDA MODERNA. São Paulo, ano 20, n. 483, out. 1924.

ANEXO D - Anúncios levantados na Coleção Mappin - SVDHICO, Museu Paulista

RG	Data	Descrição/Produto anunciado	Imagem
1-170-1-1-00034	19/12/1914	Brinquedos mecânicos para crianças
1-170-1-1-00122	12/12/1915	Brinquedos importados de Londres e Paris

1-170-1-1-00125	16/12/1915	Brinquedos e bonecas importados de Londres e Paris
1-170-1-1-00325	18/10/1916	Abat-jours
1-170-1-1-00627	15/12/1917	"Últimas novidades em brinquedos"
1-170-1-1-00629	19/12/1917	Abat-jours

1-170-1-1-00728	20/03/1918	Abat-jours	<p>Liquidação Semestral ALGUMAS DAS OFERTAS ESPECIAIS DURANTE OS ÚLTIMOS DIAS DA LIQUIDAÇÃO</p> <p>SEÇÃO DE MOVEIS</p> <p>ABAT-JOURS</p> <p>MAPPIN STORES -- RUA 15 NOVEMBRO N. 26 - S. PAULO</p>
1-170-1-1-00773	29/04/1918	Abat-jours	<p>ABAT-JOURS e COLUMNS</p> <p>Novo modelo de ABAT-JOUR para pendentes, fundo branco ou preto com desenhos fantasia 5\$500</p> <p>COLUMNS com ABAT-JOURS, para mesa, completo 26\$000</p> <p>MAPPIN STORES Rua 15 de Novembro, 26 - S. Paulo</p>
1-170-1-1-00803	19/05/1918	Abat-jours	<p>COLUMNS ALTAS com ABAT-JOUR</p> <p>PREÇO ESPECIAL 58\$</p> <p>As columnas acham-se em madeiras diversas, sendo os abat-jours confeccionados de cretonnes artisticos.</p> <p>Seção de moveis</p> <p>MAPPIN STORES S. Paulo</p>
1-170-1-1-01044	21/07/1918	"A importância do abat-jour"	<p>A IMPORTANCIA DO ABAT-JOUR</p> <p>O abat-jour destaca a superioridade de uma sala e confere uma elegância que imparte a ela o requizito.</p> <p>Sempre que for necessário, uma sala grande e um ambiente amplo, a elegância e a harmonia da sala e que se destaca, esta qualificação torna muito agradável a residência e de extraordinária beleza.</p> <p>O abat-jour acrescenta a harmonia belicosa de luz elétrica que tem a vista, tornando a iluminação um fator agradável e importante a mais da sala que proporciona, sempre a agradável luz.</p> <p>Para proporcionar este artigo conveniente ao mercado apresento por preço reduzido, os seguintes abat-jours:</p> <p>Os abat-jours de Mappin Stores são fabricados em madeira de primeira qualidade, com acabamento artístico e de primeira ordem.</p> <p>Mappin Stores S. Paulo</p>

1-170-1-1-01050	23/07/1918	"A importância do abat-jour" [em italiano]
1-170-1-1-01199	19/09/1918	Abat-jours e lustres
1-170-1-1-01204	17/09/1918	Abat-jours e lustres
1-170-1-1-01313	01/11/1918	Mata-moscas

1-170-1-1-01315	13/11/1918	Abat-jours [em italiano]
1-170-1-1-01350	01/12/1918	Abat-jours
1-170-1-1-01396	16/12/1918	Abat-jours
1-170-1-1-01398	17/12/1918	Brinquedos (alguns deles, mecânicos)

1-170-1-1-01416	22/12/1918	Brinquedos (carrinhos)
1-170-1-1-01642	08/02/1919	Abat-jours
1-170-1-1-02096	23/09/1919	Abat-jours
1-170-1-1-02423	16/03/1920	Abat-jours

1-170-1-1-02439	18/04/1920	Abat-jours	<p>Caixa 1391 Tel. 45 Cent.</p> <p>Não deseja V. S. possuir um abat-jour para sua mesa de cabeceira?</p> <p>Column e abat-jour, completo, com lâmpada elétrica, conforme o esboço 118500</p> <p>Abat-jour para column ou pendente, de quatro lados, como se vê no desenho 38800</p> <p>Abat-jour de seda em lindas cores, para pendente ou column, em funil, como o desenho. 88500</p> <p>VEJAM HOJE AS NOSSAS VITRINAS</p> <p>MAPPIN STORES</p>
1-170-1-1-02608	08/12/1920	Brinquedos - "trens e aeroplanos"	<p>UMA GRUTA POLAR</p> <p>Alguns momentos de vivo prazer estão reservados para todas as crianças que visitarem a</p> <p>Encantadora exposição de Brinquedos</p> <p>que organizamos na loja do nosso prédio.</p> <p>A originalidade do aspecto desta "Gruta Polar" e os trens, aeroplanos, etc., em movimento constituem um conjunto que muito alegria a peizagem.</p> <p>MAPPIN STORES - RUA S. BENTO RUA DIREITA</p>
1-170-1-1-02616	18/12/1920	Abat-jours	<p>O LAR E O NATAL</p> <p>Para comemorar a festa tradicional P. S. pôde recorrer a um verdadeiro desfile em artigos encantados e abrigos, com fôrça própria.</p> <p>Oferecemos, para este fim, uma extraordinária variedade de objetos de ornamentação, tais como:</p> <p>Abat-jours - Columnas Almofadas - Tapetes Poltronas - Mezinhas, etc.</p> <p>Manter os artigos acima até 31 de dezembro, sem qualquer alteração de preço. Após esta data, os preços serão os de sempre.</p> <p>Mercê, portanto, uma vez especial a variedade de artigos para o Natal que trouxemos, por sua classe e beleza de sua beleza.</p> <p>Exatamente para de todos os artigos e de todos os artigos, a preços especiais.</p> <p>MAPPIN STORES</p>
1-170-1-1-02618	22/12/1920	Brinquedos	<p>MAPPIN STORES</p> <p>Grandes Exposições de Natal</p> <p>Brinquedos</p> <p>Aqui estão os artigos mais interessantes para o Natal, com preços especiais para a época.</p> <p>CHÁ DE NATAL</p> <p>Para as crianças</p> <p>O próprio São Nicolau</p> <p>PREÇO DO CHÁ 38000</p> <p>Mappin Stores</p>

1-170-1-1-02865	14/12/1921	Instrumentos musicais e de reprodução de música - "Pianola-Piano Duo-Art/ Pianos Steck/ Grammophones Aeolian Vocalion"
1-170-1-1-03032	03/12/1922	Inauguração da seção de utensílios domésticos - "baterias de cozinha, fôrmas para doces, sorveteiras, filtros, etc"; louça esmaltada "Anglo" e formas de vidro "Pyrex"
1-170-1-1-03039	15/12/1922	Utensílios domésticos - louça esmaltada "Anglo" e formas de vidro "Pyrex"
1-170-1-1-03047	29/12/1922	Abat-jours

1-170-1-1-03060	21/01/1923	Instrumentos musicais e de reprodução de música - pianos "Steck"/ fonógrafos "Aeolian Vocalion"	
1-170-1-1-03145	10/07/1923	Lustres	
1-170-1-1-03175	28/08/1923	Instrumentos musicais - piano e pianola "Steck"	
1-170-1-1-03190	21/09/1923	Utensílios domésticos - escova para encerar; balança; abridor de latas; saca-rolhas; quebra-nozes	

1-170-1-1-03246	24/01/1924	Utensílios domésticos - balança "Columbia"; geladeira "Neve"
1-170-1-1-03263	09/03/1924	Utensílios de cozinha de alumínio "Aurora"
1-170-1-1-03307	25/06/1924	Gramofones "Honos"
1-170-1-1-03327	26/09/1924	Pianos e pianolas "Steck"; gramofone "Grippa"

1-170-1-1-03385	27/01/1925	Gramofones "Grippa"
1-170-1-1-03391	11/02/1925	Seção de rádio - aparelhos receptores; alto falantes; baterias; lâmpadas; peças para montagem
1-170-1-1-03392	11/02/1925	Utensílios domésticos - máquinas para cerne; balança de precisão; relógios para cozinha, máquina de mayonnaise; esmagadores de batata, passadores; saca-rolhas; geladeiras; filtros; sorveteiras; garrafas térmicas "Thermos"; ferros elétricos
1-170-1-1-03397	24/02/1925	Gramofones "Grippa"

1-170-1-1-03400	05/03/1925	Gramofones "Grippa"
1-170-1-1-03402	08/03/1925	Utensílios domésticos de alumínio "Fulgor"
1-170-1-1-03415	26/03/1925	Utensílios domésticos em alumínio "Fulgor" e "Aurora"
1-170-1-1-03416	27/03/1925	Utensílios de radiotelefonia - lâmpadas, telefones; "pannaes"; galenas, "sockets"; "dials"

1-170-1-1-03426	10/04/1925	Gramofones "Gripa"
1-170-1-1-03427	12/04/1925	Utensílios domésticos em alumínio "Fulgor" e "Aurora"
1-170-1-1-03436	08/05/1925	Seção de rádio
1-170-1-1-03456	25/06/1925	Gramofones "Gripa"

1-170-1-1-03471	01/08/1925	Utensílios domésticos - utensílios em alumínio; picadores de carne; sorveteiras "Standard"
1-170-1-1-03485	03/09/1925	Gramofones "Grippa"
1-170-1-1-03492	20/09/1925	Moedor - "Machinas Universal"
1-170-1-1-03501	18/10/1925	Pianola- Piano "Duo-Art"

1-170-1-1-03523	08/12/1925	Utensílios domésticos - utensílios de alumínio; moedores (máquinas) para carne; sorveteiras; geladeiras
1-170-1-1-03529	23/12/1925	Presentes de Natal - lâmpadas; relógio-calendário
1-170-1-1-03570	10/04/1926	Utensílios domésticos
1-170-1-1-03577	30/04/1926	Utensílios domésticos - cafeteiras, máquinas para limpar tapetes; artigos em porcelana "Diamant"; artigos em alumínio "Fulgor"

1-170-1-1-03626	04/09/1926	Gramofones "Super Grippa"
1-170-1-1-03646	17/10/1926	Utensílios domésticos
1-170-1-1-03650	31/10/1926	Artigos de limpeza - máquina para limpar tapetes "Empire"
1-170-1-1-03653	07/11/1926	Geladeira "Mappin"

1-170-1-1-03657	14/11/1926	Geladeira "Mappin"
1-170-1-1-03661	24/11/1926	Gramofone portátil "Resona"
1-170-1-1-03663	04/12/1926	Gramofones "Pixie Grippa"; "Super Grippa"; "Vocalion"
1-170-1-1-03744	27/07/1927	Gramofones "Grippa"

1-170-1-1-03876	27/07/1928	Auto-ducha "Mappin"	
1-170-1-1-03904	05/10/1928	Lustres e abat-jours	
1-170-1-1-03923	02/12/1928	Máquinas fotográficas	
1-170-1-1-03970	06/03/1929	Gramofones portáteis "Metronette", "Micro-Perophone"	

1-170-1-1-03989	11/04/1929	Artigos de limpeza
1-170-1-1-04023	29/02/1929	Gramofones e discos
1-170-1-1-04025	04/07/1929	Utensílios domésticos em alumínio "Fulgor"
1-170-1-1-04028	16/07/1929	Máquinas fotográficas "Kodak"; "Goerz"; "Welta"; "Zeiss Ikon"

1-170-1-1-04037	01/08/1929	Utensílios domésticos - "Machina Universal"; balanças "Columbia"
1-170-1-1-04040	04/08/1929	Utensílios domésticos - Geladeira "neve"; geladeira "Mappin"; balanças "Columbia"
1-170-1-1-04056	08/09/1929	Garrafa térmica "Aurophan"
1-170-1-1-04063	02/10/1929	Geladeira "Mappin"; geladeira "Neve"; sorveteira "Hymalaia"

1-170-1-1-04072	29/10/1929	Auto-vibrador "Tower"
1-170-1-1-04089	08/12/1929	Novas mercadorias importadas
1-170-1-1-04105	s/d	Utensílios domésticos - geladeira "Neve"
1-170-1-1-04146	22/04/1931	Geladeira "Mappin"

1-170-1-1-04335	20/06/1931	Utensílios domésticos em alumínio [em alemão]
1-170-1-1-04337	20/06/1931	Utensílios domésticos em alumínio
1-170-1-1-04347	24/06/1931	Aparelho de ginástica "Maremlar"
1-170-1-1-04356	27/06/1931	Máquinas fotográficas

1-170-1-1-04433-01	26/07/1931	Utensílios domésticos - geladeira "Mappin"; balanças "Família"; picador "Universal"
1-170-1-1-04435-01	s/d	Utensílios domésticos - geladeira "Mappin"; balanças "Família"; picador "Universal" [em italiano]
1-170-1-1-04604-01	22/08/1931	Geladeira "Mappin" [em inglês]
1-170-1-1-04623-01	30/08/1931	Geladeira "Mappin"

1-170-1-1-04707-01	s/d	Geladeira "Mappin" [em italiano]
1-170-1-1-04712-01	28/04/1931	Geladeira "Mappin"
1-170-1-1-04822-01	out/31	Brinquedo "Meccano"
1-170-1-1-04824-01	out/31	Geladeira "Mappin"

1-170-1-1-04857-01	10/11/1931	Sorveteira "Mappin"
1-170-1-1-04873-01	14/11/1931	Sorveteira "Mappin" [em alemão]
1-170-1-1-04995-01	10/12/1931	Brinquedos - aeroplanos, automóveis, "Meccano", aparelhos de ginástica infantil
1-170-1-1-05182-01	31/12/1931	Utensílios domésticos - geladeira "Mappin"; sorveteira "Mappin"; máquina para limpar tapetes; balança "Familiar"

<p>1-170-1-1-05188-01</p>	<p>dez/31</p>	<p>Produtos importados da Europa e Estados Unidos</p>
---------------------------	---------------	---	---

Índice de imagens

* Utilizaremos as siglas MP e MCB para designar, respectivamente, Museu Paulista e Museu da Casa Brasileira

Imagem 1 - Chamada para anunciantes em A CIGARRA	35
Imagem 2 - Anúncio da Cia. Paulista de Eletricidade em A CIGARRA	38
Imagem 3 - Anúncio da Casa Negra em A CIGARRA	39
Imagem 4 – Anúncio da casa La Regina & Cia em A CIGARRA	39
Imagem 5 – Anúncio da Casa Edison em A CIGARRA	40
Imagem 6 – Anúncio da Victor Talking Machine em A CIGARRA	40
Imagem 7 – Catálogo da loja Sears, Roebuck & Company	44
Imagem 8 – Catálogo de artigos fotográficos da Samaritaine	44
Imagem 9 - Anúncio de brindes oferecidos pela revista O ECHO	45
Imagem 10 – Matéria sobre funcionamento de motor em O ECHO	46
Imagem 11 – Perfil de Santos Dumont em O ECHO	46
Imagem 12 – Página de charadas em O ECHO	47
Imagem 13 – Anúncio de lampião “Angle” em O ECHO	48
Imagem14 - Anúncio de lampião “Angle” em O ECHO	48
Imagem 15 – Anúncio de despertador americano em O ECHO	50
Imagem 16 – Anúncio do pião “Tio Sam” em O ECHO	51
Imagem17 – Anúncio do Bazar Yankee em O ECHO	52
Imagem 18 – Anúncio de brinquedos mecânicos em O ECHO	53
Imagem 19 – Anúncio de brinquedo em O ECHO	53
Imagem 20 – Anúncio de brinquedo em O ECHO	54

Imagem 21 – Anúncio de relógio “Omega” em O ECHO	55
Imagem 22 – Anúncio de relógio “Yankee” em O ECHO	55
Imagem 23 – Anúncio de máquina de manteiga em O ECHO	56
Imagem 24 – Anúncio de esticadores de calças em O ECHO	57
Imagem 25- Anúncio de afiador de navalhas em O ECHO	57
Imagem 26 – Anúncio de aparelho de barbear em O ECHO	57
Imagem 27 – Anúncio de aparelho de ginástica em O ECHO	58
Imagem 28 – Anúncio de máquina de costura em O ECHO	59
Imagem 29 – Matéria sobre cursos de costura em O ECHO	60
Imagem 30 – Matéria sobre fonografia em O ECHO	63
Imagem 31 – Anúncio de fonógrafo “Guarany” em O ECHO	65
Imagem 32 – Anúncio de gramofones “Columbia” em O ECHO	66
Imagem 33 – Anúncio de gramofones “Columbia” em O ECHO	68
Imagem 34 - Anúncio de gramofones “Columbia” em O ECHO	69
Imagem 35 – Anúncio de vitrolas “Victor” em O ECHO	70
Imagem 36 – Catálogo da RCA Victor	71
Imagem 37 – Anúncio de zoótropo em O ECHO	72
Imagem 38 – Anúncio de estereoscópio em O ECHO	72
Imagem 39 – Anúncio de cinematógrafo em O ECHO	73
Imagem 40 – Anúncio da casa Paul J. Christoph em A CIGARRA	75
Imagem 41 – Anúncio da casa “A Illuminadora” em O ECHO	75
Imagem 42 – Anúncio da Casa Negra em O ECHO	75
Imagem 43 – Anúncio da loja de Francisco Serrador no CORREIO PAULISTANO	76

Imagem 44 – Anúncio da casa “A Illuminadora” no CORREIO PAULISTANO	76
Imagem 45 – Anúncio da loja “Lion & Co.” no CORREIO PAULISTANO	76
Imagem 46 – Anúncio da loja “Lion & Co.” no CORREIO PAULISTANO	76
Imagem 47 – Anúncio da Mappin Stores	81
Imagem 48 – Anúncio da Mappin Stores no DIÁRIO ALLEMÃO	83
Imagem 49- Anúncio da Mappin Stores no FANFULLA	83
Imagem 50 – Anúncio da Mappin Stores	85
Imagem 51 – Anúncio da Mappin Stores	87
Imagem 52 – Anúncio da Mappin Stores	88
Imagem 53 – Anúncio de balança “Columbia” no DULUTH EVENING HERALD	89
Imagem 54 – Anúncio de balança “Columbia” no THE ARGUS	90
Imagem 55 – Anúncio da Mappin Stores	91
Imagem 56 – Anúncio de máquina “Universal” no HAWERA AND NORMANBY STAR	92
Imagem 57 – Anúncio das máquinas “Universal” na HOUSE FURNISHINGS REVIEW	93
Imagem 58 – Anúncio das máquinas “Universal” na HOUSE FURNISHINGS REVIEW	94
Imagem 59 – Anúncio da Mappin Stores	95
Imagem 60 – Anúncio da Mappin Stores	95
Imagem 61 – Anúncio da Mappin Stores	95
Imagem 62 – Anúncio da Mappin Stores	95
Imagem 63 – Batedor de ovos – Acervo do MP (06434)	115

Imagem 64 – Máquina de costura – Acervo do MP (03039)	115
Imagem 65 – Máquina de costura – Acervo do MP (03040)	115
Imagem 66– Máquina de costura – Acervo do MP (07677)	115
Imagem 67– Máquina de costura – Acervo do MP (08008)	116
Imagem 68 - Máquina de costura – Acervo do MP (03041)	116
Imagem 69– Máquina de costura – Acervo do MP (03489)	116
Imagem 70– Máquina de escrever – Acervo do MP (03042)	116
Imagem 71– Máquina de escrever – Acervo do MP (03043)	117
Imagem 72– Máquina de escrever – Acervo do MP (06226)	117
Imagem 73– Máquina de escrever – Acervo do MP (06581)	117
Imagem 74– Máquina de escrever – Acervo do MP (06583)	117
Imagem 75– Máquina de escrever – Acervo do MP (08574)	118
Imagem 76– Máquina de escrever – Acervo do MP (09632)	118
Imagem 77– Máquina de escrever – Acervo do MP (09748)	118
Imagem 78– Máquina de escrever – Acervo do MP (09810)	118
Imagem 79– Máquina de escrever – Acervo do MP (10497)	119
Imagem 80– Máquina para corte de cabelo – Acervo do MP (9012)	119
Imagem 81– Utensílios de cozinha (brinquedo) – Acervo do MP (9456)	119
Imagem 82– Disco (brinquedo) – Acervo do MP (07594)	119
Imagem 83– Ferro de passar (brinquedo) – Acervo do MP (03531)	120
Imagem 84– Ferro de passar (brinquedo) – Acervo do MP (08037)	120
Imagem 85– Ferro de passar (brinquedo) – Acervo do MP (08058)	120
Imagem 86– Ferro de passar (brinquedo) – Acervo do MP (08059)	120
Imagem 87- Ferro de passar (brinquedo) – Acervo do MP (08065)	121

Imagem 88- Ferro de passar (brinquedo) – Acervo do MP (08066)	121
Imagem 89– Aparelho de barbear – Acervo do MP (01233)	121
Imagem 90– Aparelho de barbear – Acervo do MP (06171)	121
Imagem 91– Aparelho de barbear – Acervo do MP (08737)	122
Imagem 92– Aparelho de barbear – Acervo do MP (10076)	122
Imagem 93– Estojo de barba – Acervo do MP (08869)	122
Imagem 94– Barbeador – Acervo do MP (10809)	122
Imagem 95– Barbeador – Acervo do MP (10972)	123
Imagem 96– Aparelho de barbear – Acervo do MP (10815)	123
Imagem 97– Extensor para ginástica – Acervo MP (01485)	123
Imagem 98– Extensor para ginástica – Acervo MP (01486)	123
Imagem 99– Extensor para ginástica – Acervo MP (01487)	124
Imagem 100– Extensor para ginástica – Acervo MP (01488)	124
Imagem 101– Extensor para ginástica – Acervo MP (01489)	124
Imagem 102– Extensor para ginástica – Acervo MP (01490)	124
Imagem 103 – Extensor para ginástica – Acervo MP (01491)	125
Imagem 104– Extensor para ginástica – Acervo MP (01492)	125
Imagem 105– Extensor para ginástica – Acervo MP (01493)	125
Imagem 106– Extensor para ginástica – Acervo MP (01494)	125
Imagem 107– Extensor para ginástica – Acervo MP (01495)	126
Imagem 108– Extensor para ginástica – Acervo MP (01496)	126
Imagem 109- Fogão – Acervo do MP (08003)	126
Imagem 110 – Moedor de café – Acervo do MP (09356)	126
Imagem 111 – Moedor de carne – Acervo do MP (08190)	127

Imagem 112 – Moedor de carne – Acervo do MP (08555)	127
Imagem 113 – Moedor de carne – Acervo do MP (11097)	127
Imagem 114 – Sorveteira – Acervo do MP (06628)	127
Imagem 115 – Abridor – Acervo do MP (08001)	128
Imagem 116 – Abridor de garrafas – Acervo do MP (07586)	128
Imagem 117 – Torrador de café – Acervo do MP (07674)	128
Imagem 118 – Torrador de café - Acervo do MP (08553)	128
Imagem 119 – Relógio - Acervo do MP (00125)	129
Imagem 120 – Relógio - Acervo do MP (00126)	129
Imagem 121 – Relógio - Acervo do MP (00237)	129
Imagem 122 – Relógio - Acervo do MP (01175)	129
Imagem 123 – Relógio - Acervo do MP (03466)	130
Imagem 124 – Relógio - Acervo do MP (06824)	130
Imagem 125 – Relógio - Acervo do MP (06825)	130
Imagem 126 – Relógio - Acervo do MP (08775)	130
Imagem 127 – Relógio de parede - Acervo do MP (11093)	131
Imagem 128 – Relógio - Acervo do MP (07230)	131
Imagem 129 – Maquinismo de relógio - Acervo do MP (01892)	131
Imagem 130 – Maquinismo de relógio - Acervo do MP (01893)	131
Imagem 131 – Maquinismo de relógio - Acervo do MP (01894)	132
Imagem 132 – Relógio de algibeira - Acervo do MP (04389)	132
Imagem 133 – Relógio de bolso - Acervo do MP (06049)	132
Imagem 134 – Relógio de bolso - Acervo do MP (06050)	132
Imagem 135 – Relógio de bolso - Acervo do MP (07226)	133

Imagem 136 – Relógio de bolso - Acervo do MP (07243)	133
Imagem 137 – Relógio de bolso - Acervo do MP (08016)	133
Imagem 138 – Relógio de bolso - Acervo do MP (08914)	133
Imagem 139 – Relógio de bolso - Acervo do MP (09817)	134
Imagem 140 – Relógio de bolso - Acervo do MP (10992)	134
Imagem 141 – Câmera fotográfica - Acervo do MP (08861)	134
Imagem 142 – Câmera fotográfica - Acervo do MP (09626)	134
Imagem 143 – Ferro de passar - Acervo do MP (03030)	135
Imagem 144 - Ferro de passar - Acervo do MP (03030)	135
Imagem 145 - Ferro de passar - Acervo do MP (03030)	135
Imagem 146 - Ferro de passar - Acervo do MP (03030)	135
Imagem 147 - Ferro de passar - Acervo do MP (03031)	136
Imagem 148 - Ferro de passar - Acervo do MP (03032)	136
Imagem 149 - Ferro de passar - Acervo do MP (03033)	136
Imagem 150 - Ferro de passar - Acervo do MP (03034)	136
Imagem 151 - Ferro de passar - Acervo do MP (03035)	137
Imagem 152 - Ferro de passar - Acervo do MP (03036)	137
Imagem 153 - Ferro de passar - Acervo do MP (03037)	137
Imagem 154 - Ferro de passar - Acervo do MP (03038)	137
Imagem 155 - Ferro de passar - Acervo do MP (08034)	138
Imagem 156 - Ferro de passar - Acervo do MP (08035)	138
Imagem 157 - Ferro de passar - Acervo do MP (08036)	138
Imagem 158 - Ferro de passar - Acervo do MP (08038)	138
Imagem 159 - Ferro de passar - Acervo do MP (08040)	139

Imagem 160 - Ferro de passar - Acervo do MP (08041)	139
Imagem 161 - Ferro de passar - Acervo do MP (08042)	139
Imagem 162 - Ferro de passar - Acervo do MP (08043)	139
Imagem 163 - Ferro de passar - Acervo do MP (08044)	140
Imagem 164 - Ferro de passar - Acervo do MP (08045)	140
Imagem 165 - Ferro de passar - Acervo do MP (08046)	140
Imagem 166 - Ferro de passar - Acervo do MP (08047)	140
Imagem 167 - Ferro de passar - Acervo do MP (08048)	141
Imagem 168 - Ferro de passar - Acervo do MP (08049)	141
Imagem 169 - Ferro de passar - Acervo do MP (08050)	141
Imagem 170 - Ferro de passar - Acervo do MP (08051)	141
Imagem 171 - Ferro de passar - Acervo do MP (08052)	142
Imagem 172 - Ferro de passar - Acervo do MP (08053)	142
Imagem 173 - Ferro de passar - Acervo do MP (08054)	142
Imagem 174 - Ferro de passar - Acervo do MP (08055)	142
Imagem 175 - Ferro de passar - Acervo do MP (08056)	143
Imagem 176 - Ferro de passar - Acervo do MP (08057)	143
Imagem 177 - Ferro de passar - Acervo do MP (08060)	143
Imagem 178 - Ferro de passar - Acervo do MP (08061)	143
Imagem 179 - Ferro de passar - Acervo do MP (08062)	144
Imagem 180 - Ferro de passar - Acervo do MP (08063)	144
Imagem 181 - Ferro de passar - Acervo do MP (08064)	144
Imagem 182 - Ferro de passar - Acervo do MP (08067)	144
Imagem 183 - Ferro de passar - Acervo do MP (08068)	145

Imagem 184 - Ferro de passar - Acervo do MP (08069)	145
Imagem 185 - Ferro de passar - Acervo do MP (08070)	145
Imagem 186 - Ferro de passar - Acervo do MP (08071)	145
Imagem 187 - Ferro de passar - Acervo do MP (08072)	146
Imagem 188 - Ferro de passar - Acervo do MP (08073)	146
Imagem 189 - Ferro de passar - Acervo do MP (08074)	146
Imagem 190 - Ferro de passar - Acervo do MP (08075)	146
Imagem 191 - Ferro de passar - Acervo do MP (08076)	147
Imagem 192 - Ferro de passar - Acervo do MP (08077)	147
Imagem 193 - Ferro de passar - Acervo do MP (08080)	147
Imagem 194 - Ferro de passar - Acervo do MP (08078)	147
Imagem 195 - Ferro de passar (brinquedo) - Acervo do MP (08120)	148
Imagem 196 – Ferro de passar (brinquedo) - Acervo do MP (08121)	148
Imagem 197 – Ferro de passar - Acervo do MP (09659)	148
Imagem 198 – Ferro de passar - Acervo do MP (08152)	148
Imagem 199 – Ferro de passar - Acervo do MP (08958)	149
Imagem 200 – Ferro de passar - Acervo do MP (09061)	149
Imagem 201 – Ferro de passar (brinquedo) - Acervo do MP (09852)	149
Imagem 202 – Fogãozinho (brinquedo) - Acervo do MP (09423)	149
Imagem 203 – Máquina de costura (brinquedo) - Acervo do MP (09872)	150
Imagem 204 – Máquina de costura (brinquedo) - Acervo do MP (11116)	150
Imagem 205 – Máquina de moer carne (brinquedo) - Acervo do MP (09373)	150
Imagem 206 – Panelinha (brinquedo) - Acervo do MP (09442)	150

Imagem 207 – Panelinha de escorrer (brinquedo) - Acervo do MP (09445)	151
Imagem 208 – Ralador de queijo (brinquedo) - Acervo do MP (09449)	151
Imagem 209 – Trem (brinquedo) - Acervo do MP (09516)	151
Imagem 210 – Aparelho de cortar pastel - Acervo do MP (07580)	151
Imagem 211 – Apito (brinquedo) - Acervo do MP (07590)	152
Imagem 212 – Apito (brinquedo) - Acervo do MP (07593)	152
Imagem 213 – Catavento (brinquedo) - Acervo do MP (07595)	152
Imagem 214 – Pião (brinquedo) - Acervo do MP (08390)	152
Imagem 215 – Caldeira de produção de vapor (brinquedo) - Acervo do MP (09849)	153
Imagem 216 – Vitrola - Acervo do MP (09631)	153
Imagem 217 – Gramofone - Acervo do MP (05393)	153
Imagem 218 – Fonógrafo - Acervo do MP (10813)	153
Imagem 219 – Lanterna mágica - Acervo do MP (08014)	153
Imagem 220 – Caixa de música – Acervo do MCB (0059)	164
Imagem 221 – Relógio de mesa - Acervo do MCB (0075)	164
Imagem 222 – Máquina de costura - Acervo do MCB (0099a)	164
Imagem 223 – Moinho de café - Acervo do MCB (0105)	165
Imagem 224 – Moinho de café - Acervo do MCB (0105a)	165
Imagem 225 – Torrador de café - Acervo do MCB (0118a)	165
Imagem 226 – Torrador de café - Acervo do MCB (0118b)	165
Imagem 227 – Torrador de café - Acervo do MCB (0119)	166
Imagem 228 – Máquina de costura - Acervo do MCB (0131)	166

Imagem 229 – Rádio-vitrola - Acervo do MCB (0132)	166
Imagem 230 – Moinho de café - Acervo do MCB (0166)	166
Imagem 231 – Máquina de costura - Acervo do MCB (0230a)	167
Imagem 232 – Máquina de costura - Acervo do MCB (0230b)	167
Imagem 233 – Geladeira/porta-gelo - Acervo do MCB (0295)	167
Imagem 234 – Rádio Art-Déco - Acervo do MCB (0308)	167
Imagem 235 – Ferro de passar - Acervo do MCB (0313)	168
Imagem 236 – Moinho de café - Acervo do MCB (0350)	168
Imagem 237 – Relógio de mesa - Acervo do MCB (0378)	168
Imagem 238 – Moinho de café - Acervo do MCB (0403)	168
Imagem 239 – Relógio - Acervo do MCB (0500)	169
Imagem 240 – Rádio - Acervo do MCB (0222)	169